



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA
VERNÁCULAS



PAULA RODRIGUES LEÃO

XÊNIA CONRAT

***RELATOS DE UMA VIAGEM PELA DOCÊNCIA: QUAL PROFESSOR
VOCÊ QUER SER HOJE?***

FLORIANÓPOLIS

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

PAULA RODRIGUES LEÃO

XÊNIA CONRAT

***RELATOS DE UMA VIAGEM PELA DOCÊNCIA: QUAL PROFESSOR
VOCÊ QUER SER HOJE?***

Relatório de Estágio de Docência apresentado ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Prof^{ra}. Dr^a Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Florianópolis

2012

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
I – DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	6
1.1 Histórico	6
1.2 Estrutura física e material	7
1.3 Realidade escolar	9
1.4 Filosofia da escola	11
1.5 Perfil da turma.....	12
1.6 Perfil da professora.....	13
II – OBSERVAÇÃO DE AULAS E SEUS RELATOS	15
2.1 Observação de aulas e relatos da Paula Rodrigues Leão	15
2.2 Observação de aulas e relatos da Xênia Conrat	21
III – PROJETOS DE DOCÊNCIA	33
3.1 Projeto de docência “Relato de viagem: para onde você quer ir hoje? e planos de aula documentados	33
3.2 Projeto extraclasse “Um sarau na semana Clarice” e plano de aula documentados	75
IV – RELATO E DOCUMENTAÇÃO DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA	88
4.1 Docência no projeto de sala de aula	88
4.2 Docência no projeto extraclasse	94
V – COMENTÁRIO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS	97
VI– ENSAIO SOBRE A EXPERIÊNCIA DA DOCÊNCIA	103
6.1 Uma viagem avaliativa: navegando pela experiência de ensino no estágio de docência I e II	103
6.2 O professor e a sua grande expedição: o ensino	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	115
ANEXOS	117

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado II, realizado nas dependências do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, foi a etapa final como estagiárias de Língua Portuguesa. Durante algumas semanas, observamos as aulas ministradas pela Professora Nara Caetano Rodrigues à turma do 1A do ensino médio, turno matutino. Após o período de observação, nos afastamos do colégio para planejarmos o nosso projeto de docência, ou seja, organizarmos as aulas que ministrariamos a turma. Além das atividades para a sala de aula, participamos e auxiliamos na organização do projeto extraclasse, no turno vespertino, com as turmas dos 2ºs e 3ºs anos, também ensino médio.

O projeto de Regência intitulado “Relato de viagem: para onde você quer ir hoje?” foi aplicado aos alunos do 1ºA, tendo duração de 16h/a. Já o projeto extraclasse intitulado “Um sarau na Semana Clarice”, oferecido a todos os alunos no período vespertino, teve duração de 10 h/a.

Depois de um período em sala de aula, tivemos experiências ímpares, pudemos aprender e compreender como se dá o ensino e o que é o ato de ensinar. Durante nossa formação acadêmica nos deparamos com diversas teorias pedagógicas cujo objeto de estudo era o processo de ensino e de aprendizagem. Entender todo o processo não é tarefa fácil, mas nós, futuras professoras, devemos saber que ensinar não é simplesmente repassar conhecimentos de um livro. É preciso planejar as aulas, articular objetivos, estratégias e metodologias que possibilitam a criação do espaço de interação. Pensar as aulas de Língua Portuguesa é observar e imaginar os dois lados da moeda, o de quem ensina e o daquele que aprende.

Este relatório final do estágio supervisionado II, portanto, tem por objetivo refletir sobre a prática pedagógica e o processo em que se dá o ensino e a aprendizagem. Além disso, esse documento contribui para a reflexão, a análise crítica e o compartilhamento de conhecimentos e experiências adquiridas no nosso próprio estágio. Somos sabedores de que

ensinar é uma tarefa difícil, pois devemos considerar fatores que extrapolam a sala de aula. Por isso, o estágio se torna uma peça fundamental na formação de novos professores, porque temos a oportunidade de conviver e vivenciar as possibilidades teóricas e metodológicas do ensino e da aprendizagem, bem como as relações sociais e a produção de sentidos que constituem esse processo.

Por fim, por meio do relatório final de estágio, esperamos retratar não só as práticas utilizadas nos projetos acima citados, mas nosso relato e reflexão sobre o trabalho realizado. Acreditamos que conduzir o processo de ensino e aprendizagem é algo bastante complexo. Por meio deste relatório, temos a possibilidade de analisarmos todas as etapas desse processo, a fim de identificarmos as falhas, as dificuldades e os acertos, que são de suma importância para o desenvolvimento da prática pedagógica e a constituição de uma reflexão baseada na teoria e na prática do ensino.

I – DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

Nome da escola: Colégio Aplicação

Órgão mantenedor: Universidade Federal de Santa Catarina

Horário de funcionamento: manhã (x) tarde (x) noite ()

Séries ofertadas: Ensino Fundamental a Ensino Médio.

Número de turmas: 15 de Anos Iniciais do Ensino Fundamental; 12 de Anos Finais do Ensino Fundamental; e 11 de 1º a 3º do Ensino Médio.

1.7 Histórico

O Colégio Aplicação, criado em 1961, tinha o objetivo de servir como campo de estágio destinado à prática docente dos alunos do curso de Didática da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). O funcionamento da Faculdade foi regulamentado pelo decreto-lei nº. 9.053 de 12/03/1946, que determinava que as mesmas tivessem um Ginásio de Aplicação - denominação dada ao colégio nesse período. Este Ginásio, destinado a prática docente dos acadêmicos da faculdade, foi solicitado em 31/07/1959, pelo diretor Henrique da Silva Fontes, e, somente em 15/03/1961, foi concedida a autorização para o funcionamento condicional, previsto no Ato nº. 5 da Inspeção Seccional de Florianópolis. Entretanto, o ofício nº. 673 do Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, autorizando o funcionamento do Ginásio de Aplicação, pelo período de quatro anos, foi ratificado apenas em 17/07.

Assim, o colégio passou a integrar o Sistema de Ensino Federal e funcionar com a 1ª

série ginásial, sendo que a cada ano seria acrescentada uma nova série, até completar todas as séries do ciclo ginásial. O Ginásio de Aplicação, desde sua criação até o ano de 1967, manteve o número de turmas, não cumprindo o previsto. Em 1968, foram criadas mais turmas para a 1ª e 2ª série ginásial, e seguindo o ideário de implementação progressiva, em 1970, havia duas turmas por série.

No ano de 1970, o Ginásio de Aplicação teve seu nome alterado para Colégio de Aplicação e passou a oferecer a primeira série do segundo ciclo, contendo os cursos Clássico e Científico. Nos anos seguintes, as outras séries do Ensino Médio foram implementadas. O Ensino Fundamental, a partir de 1980, teve um acréscimo de oito turmas, duas para o turno matutino e vespertino de cada uma das quatro séries iniciais.

Após alguns anos, com a Resolução nº. 013/CEPE/92, ficou estabelecido que teria três turmas por série, com 25 alunos em cada uma. Desde então o ingresso de alunos passou a ser via sorteio, dando abertura à comunidade. Dessa maneira, o Colégio de Aplicação, enquanto uma instituição experimental, criado para o desenvolvimento da prática docente, proporcionou experiências pedagógicas e estágios supervisionados de alunos dos cursos de Licenciatura e Educação.

O Colégio de Aplicação, atualmente uma das grandes instituições de ensino, atende o Ensino Fundamental e Médio, funcionando em prédio próprio, inserido no Centro de Ciências da Educação (CED), na Universidade Federal de Santa Catarina. Além disso, o colégio segue as políticas educacionais adotadas pela Universidade Federal de Santa Catarina, visando atender ao tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

1.2 Estrutura física e material

A estrutura física do colégio pode ser considerada ótima, as salas são amplas, arejadas, com carteiras e cadeiras apropriadas, armário para guardar materiais, quadro verde, e algumas já estão equipadas com aparelho de som, data-show e ar-condicionado. O material necessário para o andamento das aulas é suficiente, pois o colégio conta com uma inspetoria que dá o suporte para reserva de salas especiais e materiais que poderão ser utilizados, possibilitando a preparação de aulas diferentes. A equipe diretiva, sempre que solicitada, tenta atender e contribuir da melhor maneira possível. As dependências da escola consistem em:

- **Bloco A (administração):** 1 sala de convivência para Professores e Técnico-Administrativos; 1 banheiro masculino; 1 banheiro feminino; 1 recepção; 1 depósito para material de expediente; 1 sala da Direção Geral; 1 sala da Direção de Ensino; 4 salas de Coordenadorias (Estágios, Pesquisa e Extensão, Comunicação, Divulgação e Eventos, Administrativa); 4 salas para projetos; 2 salas do Serviço de Orientação Educacional; 1 sala do Serviço de Supervisão Escolar; 1 sala para Secretaria; 1 sala de Informática e Multimídia; 1 sala da Associação de Pais e Professores; 1 sala para consultório médico; 1 sala para gabinete odontológico; 1 sala de reuniões; 9 salas de aula; 1 sala para Inspeção; 1 sala para Coordenadoria de Apoio Administrativo ao Ensino; 1 sala para professores; 1 banheiro adaptado; 1 banheiro masculino; 1 banheiro feminino; 2 pátios cobertos; 1 cozinha para os funcionários terceirizados; 1 depósito para cadeira de rodas; 1 depósito para material de Educação Física; 1 sala para Xerox.
- **Bloco B (Galpão):** 1 Laboratório de Informática; 1 sala de atendimento; 1 sala de dança; 2 salas ambiente para práticas de Teatro; 2 salas ambiente para práticas de Música; 1 pátio coberto; 1 banheiro feminino; 1 banheiro masculino; 1 biblioteca; 1 sala para brinquedoteca; cozinha; 3 salas para aulas de recuperação de estudos; 4 salas para Projetos; 2 salas de aula.
- **Bloco D (Anos Finais e Ensino Médio):** 1 sala para a Inspeção; 2 salas para Coordenadorias de Apoio Administrativo ao Ensino Fundamental e Médio; 2 banheiros femininos; 2 banheiros masculinos; 2 miniauditórios; 14 salas de aula; 1 auditório; 1 pátio coberto; 1 sala de Apoio Pedagógico (AEE); 1 sala para atendimento; 1 sala para o Grêmio Estudantil; 7 laboratórios (Física, Química, Biologia, Línguas Estrangeiras, Matemática, Educação Física e Informática); 4 salas para aulas de Línguas Estrangeiras (Inglês, Alemão, Francês e Espanhol); 10 salas de estudos dos professores por disciplina.
- **Casinha de Artes:** 3 salas ambiente para prática de Artes Plásticas; 1 banheiro feminino; 1 banheiro masculino.

- **Áreas Externas:** 1 parque para crianças; 1 quadra de esportes descoberta; 1 campo de areia para futebol.

1.3 Realidade escolar

Por se tratar de uma escola “experimental”, como definido no decreto de 1946, o Colégio de Aplicação tem uma realidade diferente das demais escolas. Enquanto as demais têm como prioridade apenas o ensino regular, o CA atua como campo de observação, pesquisa, experimentação, demonstração e aplicação de métodos de ensino. Além disso, uma das finalidades dessa escola é desenvolver e produzir práticas e conhecimentos para melhorar a qualidade do ensino.

O Colégio de Aplicação atende alunos na faixa etária, aproximadamente, dos 6 aos 17 anos, que residem em diversas localidades, pois o ingresso na escola é feito via sorteio, aberto à comunidade. Assim, a escola atende alunos de diversas condições socioeconômicas. Não é possível delimitar se pertence a uma classe ou outra. Alguns estudantes são filhos de professores e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina. A maior parte dos alunos não exerce nenhum tipo de atividade remunerada, porque muitos se dedicam exclusivamente aos estudos e às atividades extracurriculares. Dessa forma, tem-se entre os pais da escola desde pessoas com pouca instrução até professores universitários. Tal gradação cultural gera uma série de diferenças de necessidades e exigências que os pais solicitam da escola, o que é normal num universo tão distinto como esse.

O CA também apresenta alunos em educação especial, portadores de deficiências variadas, porém a escola possui estrutura para recebê-los adequadamente. Como é ressaltado no PPP da escola (2012, p. 13): “não é o aluno que se molda à escola, mas é ela que, consciente da sua função, coloca-se à disposição do aluno, tornando-se um espaço inclusivo.” Neste contexto, o CA possibilita ao aluno com necessidades educacionais que participem do ensino regular e das demais atividades oferecidas pela escola. Dependendo do grau de dificuldade de aprendizado, o aluno dispõe de um bolsista para auxiliá-lo.

Para a escola, incluir significa dar a todos os alunos, independente de sua classe social, etnia, crença, sexo, ou de “capacidades físicas e cognitivas” uma educação de

qualidade. O objetivo consiste em não deixar ninguém fora da vida escolar e garantir que todos sejam aceitos em situação de igualdade, reconhecendo que cada um tem muito a contribuir com o grupo. Por isto, a escola acolhe a diversidade de experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada membro do grupo, viabilizando no cotidiano escolar a possibilidade de trocas, confronto, ajuda mútua e consequente ampliação das capacidades individuais e coletivas.

O CA, dessa maneira, assume a responsabilidade por construir, avaliar e adequar o currículo de maneira que este contribua para a formação de cidadãos críticos, ativos, membros solidários e democráticos de uma sociedade similar. Para isto, precisam somar todos os esforços possíveis. E contam com a dedicação de professores, pais e terapeutas, para juntos conseguir alcançar a maioria dos objetivos e para que cada aluno tenha possibilidade de se desenvolver cognitivamente, psicologicamente, socialmente e afetivamente.

Além da educação de inclusão, o Colégio de Aplicação oferece aos seus alunos a oportunidade de: cursarem disciplinas extracurriculares; participarem de projetos de intercâmbio cultural; ingressarem em projetos de iniciação científica; e frequentar oficinas de teatro, música e dança. A implantação dessas atividades e o tipo de organização curricular são aspectos diferentes do ensino público. Mas essa proposta metodológica e estrutura organizacional diferenciada devem-se ao fato de ser uma instituição vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina, que visa desenvolver atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. O CA, portanto, mais do que uma simples escola de ensino regular, configura-se como um centro de formação e desenvolvimento da prática docente. Por isso, sua realidade está tão distante das outras escolas.

Durante o estágio de observação, constatei que inclusive a estrutura administrativa do colégio é diferenciada, pois conta com um quadro de funcionários de aproximadamente 91 professores, 25 servidores técnicos administrativos e 7 servidores de orientação pedagógica. A escola conta também com: Diretor geral; Diretor de ensino; Coordenador Administrativo; Equipe de Assessoria Pedagógica; Supervisor Escolar; Orientadores Educacionais; Coordenador de Apoio Administrativo ao EF e EM; Coordenador de Estágio; Coordenador de Pesquisa e Extensão; e Coordenador de Comunicação, Divulgação e Eventos. Quanto à formação profissional, os professores são todos habilitados, os efetivos têm graduação, alguns com especializações em nível de mestrado e doutorado. Em relação ao corpo técnico-

pedagógico e o corpo técnico-administrativo, a escola tem um quadro de profissionais efetivos com nível superior e pós-graduação.

É importante salientar que alguns professores encontram-se na condição de readaptados, por isso cumprem suas atividades em diversos setores da escola, como: na secretaria, sala de informática, orientação e biblioteca. A escola também dispõe de agentes de serviços gerais, que trabalham 8 horas por dia. As atividades desses servidores distribuem-se em organização, vigilância, merenda, limpeza, manutenção e outras. Cabe ressaltar que a vigilância, os serviços de limpeza, merenda e manutenção, a exemplo das demais instituições públicas, é feita por empresas particulares que prestam serviços, por meio de licitação.

1.4 Filosofia da escola

Durante o período de observação tive a oportunidade de vivenciar a realidade escolar, as metodologias, as práticas de ensino e a estrutura organizacional da escola. Nesse tempo em que estive no colégio constatei que a sua proposta de ensino é a transmissão, produção e apropriação crítica do conhecimento com o fim de orientar os educandos e conscientizá-los da sua responsabilidade social, tornando-os cidadãos críticos e atuantes. Para tanto, a escola precisou mudar a mentalidade dos membros da comunidade escolar e elaborar uma proposta de trabalho com sua origem e fim na prática social concreta. O Colégio de Aplicação considera o contexto histórico-social como fator fundamental no processo de ensino.

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Proposta Pedagógica - instrumento que organiza o trabalho pedagógico, confere a identidade à escola, aborda a filosofia seguida por ela e apresenta sintonia com a Lei de Diretrizes Brasileiras e com os Parâmetros Curriculares Nacionais – observei que a escola organiza seu trabalho considerando os fatores e as mudanças sociais, além de compreender que seu espaço é um lugar no qual se vive e é profundamente afetado pela sociedade. “Assim, é possível pensar que estarão abertas as possibilidades para a construção de uma práxis capaz de transformar as relações sociais existentes na sociedade e, entre elas, aquelas que se dão na escola” (PPP, 2012, p. 6).

A proposta do PPP, portanto, pretende atender as necessidades e exigências da sociedade globalizada e multicultural, proporcionando autonomia, cidadania e criticidade aos alunos. A escola tem como um de seus deveres formar cidadãos livres, responsáveis e instruídos para produzir e atuar no processo de transformação e construção da sociedade. Cabe salientar que “o conhecimento escolar não é neutro, isto é, ele é permeado por ideologias, assim sendo, a escola precisa buscar desvelar os componentes ideológicos presentes nos conteúdos escolares que a classe dominante faz uso para manter seus privilégios” (PPP, 2012, p. 9).

Percebe-se, assim, que a realidade e a filosofia do CA é preparar seus alunos, orientá-los para que não sejam cidadãos passivos, mas tenham a capacidade de refletir e se posicionar criticamente perante determinado assunto. Além disso, o currículo escolar visa promover a construção dos conhecimentos, prevendo a sistematização de meios para que essa construção se efetive. Ao contrário das demais escolas públicas, que tem como maior preocupação a erradicação da evasão escolar e o ensino dos conteúdos básicos, o Colégio de Aplicação foca o seu trabalho na emancipação do sujeito.

A relevância está em fazer com que o aluno reconheça a validade do saber transmitido/construído na escola, e aproximar mais o saber da realidade, dos anseios e interesses dos alunos, isto é, dar significado ao conhecimento. O caráter flexível da seleção e organização dos conteúdos vem atendendo aos princípios e pressupostos metodológicos, apontando para um currículo que priorize um acervo de conhecimentos e instrumentos e necessários para o prosseguimento dos estudos. [grifos meus] (PPP, 2012, p. 10)

Por fim, o plano de ação da escola é constituído por ações que proporcionam à formação de um sujeito, exercendo seu papel dirigente na definição do seu destino, dos destinos de sua educação e da sua sociedade. Cada aluno tem um caminho diferente e a escola tem o papel de ajudá-lo a encontrar o seu. Trata-se, por fim, de enxergar o aluno como um sujeito cognoscente, pertencente a uma coletividade e um dado momento histórico, porém dotado de uma identidade que lhe confere o poder de exercer influência sobre o meio ao qual está inserido.

1.5 Perfil da turma

A turma observada foi o 1º ano A do Ensino Médio, do turno matutino. A turma tem 25 alunos, sendo 13 meninas e 12 meninos. A maioria corresponde à faixa etária entre 14 e 15 anos. De acordo com informações da professora de Língua Portuguesa, o perfil socioeconômico é bem variado, desde a classe baixa até a classe média. Durante a observação, foi possível constatar que a maioria tem acesso à internet. Isto porque, em diversas aulas, os alunos utilizavam aparelhos eletrônicos com acesso à internet, além de comentarem que possuem contas em redes sociais, como: facebook e twitter.

Na maior parte das aulas as meninas da turma demonstraram ser mais participativas, sempre colaboravam em todas as atividades, além de serem comunicativas e interessadas. Os meninos ficavam, na maioria do tempo, conversando e ouvindo música, porém quando precisam produzir não deixavam de cumprir as suas tarefas.

A turma, embora parecesse um pouco apática, era bem produtiva, sempre realizava as atividades e participava quando a professora solicitava. No decorrer das aulas as conversas paralelas eram inevitáveis, mas não era exagerada. Às vezes, quando a professora fazia algum questionamento, alguns alunos respondiam apenas para atender a vontade da professora. Um episódio recorrente no 1º ano A eram as saídas da sala, de vez em quando um aluno pedia para ir ao banheiro, mas na verdade ficava passeando pelo corredor.

Outro fato interessante era a participação de alguns alunos em Projetos de Iniciação Científica. Essa é uma particularidade do Colégio de Aplicação, que, desde a 8ª série, proporciona aos alunos a oportunidade de desenvolver atividades nas áreas de pesquisa, ensino e extensão. E essa proposta é muito bem aceita por todo o colégio. Durante as observações, percebi que os alunos estavam muito empolgados para começar a desenvolverem suas pesquisas.

1.6 Perfil da professora

A professora Nara Caetano Rodrigues, é graduada em Letras, desde 1990, pela Faculdade de Ciências e Letras Imaculada Conceição. Possui mestrado e doutorado na área de Linguística. Tem experiência na área de Língua Portuguesa e Linguística, com ênfase em

Linguística Aplicada ao Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de língua portuguesa, gêneros discursivos e formação de professores. É professora de Língua Portuguesa há vinte e um anos e trabalha no Colégio de Aplicação desde 1992. A professora faz parte do quadro efetivo e de dedicação exclusiva do Colégio de Aplicação, cumprindo uma carga horária de 40h/aula. No momento, a professora está envolvida em atividades dos projetos de pesquisa: Gestar II; Pés na estrada; Iniciação Científica Junior; e PIBIC.

A professora não centra suas aulas no livro didático, só o utiliza em algumas situações, quando julga ser necessário, ou encontra o conteúdo bem sistematizado e com bons textos. No planejamento de suas aulas tem a liberdade de selecionar materiais diversos, como: jornais e revistas, porque entende que esses suportes são uma leitura atualizada e viva, presente no cotidiano dos alunos.

A concepção metodológica adotada é baseada na concepção de linguagem como interação verbal, o aluno é o outro que precisa ser considerado, precisa participar e ter voz. Seu trabalho é pautado na teoria de gêneros discursivos, de Mikhail Bakhtin, mas também compartilha dos ideários de João Wanderlei Geraldi, Ângela Kleiman, Irandé Antunes e Magda Soares. Outro método de trabalho adotado é o uso da biblioteca, onde a cada fim de bimestre os alunos são convidados a escolher um livro para leitura e posterior escrita de fichas de leitura, ou análise reflexiva da obra lida.

II – OBSERVAÇÃO DE AULAS E SEUS RELATOS

2.1 Observações de aulas e relatos da Paula Rodrigues Leão

1ª Observação

Data: 13/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 09h e 30min a 10h e 10min

Assim que adentramos a sala, a professora nos apresentou à turma e nos deu oportunidade de nos apresentarmos também. A professora sugeriu que sentássemos em frente à turma e justificou que isso nos proporcionaria uma melhor visualização das aulas. Após sentarmos, a professora pergunta aos alunos se já trouxeram o trabalho (Memórias de Leitura), já que estavam no último dia do prazo de entrega. Grande parte da turma entregou. Quem não entregou, a professora orientou para trazer na próxima aula, mas não valeria peso máximo. A professora pede aos alunos que se organizem em dupla para prosseguir com a realização da elaboração de uma primeira versão de uma crônica, a partir da leitura de uma reportagem em revistas (Istoé). Durante o trabalho, alguns alunos estão conversando, principalmente o aluno que tem problemas de concentração e os que estão próximos a ele. Em nenhum momento a professora se senta, do contrário, fica monitorando os alunos e verificando se estão fazendo a atividade proposta. A professora sai da sala para procurar uma revista perdida que alguns alunos utilizavam e mesmo assim, a maioria prossegue com a elaboração. Os alunos do lado direito da sala estão produzindo, enquanto os do lado esquerdo conversam mais do que trabalham. A professora volta à sala dizendo que não conseguiu achar a revista e orienta os alunos a começarem a trabalhar com outra. A turma está concentrada na atividade e apenas uma dupla já terminou. A professora, vendo que o fim da aula se aproxima, faz a chamada e as anotações devidas no diário. Bate o sinal e encerra-se a aula.

2ª Observação

Data: 14/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 4h/a

Horário: 09h e 00min a 09h e 45min/ 10h e 00min a 10h e 45min

A aula inicia-se às 09h10min e assim que entra na sala a professora pergunta se há mais trabalhos sobre as memórias de leitura para serem entregues. Alguns alunos entregam. A professora pede que uma aluna pegue as revistas na sala de Língua Portuguesa para que prossigam com a elaboração da primeira versão das crônicas. A professora pede aos alunos, duas vezes, que se organizem em duplas para prosseguir com o trabalho. A professora solicita que eu ajude o aluno diagnosticado com dislexia, com sua dúvida. Ele queria saber como se escreve a palavra *aposentados*. Para os alunos que já concluíram a atividade, a professora entrega a cópia de uma crônica impressa para que façam a leitura e depois respondam algumas questões de análise (*Uma visão da vida*- Ignácio de Loyola Brandão). Os alunos que estão concluindo a crônica estão em silêncio, já os que estão lendo o texto conversam um pouco. Aos poucos, os alunos vão concluindo a atividade e copiam as questões de análise que a professora passou no quadro. Devido ao calor excessivo, a turma está um pouco agitada. Muitos também estão preocupados com a prova de Biologia na próxima aula. A turma está conversando e poucos estão copiando e respondendo às questões. Bate o sinal para o recreio. Após a volta, os alunos aparentam estar um pouco mais calmos. A professora começa a explicar sobre o surgimento da crônica e a questão da crônica no Brasil. Ela mostra à turma o livro *As cem melhores crônicas brasileiras*, e comenta sobre os cronistas que aparecem no livro, pergunta se os alunos os conhecem e vai lembrando que ao longo da trajetória escolar já leram alguns desses cronistas. A professora também leva o jornal *Diário Catarinense* para mostrar o meio de circulação das crônicas. Ela aproveita o momento para mostrar aos alunos o livro de Luis Fernando Verissimo que trabalharão na próxima aula, *Comédias para se ler na escola* e também traz jornais com crônicas atuais do autor. A professora começa a leitura da crônica entregue aos alunos e pergunta se alguém gostaria de ler. Timidamente, os alunos vão se candidatando. Após a leitura, a professora vai respondendo às questões oralmente com a turma. Para encerrar a aula, a professora apresenta o livro de J R V que fala sobre a diferença de conto e crônica. Ela pede aos alunos que procurem esse livro em casa e se tiverem oportunidade, que leiam. A aula termina.

3ª Observação

Data: 15/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 08h e 50 min a 09h e 30min

A professora chega à sala e informa que hoje a aula será voltada para leitura e acontecerá na biblioteca. Após a chamada, a professora mostra novamente o livro que lerão e fala sobre sua estrutura, mostrando o índice do livro. Ela diz que os alunos são livres para escolher qualquer crônica para leitura. Ela dá orientações acerca de como se portar na biblioteca, já que é um lugar que exige certa postura. Os alunos chegam à biblioteca e pegam os livros, previamente separados, e iniciam a leitura. Alguns permanecem na parte central da biblioteca, outros vão para uma sala mais reservada e outros vão para a sala de leitura infantil. No início, muitos grupos demoram a iniciar a leitura, mas com a passagem da professora por todas as mesas, começam a ler. Alguns alunos não gostam muito das crônicas que lêem, mas outros já se identificam. A professora pede para que nós também circulemos pelos grupos para fazer orientações. Os alunos pedem que procuremos crônicas menores, pois não estão motivados para ler.

Pelo menos todos os alunos leram no mínimo uma crônica antes de terminar a aula. Encerra-se a aula e os alunos voltam para a sala.

4ª Observação

Data: 20/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 09h e 30min a 10h e 10min

Ainda com alguns alunos fora de sala, pois estão na aula de Língua Estrangeira (realizada em salas diferentes), a professora entra. Aos poucos, os alunos chegam e ela faz a chamada. A professora pergunta aos alunos sobre o que fizeram na aula passada e somente alguns

respondem. Então, ela mesma estimula e começa a relembrar sobre o que fizeram. Nesse meio tempo, uma aluna, mostra para a professora uma crônica em árabe, retirada de uma revista. A professora mostra à turma e pergunta se alguém consegue entender alguma coisa. Os alunos, de forma divertida, lêem a crônica tentando adivinhar o que está escrito. Após esse momento, a professora escreve o nome do livro lido na biblioteca no quadro e também o nome do autor. Nesse momento ela aproveita para ressaltar as particularidades do nome do autor, Luis Fernando Verissimo, e atenta para o fato de que o nome não possui acentos, mesmo que de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa ele seja acentuado. Dessa forma, ela relembra rapidamente questões de acentuação com os alunos. Logo após esse momento, a professora pede que eles falem sobre as crônicas que leram do livro em questão e todos participam desse momento, ainda que com muita conversa paralela. A professora ressalta que o objetivo da atividade era que os alunos conhecessem e tivessem uma noção sobre o autor e conhecessem o estilo de escrita dele. Ela ressalta que os títulos das crônicas mostram que elas podem falar de assuntos do dia a dia. Ela explica a atividade que seria feita nessa aula, mas por falta de tempo seria feita na próxima, que consiste em receber livros de diferentes cronistas, escolher uma crônica e fazer uma análise, em duplas. Após explicar a atividade, a professora lê uma crônica de Marina Colasanti e destaca a parte que diz: *o cronista faz biscoito, mas na verdade é uma tecedura complexa*. Após a leitura ela discute com a turma o texto lido e mostra os livros que serão utilizados na próxima aula, além de comentar sobre os autores. Bate o sinal e encerra-se a aula.

5ª Observação

Data: 21/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 4h/a

Horário: 09h e 00min a 09h e 45min/10h e 00min a 10h e 45min

Imediatamente ao adentrar a sala a professora inicia a atividade proposta na aula anterior. Os alunos, em duplas, escolhem os livros e iniciam as leituras. Algumas duplas trabalham e outras ainda estão conversando. Os alunos demonstram muita dificuldade para escolher os livros e acham os títulos muito estranhos. Os livros escolhidos pela professora são da coleção *Para gostar de ler*, com crônicas de Luis Fernando Verissimo, Machado de Assis, Carlos

Drummond de Andrade, Sergio Costa Ramos e outros. A professora sai da sala para tirar cópia da atividade de análise (para que os alunos não percam tempo ao copiarem do quadro). Assim que chega com as atividades, distribui à turma. Como se observou no início, os alunos do lado direito da sala trabalham, já os do lado esquerdo conversam muito. Muitos alunos pedem auxílio da professora com as perguntas. Dessa forma, a professora vai passando pelas carteiras e vai auxiliando os alunos com suas dúvidas. Alguns alunos pedem inclusive a nossa ajuda. Bate o sinal para o intervalo. Assim que voltam, os alunos prosseguem com o trabalho. Muitos alunos já terminaram a atividade e estão ouvindo música com fones de ouvido. A professora pede à turma que se organize em círculo para iniciar a apresentação da atividade. Ela pergunta se alguma dupla gostaria de iniciar as apresentações e apenas uma dupla se voluntaria. Enquanto eles apresentam, grande parte da turma está desatenta e conversando. O sinal bate e a professora orienta que quem não apresentou, apresentará na próxima aula.

6ª Observação

Data: 22/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 08h e 50min a 09h e 30 min

Assim que entra na sala a professora pede aos alunos que peguem os livros escolhidos, organizem-se em círculo e prossigam com as apresentações. Ainda que com má vontade para iniciar, os alunos vão se candidatando. Como na última aula, a turma conversa muito enquanto as duplas apresentam. A última dupla destacou que não gosta do gênero crônica, já que está acostumada a ler romances e que em virtude disso, não acha as crônicas engraçadas. As duplas que apresentaram mostram um bom desempenho nas respostas dadas, apesar de confundirem muito o tema com o assunto da crônica. A professora orienta os alunos nas repostas e vai esclarecendo suas dúvidas. Bate o sinal e a professora avisa que os alunos vão continuar a apresentar na próxima aula.

7ª Observação

Data: 27/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 09h e 30min a 10h e 10min

A aula aconteceu na sala da 6ª B por conta da instalação de ar condicionado nas salas do Ensino Médio. A professora entra na sala e escreve no quadro as orientações para leitura do 1º semestre, que será sobre relatos de viagem (para 10/05). Alguns alunos que reclamaram do gênero crônica nas últimas aulas, não gostam do tema da leitura. Alguns alunos pedem indicação de títulos para a professora e ela se compromete em trazer na próxima aula e também pede que os alunos olhem em casa. A professora também pede que os alunos tragam o Livro Didático, pois utilizarão na próxima aula. Ela também pede aos alunos que se organizem em círculo novamente para dar continuidade as apresentações. Durante a chamada os alunos conversam muito e a professora tem que parar e esperar que façam silêncio. Após o término da chamada, os alunos pegam os livros das crônicas lidas e começam as apresentações. Durante a apresentação da primeira dupla, a professora tem que parar e chamar a atenção de duas alunas que estão conversando. Uma delas está utilizando o celular na sala de aula. A dupla que está apresentando não acha a crônica engraçada e diz que o sentimento que passou pela cabeça ao ler a crônica foi o de frustração. Outras duplas também apresentam. Faltam ainda quatro duplas, que se apresentarão na próxima aula.

8ª Observação

Data: 28/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 09h e 00min a 09h e 45 min

A professora entra na sala e pede que os alunos façam o círculo para terminar as apresentações. Os alunos não querem fazer o círculo, já que segundo eles isso dá muito trabalho e gostariam de apresentar do lugar. A professora sugere que eles apresentem, então,

na frente da sala, mas eles rejeitam imediatamente. A professora entrega um quadro, elaborado por ela, com a sistematização dos aspectos das crônicas lidas. Ela entrega aos alunos e orienta-os a completar conforme as duplas forem apresentando. Uma dupla apresenta e demonstra não gostar muito de preencher o quadro e que também está cansada das apresentações. O coordenador dos alunos entra na sala para entregar um comunicado aos pais e também pergunta se há alunos faltantes e se todos já receberam a agenda da escola. Outra dupla também apresenta e o sinal para o intervalo bate. Após o intervalo boa parte da turma ainda está fora de sala, mas aos poucos vão chegando. Após terminarem as apresentações e completar o quadro, a professora faz uma breve análise com os alunos e pede que elaborem um pequeno texto como tarefa, sobre as regularidades observadas nas crônicas. Apesar de não valer nota e não ser necessário entregar, o texto contará como atividade feita e a professora olhará o texto de cada aluno. Os alunos reclamam do prazo para a próxima aula e a professora estabelece outro prazo (03/04). Após passar as orientações para a elaboração do texto no quadro, a professora mostra os livros de relatos de viagem, como solicitado pelos alunos na aula anterior e fala sobre cada um deles. (*Em Busca do Sonho*- Família Schurmann, *Paratii- Entre dois Polos*- Amyr Klink e *Laowai*- Sônia Bridi). Poucos alunos demonstram interesse. Alguns perguntam sobre livros que já tem em casa e se eles se encaixam como relato de viagem. A professora ressalta que os relatos devem ser histórias reais ou pelo menos baseado em fatos reais. Encerra-se a aula também as observações.

2.2 Observações de aulas e relatos da Xênia Conrat

1ª Observação

Data: 13/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 09h e 30min a 10h e 10min

A aula começou às 09h e 45min. Ao entrar na sala de aula, a professora cumprimentou os alunos, muitos estavam em pé e fora da sala de aula, então ela pediu para que sentassem em

seus lugares. Os alunos estavam muito agitados e dispersos. A professora nos apresentou para a turma e explicou o que faríamos durante as aulas de Língua Portuguesa. Em seguida, chamou atenção dos alunos para a entrega dos trabalhos de “memória de leitura”, cujo prazo era quinta-feira (08/03) e havia sido prorrogado para terça-feira (13/03). A professora pediu para que os alunos se organizassem em duplas para continuar a tarefa da aula anterior, que consistia em escrever uma crônica a partir de uma reportagem escolhida numa das revistas disponibilizadas. Alguns alunos rapidamente se uniram com suas duplas, outros continuaram em pé e conversando. Durante a atividade a professora circulava pela sala para orientar os alunos e verificar se estavam realmente fazendo a atividade. Após alguns alunos demonstrarem ter dúvidas sobre a tarefa, a professora explicou novamente o que deveria ser feito, e como tinha muito barulho em sala de aula, ela precisou alterar sua voz. Depois da turma se acalmar, a professora explicou, pacientemente, que deveriam escolher uma notícia e elaborar a 1ª versão de uma crônica, que será refeita após lerem e estudarem mais sobre o gênero. Os alunos prestaram atenção na explicação, e em seguida, deram continuidade à atividade. Durante a aula alguns alunos brincavam com aparelhos eletrônicos, e ao observar tal fato, a professora solicitou que guardassem os aparelhos e se dedicassem à realização da tarefa. Observei que a maioria da turma estava focada na atividade, outros conversavam e ouviam música enquanto faziam. A professora se dirigiu a frente da sala e lembrou os alunos que precisam se inserir na crônica, contar a partir de um fato vivenciado, ou criado por eles. Ela lançou a presença dos alunos no caderno branco que fica sobre a mesa, onde o professor deve relatar os fatos ocorridos na aula. Depois conversou conosco sobre o comportamento e a produtividade da turma. A professora interrompeu a aula para chamar atenção de uma aluna que estava usando o celular. A aluna rapidamente guardou o celular e continuou a fazer sua tarefa. Minutos depois o sinal tocou e os alunos se levantaram e ficaram muito agitados. A professora solicitou que devolvessem as revistas e avisou que quem não tinha terminado a atividade poderia continuar na próxima aula.

2ª Observação

Data: 14/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 4h/a

Horário: 09h e 00min a 09h e 45min/ 10h e 00min a 10h e 45min

A aula começou às 09h e 10min. A professora entrou na sala e colocou seu material sobre a mesa. Depois cobrou a tarefa de “memória de leitura”. Ela pediu para que uma aluna fosse à sala dos professores pegar as revistas para darem continuidade à atividade de produção das crônicas. Enquanto aguardava a volta da aluna com as revistas, a professora realizou a chamada, e depois registrou no caderno branco a presença de cada um. Percebi que a turma estava bastante dispersa, conversavam muito e alguns alunos estavam fora dos seus lugares. A professora pediu que ficassem em silêncio e voltassem para os seus respectivos lugares. Depois perguntou se alguém já havia terminado a 1ª versão da crônica, e a maioria dos alunos informou que estava quase finalizando. Então, a professora solicitou que se reunissem com suas duplas e ficassem aguardando, em silêncio, a aluna entregar as revistas. Após receberem as revistas, os alunos retornaram às suas atividades. Notei que a turma conversava muito enquanto trabalhava. A professora pediu que fizessem a atividade em silêncio, pois estavam desconcentrando outros alunos. No meio da aula, duas alunas do 2º ano do Ensino Médio entram na sala de aula para dar um recado. Elas informam que haverá venda de bolo e refrigerante na hora do intervalo, e que o dinheiro arrecadado será destinado à compra de moletons para a turma do 2º ano. Os alunos ouviram atentamente as colegas e ficaram empolgados com o recado. A professora perguntou se poderíamos ajudar os alunos que estavam com dúvidas, e respondemos afirmativamente. Ela pediu que ajudássemos um aluno que estava com dificuldade para escrever a sua crônica, pois ele tem dislexia. Enquanto ajudávamos o aluno, a professora circulava pela sala observando se os alunos estavam fazendo a atividade de elaboração da crônica. Ela passava de carteira em carteira para ver como estava o andamento da produção escrita. Alguns alunos avisaram a professora que já haviam terminado a sua crônica. Em seguida, a professora entregou a crônica “Uma visão da vida”, de Ignácio de Loyola Brandão, para lerem. Ela disse que depois passaria, no quadro, algumas questões de análise linguística e interpretação do texto. O sinal do intervalo tocou às 09h e 40min e os alunos logo saíram da sala. Ao voltar para a sala, a professora virou-se para o quadro e começou a escrever as questões que os alunos deveriam observar no texto e,

posteriormente, responder no caderno. Observei que a turma estava um pouco agitada, alguns copiavam as questões, outros continuavam a atividade de produção da crônica e outros ainda permaneciam conversando. A professora precisou chamar a atenção de algumas alunas que estavam conversando muito alto e atrapalhando o andamento da aula. As questões que a professora passou para os alunos eram:

- 1- Qual o tema/assunto do texto?
- 2- Vamos pensar um pouco no modo como o texto foi construído. Diga o que é abordado em cada parágrafo.
- 3- Segundo o autor, que característica deve ter uma crônica?
- 4- O que diz o autor sobre o assunto da crônica?
- 5- Como o autor define crônica?
- 6- Qual a diferença básica apontada pelo autor entre crônica e conto?

Após escrever as questões no quadro, a professora se dirigiu à sua mesa e aguardou os alunos copiarem. Aproveitamos a oportunidade e perguntamos à professora se os alunos produziam mais realizando atividades individualmente ou em dupla. A professora relatou que as atividades em grupo são um pouco mais complicadas, porque cada um tem um ritmo, por isso é preciso cobrar que façam a tarefa. Um aluno interrompe a professora para pedir ajuda, pois estava com dificuldade de concluir sua crônica. Uma parte da turma continuava conversando e não estava copiando conteúdo do quadro, outros permaneciam em silêncio e focados nas suas tarefas. Na sequência, a professora cobrou, daqueles que haviam terminado, a 1ª versão da crônica. Ao verificar a quantidade de alunos que havia entregado a atividade, a professora observou que um aluno tinha escrito a sua crônica no lado errado da folha e que esta estava com as ribanas da espiral do caderno. Devido a este fato, a professora atentou aos alunos para a importância da aparência dos trabalhos entregues. Ela se levantou e, novamente, circulou pela sala para observar se os alunos estavam respondendo às questões sobre a crônica. Observei que os alunos estavam muito agitados, um dos motivos era o calor, pois a sala era abafada, outro era a prova de biologia, inclusive, alguns alunos estavam conversando sobre o conteúdo da prova. Uma maneira que a professora encontrou de manter o foco da turma era conversando com eles e chamando atenção para a realização da atividade. Antes de começar a discutir com os alunos as respostas dadas para as questões sobre a crônica lida, a professora explicou o que é o gênero crônica, onde ele veicula, qual a sua natureza e suas características. A professora também indicou o livro *As cem melhores crônicas brasileiras*, a fim de citar

alguns cronistas, mostrar o trabalhado que têm feito e o suporte, onde estão localizadas as crônicas. Além disso, a professora mostrou o jornal Folha de São Paulo, apresentando-o como mais um suporte onde estão situadas algumas crônicas e onde elas circulam na sociedade. Depois a professora também expos aos alunos o livro *Comédias para se ler na escola*, de Luiz Fernando Veríssimo, o qual seria estudado na próxima aula, quando fossem para a biblioteca. Ao terminar suas explicações, a professora solicitou que alguns alunos se dispusessem a ler a crônica de Ignácio de Loyola Brandão. Os alunos se prontificaram e a professora organizou a ordem da leitura. No momento de leitura a turma ficou em silêncio para ouvir. Após a leitura, a professora começou a discussão comentando que a crônica lida narra o próprio ofício de ser um cronista. Alguns alunos, timidamente, expressaram a sua interpretação do tema da crônica. A professora continuou instigando os alunos, fazendo várias indagações como: Do que se trata a crônica? O que difere a crônica de um conto? A qual contexto está relacionado à crônica lida? Os alunos permaneceram atentos e pensativos, ao passo que a professora foi explicando e respondendo às questões propostas. O sinal tocou e a professora avisou que continuaria a explicação na próxima aula. Alguns alunos logo saíram da sala, o restante ficou conversando.

3ª Observação

Data: 15/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 08h e 50 min a 09h e 30min

A aula começou às 08h e 55min. A professora entrou na sala e esperou os alunos se acalmarem. Fez a chamada e contou aos alunos que naquela aula iriam para a biblioteca e fariam a leitura de diversas crônicas. Instruiu a turma sobre o livro que iriam ler, *Comédias para se ler na escola*, de Luiz Fernando Veríssimo, e disse que deveriam, prestar atenção nas peculiaridades de cada crônica. A professora ainda comentou que a biblioteca é um lugar de silêncio, portanto, deveriam se comportar e guardar as conversas para a hora do intervalo. A turma saiu da sala e, tranquilamente, foi à biblioteca. Ao chegar, havia uma sala reservada para os alunos, onde estavam disponíveis os livros para leitura. Os alunos permaneceram em silêncio e alguns optaram por permanecer na sala reservada, outros se espalharam pela

biblioteca. Notei que alguns alunos foram ler na sala de literatura infantil, e acabaram se interessando pelos livros infantis. Era notável que todos estavam lendo, ou pelo menos já haviam lido algumas das crônicas do livro. A professora pediu para circularmos pela biblioteca e conversarmos com os alunos, perguntando o que eles tinham lido, se gostaram e o que julgaram interessante. Uma aluna avisou à professora que faltavam dez minutos para tocar o sinal, e os alunos ficaram agitados e ansiosos em voltar para a sala de aula. A professora disse que como faltava pouco tempo poderiam voltar devagar e sem fazer barulho.

4ª Observação

Data: 20/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 09h e 30min a 10h e 10min

A aula começou às 09h e 40min. A professora fez a chamada, enquanto os alunos se acomodavam e tiravam o material da aula. Após a chamada, uma aluna se levantou e mostrou para a professora uma possível crônica em árabe. A professora agradeceu o empenho da aluna em trazer algo diferente para mostrar à turma, e perguntou quem poderia ajudá-la a traduzir. Uma aluna se prontificou e começou a ler o título da crônica exatamente como estava escrito, sem saber a pronúncia. Depois a aluna inventou uma tradução para o título da crônica, e a turma inteira começou a rir. A professora agradeceu a participação e colaboração da aluna, dizendo que se ela não tivesse ajudado não conseguiria saber do que se tratava o texto. Nesse momento, todos riam da situação que a crônica escrita em árabe causou. Ao introduzir a próxima atividade, a professora retomou o que fizeram na aula anterior. Os alunos responderam que foram à biblioteca ler crônicas. Então a professora perguntou qual livro leram e qual era o autor. Alguns responderam corretamente, outros fingiram não saber só para provocar a professora. Ela escreveu o nome do livro e do autor no quadro, enfatizando o fato do sobrenome do autor ser acentuado. Ela perguntou por que o sobrenome deveria ser acentuado, e os alunos não responderam. Diante disso, a professora lembrou os alunos a regra de acentuação, dizendo que todas as palavras proparoxítonas são acentuadas, como é o caso de Veríssimo. Na sequência, a professora perguntou aos alunos o que se lembravam das crônicas lidas, e quais tinham lido. Os alunos começaram a dizer aleatoriamente o título das

crônicas, e a professora pediu para que falassem um de cada vez. Assim, ordenadamente, a turma foi contando a crônica que tinham lido e o que observaram. A professora aproveitou a empolgação dos alunos e foi anotando no quadro as crônicas que os alunos iam falando. Então, a professora perguntou o que acharam de ler crônicas. Alguns disseram que gostaram, outros não esboçaram reação nenhuma, e uma aluna comentou que não gostou das crônicas, pois prefere ler romances. Depois do comentário dos alunos, a professora leu os títulos das crônicas presentes no livro *Comédias para se ler na escola*, e perguntou quem havia lido. Os alunos iam dizendo sim ou não, se sim, a professora pedia para relatar o que leram. A professora precisou interromper a aula diversas vezes porque alguns alunos estavam conversando. Após a explanação das experiências de leitura dos alunos, a professora comentou que esperava que gostassem e percebessem as características das crônicas, como: estrutura narrativa, estilo de escrita, função do título, entre outros. Em seguida, avisou aos alunos que fariam uma atividade em dupla. Pediu a uma aluna para ir à sala dos professores e pegar os livros para a atividade. A professora, enquanto o aluno não chegava, preencheu o tempo da aula lendo uma crônica sobre o ato de fazer uma crônica, o que é, como se faz e quais os aspectos que a compõe. Os alunos, silenciosamente, ouviram a leitura da professora. Ao terminar a leitura, a professora perguntou aos alunos o que eles entenderam quando a autora diz que “as crônicas são como biscoitos, coisas pequeninhas, com um pouco de açúcar por cima, mas que tem uma tessitura complexa.” A turma não respondeu, mas a professora esclareceu que a crônica é algo que parece ser simples como um biscoito, só que possui um diferencial, um açúcar por cima que lhe dá um enfeite. Antes do término da aula, a professora ainda mostrou os livros que usariam para a próxima atividade. Ela explicou que deveriam escolher um livro, ler uma crônica, analisá-la e depois apresentar para a turma.

5ª Observação

Data: 21/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 4h/a

Horário: 09h e 00min a 09h e 45min/10h e 00min a 10h e 45min

A aula começou às 09h e 15min. A maioria dos alunos estava no corredor, por isso, a professora aguardou até que eles entrassem. A professora entrou na sala, colocou seu material

sobre a sua mesa, acalmou a turma e pediu para fazerem silêncio. Depois os orientou sobre o que fariam na aula. Disse que deveriam escolher um livro, ler algumas crônicas, escolher duas para analisar e apresentar à turma. A professora entregou aos alunos um roteiro do que deveria ser analisado. Após as instruções, os alunos foram até a mesa da professora e cada representante da dupla escolheu um livro. Antes de começar a atividade, vários alunos pediram para ir ao banheiro e a professora consentiu. Enquanto isso, fui pegar uma cadeira na outra sala e flagrei os alunos conversando no corredor. Entrei na sala e avisei à professora que alguns alunos não estavam no banheiro, mas conversando do lado de fora da sala. Ao entrar, percebi que a turma já estava organizada em duplas. Também verifiquei que a turma conversava muito e não estava realizando a tarefa. Os alunos que estavam fazendo o que foi solicitado eram poucos. Era notável que a turma, quando tinha alguma atividade para fazer, se dividia em dois blocos: o dos que faziam a tarefa concentrados e quietos e o dos que conversavam e ouviam música enquanto trabalhavam. A professora ficou na sua mesa e os alunos se dirigiam até ela quando precisam de auxílio. Alguns alunos iam várias vezes sanar dúvidas com a professora, trocar ideias sobre a interpretação e as respostas que dariam as questões. O sinal do intervalo soou. Os alunos saíram rapidamente da sala e a professora foi à sala dos professores. Ao voltar para a sala de aula, os alunos continuavam agitados e dispersos, aos poucos foram se acomodando. A professora pediu para que as duplas se reunissem e voltassem a fazer a tarefa. Ao observar que alguns alunos estavam com dificuldade de identificar a época em que foi escrita a crônica, a professora deu dicas, como: observar o tipo de linguagem, palavras antigas, descrição dos personagens, etc. Um aluno solicitou ajuda de uma das estagiárias para ler a crônica que havia escolhido e dizer que tipo de sentimento ela transmitia. A professora se levantou da sua cadeira e passou nas mesas observando quem tinha terminado, pois pretendia dar início às apresentações. Depois de alguns minutos, a professora pediu para fazerem um círculo. A turma se organizou e a professora informou que daria tempo para apenas duas duplas apresentarem, o restante ficaria para a próxima aula. Ao serem questionados sobre quem começaria apresentando, uma dupla logo se prontificou. No entanto, antes de começarem, a professora explicitou que a apresentação de um trabalho só tem sentido quando os outros escutam. Diante do aviso, a maioria da turma permaneceu calada e prestando atenção ao que era dito. No decorrer das apresentações a professora ia complementando as respostas, salientando aquilo que era de suma importância para a compreensão do gênero crônica. O sinal tocou e as apresentações foram interrompidas.

6ª Observação

Data: 22/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 08h e 50min a 09h e 30 min

A professora chegou com 10 minutos de atraso. A aula começou às 09h e 05min. Observei que muitos alunos estavam fora da sala. A professora pediu para que entrassem e se acomodassem em seus lugares. Em seguida, a professora se dirigiu a sua mesa e iniciou a chamada. A turma estava muito agitada, as conversas paralelas não paravam. Alguns alunos ainda estavam no corredor e outros passeando pela sala de aula. Após a chamada, a professora chamou as suas orientandas do PIBIC e perguntou por que não compareceram à reunião do projeto. As meninas responderam que não foram avisadas, não receberam o comunicado nem por email, nem oralmente. Enquanto a professora conversava com as duas alunas, a turma continuava conversando e fazendo muito barulho. Então, a professora tentou acalmá-los e pediu para que se colocassem em círculo, dando continuidade à apresentação das crônicas. Os alunos atenderam ao pedido, mas não paravam de conversar. Por isso, a professora repreendeu os alunos para que ficassem em silêncio e prestassem atenção na apresentação dos colegas. Um aluno, sentado no fundo da sala, estava conversando com o seu parceiro e a professora pediu que não conversasse mais. Ele respondeu que estava comentando sobre sua apresentação. A professora disse que deveria deixar os comentários para o momento da sua apresentação. Na sequência, a professora solicitou que alguma dupla começasse a apresentar, e uma dupla se voluntariou. À medida que a professora fazia as perguntas, os alunos respondiam prontamente. Assim procedeu ao restante da aula, a professora lia as questões que deveriam ter sido analisadas nas crônicas, os alunos respondiam, e ela comentava e acrescentava comentários às respostas. Diante das respostas dadas pelos alunos, a professora aproveitava a oportunidade e explicava que características, apresentadas na crônica escolhida pela dupla, que a caracterizavam como uma crônica. A professora perguntava aos alunos se nas suas crônicas havia: elemento surpresa, fato do cotidiano, ironia, humor e sutileza na escrita. Ela elencou esses elementos como sendo características gerais de uma crônica. Assim, a professora, com base nos dados repassados nas apresentações, explicou o que era um fato do cotidiano - aquilo de concreto que desencadeou a situação narrada na crônica- e o que era tema – algo mais amplo que o autor discute a partir do fato concreto. A aula prosseguiu dessa

maneira, até que o sinal tocou, às 09h e 30 min, e a turma imediatamente se dispersou. As alunas que estavam apresentando ficaram de continuar na aula seguinte.

7ª Observação

Data: 27/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 09h e 30min a 10h e 10min

Chegamos na sala do 1º ano A e fomos informadas que a turma estava tendo as aulas na sala do 6º ano B, devido a instalação do ar-condicionado. Com as mudanças a professora ficou um pouco perdida. Localizamos a sala onde estava a turma e nos dirigimos até lá. A professora entrou na sala e alguns alunos estavam em pé, conversando, outros ainda estavam andando pelos corredores da escola. Assim que depositou seu material na mesa, a professora foi ao quadro e anotou a atividade de leitura. O recado escrito no quadro era o seguinte: escolher um livro sobre um relato de viagem e lê-lo até o dia 10/05. A professora explicou que a tarefa de leitura seria cobrada pelas estagiárias e que valeria uma nota para o trimestre. Ela também informou que a escolha do livro era livre, mas poderia trazer algumas sugestões de leitura. Em seguida, a professora ainda salientou aos alunos que o livro deveria ser de um relato verídico, não fictício. Recomendou a leitura dos livros do escritor Amyr Klink, da família Schürmann, da Sônia Bridi, entre outros. A professora também comentou que durante o ano a turma faria algumas saídas de campo, e uma delas será a ida às fortalezas de Florianópolis. Avisou que na próxima aula precisariam trazer o livro didático. Após transmitir os recados, a professora pediu para se organizarem em círculo para terminarem as apresentações de análises das crônicas. Antes de começar as apresentações, uma aluna perguntou à professora se poderia deixar o seu livro na sala dos professores, pois poderia esquecer para a próxima aula. A professora perguntou se mais algum aluno teria trazido o livro, porque poderiam deixar todos na sala, caso fosse muito peso para trazerem. Na sequência, a professora fez a chamada e não conseguiu terminar porque a turma estava muito barulhenta. Ela pediu que fizessem silêncio para poder continuar a chamada e não perder mais tempo de aula. Solicitou aos alunos que pegassem o livro de crônicas que utilizaram para poder começar as apresentações. A turma

ficou em silêncio. A primeira dupla começou sua apresentação, mas a professora precisou interromper para chamar atenção de duas alunas que estavam conversando em voz alta e não prestavam atenção na aula. Depois, a dupla continuou a apresentar e, ao responder uma das questões que perguntava se a crônica continha humor, um dos alunos disse que sim, porém, não era muito engraçada. A partir desse fato a professora explicou que crônica é diferente de piada, é um humor mais sutil. Comentou ainda que essa sutileza com o narrar dos fatos é própria do gênero crônica. Em seguida, o sinal tocou e o término das apresentações ficou para a próxima aula.

8ª Observação

Data: 28/03/2012

Escola: Colégio Aplicação

Profª: Drª Nara Caetano Rodrigues

Carga Horária: 2h/a

Horário: 09h e 00min a 09h e 45 min

A aula iniciou às 09h e 10min. A professora entrou na sala e havia poucos alunos, muitos tinham ido ao banheiro. Os poucos que estavam na sala permaneciam quietos e sentados. Depois de alguns minutos, o restante da turma entrou na sala. A professora pediu que se organizassem em círculo para finalizarem as apresentações. Alguns alunos disseram que preferiam não fazer o círculo e apresentar nos seus lugares. Então a professora sugeriu que apresentassem na frente da turma, ou pelo menos virassem para os colegas. Em seguida, a professora entregou uma folha com um quadro sistematizando a leitura e análise feita pelos alunos. Pediu que, assim que os colegas fossem apresentando, anotassem as informações não preenchidas. A maioria dos alunos ficou em silêncio para ouvir as respostas. Enquanto uma dupla apresentava, dois alunos conversavam e jogavam bolinha de papel. De repente, o coordenador de grau entra na sala e pergunta à professora se pode dar um recado para a turma. A professora permite e o coordenador entrega um lembrete comunicando que haverá reunião na escola. Ele explicou que o recado deveria ser assinado pelos pais e entregue na coordenação. Ao continuar a aula, a turma estava muito agitada, conversava o tempo inteiro, enquanto escreviam as informações no quadro. Muitos reclamavam que não havia espaço suficiente para escrever as respostas. A professora disse que se fizessem uma letra pequena caberia. Percebi que essa atividade de anotar as respostas no quadro demandou muito tempo,

pois a turma, juntamente com a professora, tentava formular respostas curtas e que tivessem o mesmo sentido daquelas dadas pela dupla. Após o término das apresentações, a professora pediu que os alunos fizessem um texto sobre as regularidades apresentadas nas crônicas. Ela explicou que a atividade deveria ser feita a partindo do quadro elaborado, e com base na leitura e análise feita pelos colegas. A professora anotou no quadro as seguintes informações:

Elabore um pequeno texto explicando os aspectos observados com a leitura e análise dos textos do gênero crônica. Tarefa para o dia 03/04/12

Assim que terminou de escrever no quadro, o sinal para o intervalo soou.

III – PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1 Projeto de Docência “Relatos de viagem: para onde você quer ir hoje?” e planos de aula documentados

3.1.1 Problematização

Talvez nossa pouca experiência em sala de aula não nos confira segurança suficiente para a elaboração de um projeto de docência significativo. Motivos como a inserção tardia do aluno de Letras no espaço da escola, poucas disciplinas que enfatizem a prática de ensino e ainda uma turma pertencente a um Colégio de Aplicação, onde a maioria dos professores possui anos de experiência e pós-graduação, podem ser fatores que nos intimidem em nossa missão.

Porém, a partir das observações em sala de aula, participações nas reuniões de disciplina e conversas com os professores, adquirimos subsídio, ainda que pouco, para a elaboração de um projeto que levasse em conta as particularidades da escola e dos alunos. De acordo com Nara Caetano Rodrigues (2012, p. 67), um professor que possui domínio das práticas escolares que constituem o ser professor em uma escola sabe “transitar naquele espaço, conhece as rotinas do cotidiano da escola, os interlocutores que circulam na esfera da escola, sabe como trabalhar aqueles conteúdos”.

Embasadas na perspectiva adotada pelos Parâmetros Nacionais do Ensino Médio que “vêm a língua situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está presente e mergulhado. Não a língua divorciada do contexto social vivido”,¹ decidimos elaborar um projeto de regência que não ficasse restrito ao ensino tradicional, baseado nas regras gramaticais, livro didático e nos textos trazidos por esse suporte.

¹ Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2006.

O que pretendemos é vencer nossas próprias dúvidas e encarar a experiência de docência no Ensino Médio não como um obstáculo intransponível, mas como uma forma de superar nossos receios em relação a nossa pouca experiência em sala de aula. Lembrando, sempre, que o objetivo geral do colégio de aplicação hoje, “é proporcionar a transmissão, produção e apropriação crítica do conhecimento com o fim de instrumentalizar a responsabilidade social e a afirmação histórica dos educandos”.²

Assim, a preocupação não está unicamente em conteúdos gramaticais, produções de texto e leituras, mas ampliar o domínio de usos da língua nas diversas situações comunicativas, possibilitando a formação e a inserção do aluno no exercício da cidadania.

3.1.2 Apresentação

Os estudos literários seguem o mesmo caminho. A história da literatura costuma ser o foco da compreensão do texto; uma história que nem sempre corresponde ao texto que lhe serve de exemplo. O conceito de texto literário é discutível. Machado de Assis é literatura, Paulo Coelho não. Por quê? As explicações não fazem sentido para o aluno. (PCNEM, 2006, p. 58)

Quando adentramos em sala de aula e tivemos a oportunidade de acompanhar o trabalho da professora Nara, no 1º ano A, algo chamou nossa atenção. Mesmo com todos os esforços da professora para que os alunos se interessassem pelo gênero trabalhado (crônica), alguns alunos da turma não demonstraram interesse e em algumas situações davam a entender que as atividades propostas pela professora eram entediantes.

A culpa, se é que ela existe, certamente não é da professora. Esta se esmera para capturar a atenção dos alunos, incluindo atividades diversas e dinâmicas em seu planejamento, que vão desde idas de leitura livre à biblioteca, produções textuais a partir da leitura de revistas atuais, entre outras.

Uma situação de sala de aula pode ser mencionada. Durante uma apresentação sobre a leitura de uma crônica, a professora pediu para que a turma classificasse o sentimento

² Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação, 2012.

predominante no texto (os alunos poderiam escolher entre lirismo, humor, e ironia). A aluna em questão, na hora de responder a pergunta disse: *Professora, eu sei que a crônica é de humor, mas nós não achamos graça nenhuma porque a gente detesta crônica. Eu gosto de romance!*

Na fala da aluna é claramente perceptível que ela não se sente atraída pelo gênero crônica porque isso simplesmente não faz sentido com aquilo que está presente em seu cotidiano. Essa aluna provavelmente não tem o hábito de ler crônicas em casa e provavelmente nunca havia reparado que elas circulam em veículos de comunicação atuais até a professora mostrar em sala de aula.

É sabido que o professor precisa organizar seu planejamento de modo que ele fale a seus alunos, sempre lembrando de que o aluno é um outro.³ Porém, se a professora Nara, por exemplo, fosse levar em conta o fato de que sua turma não gosta muito de crônicas e não incluísse o gênero em seu planejamento, estaria deixando de cumprir com a obrigação do professor que é dar subsídio aos alunos para que eles possam transitar pelas esferas de conhecimento que estão fora da escola e para que eles tenham acesso aos conhecimentos culturais acumulados pela humanidade ao longo dos anos.

Os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio são claros quando expõem:

Sem dúvida, em vista da situação exposta, fica o questionamento sobre como organizar o currículo da disciplina no Ensino Médio. Bem sabemos que graves são os problemas oriundos do domínio básico e instrumental, principalmente da língua escrita, que o aluno deveria ter adquirido no Ensino Fundamental. Como resolvê-los? O diagnóstico sensato daquilo que o aluno sabe e do que não sabe deverá ser o princípio das ações, entretanto as finalidades devem visar a um saber lingüístico amplo, tendo a comunicação como base das ações. Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e “desconstrói” significados sociais. (PCNEM, 2006, p.17)

Com base na ideia trazida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, criamos nosso projeto, intitulado “Relatos de Viagem: Para onde você quer ir hoje?”, com o intuito de

³ Esse ponto traz a memória a teoria de Bakhtin sobre a alteridade.

hibridizar aquilo que faz sentido no mundo do aluno (a partir do estágio de observação) e àquilo que eles precisam conhecer.

Quando a professora Nara sugeriu que trabalhássemos com o tema *relatos de viagem*, pensamos que os alunos seriam atraídos pelo tema, porém, já na indicação do livro sobre relatos de viagem feita pela professora em sala, os alunos já mostraram pouco interesse. Como já tínhamos conhecimento desse fato, levamos em conta também essa questão em nosso planejamento.

Acreditamos que, priorizando situações e textos de usos públicos da linguagem, se tenha uma interação entre professor e aluno. O que seria uma estratégia para a construção do conhecimento, o confronto de opiniões e o exercício reflexivo. Enfim, trata-se de privilegiar textos que apareçam com maior frequência na realidade social dos alunos, mas sem deixar de introduzir os conteúdos planejados.

Como afirmam Coelho, Melo e Suassuna (2006, p.231), a

[...] vantagem dos projetos estaria essencialmente, na possibilidade que apresentam de tratar os conteúdos de modo articulado, aspecto esse de grande importância quando se trata da linguagem [...] quanto à definição dos temas dos projetos, os critérios devem se apoiar em: de um lado, do projeto político-pedagógico da escola e da disciplina ou série e, de outro, da realidade dos alunos e da comunidade escolar.

3.1.3 Justificativa

Ao optar pelo tema *relatos de viagem*, focamos automaticamente o nosso trabalho em sala de aula na literatura. Contudo, no que se refere ao ensino da literatura, concordamos com a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p.45), que “compreender o que é Literatura significa pensar que ela consiste em toda e qualquer produção escrita do homem, que tenha sido produzida em determinado momento histórico, ou ao longo de toda a história da humanidade” [...] Afirmamos, portanto, que as aulas de disciplina de Língua Portuguesa não devem separar Língua e Literatura, pois

[...] o divórcio entre língua e literatura, além de, por si só, corresponder a uma aberração, por incoseqüente em relação à natureza delas mesmas, é, no mínimo, um desserviço a todos, pois a língua é sempre reinventada na literatura, que, ao mesmo tempo, a estabelece para o futuro. (BRIDI, 1998, p.122 *apud* COELHO, MELO, SUASSUNA, 2006).

Escolhemos, portanto, trabalhar a língua(gem), contemplando a reflexão do ponto de vista da análise linguística relacionando-o ao literário. Para tanto, elegemos como suportes para o desenvolvimento do trabalho, os textos de Amyr Klink (Capítulo *Partir*, do livro *Cem dias entre o céu e o mar*), o poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa, o livro *A Fantástica volta ao mundo*, do jornalista Zeca Camargo, e a revista *Turismo e Viagem* e a *Carta de Pero Vaz de Caminha* ao Rei Dom Emanuel.

Buscamos fazer uma viagem naquilo que temos de mais atual hoje na literatura do gênero (Amyr Klink, Zeca Camargo), passando pelo poema de Fernando Pessoa, que refletia o sentimento do período das grandes navegações, até chegar ao primeiro relato da história de que se tem notícia, a *Carta de Caminha*. Com essas leituras, objetivamos que o aluno reflita sobre essas comparações de forma e estratégias de dizer.⁴

Além disso, pretendemos comparar aspectos linguísticos (ortografia, sintaxe, colocação verbal etc.) dessas escritas, refletindo acerca das classificações desses textos como literários ou não e comparando-os com estudos de gêneros anteriores ao estágio, para que o aluno possa à reflexão do uso na interação (produção e leitura) reescrever seus textos à luz dessas reflexões.⁵

⁴ Geraldi (2003)

⁵ idem

3.1.4 Referencial Teórico

[...] de nada valeria desenhar mapas se não houvesse viajantes para os percorrer. No entanto, entende-se que de nada valeria, também, se não tivesse quem os pudesse ver para, então, percorrê-los ou vendo-os não enxergassem a diversidade de possibilidades e caminhos, muitas vezes não desenhados.

(Solange Monteiro. Aprendendo a ver: as escolas da/na escola)

Há anos, a literatura tem sido utilizada em sala de aula como pretexto para o ensino de teorias gramaticais. O ensino de literatura era sistemático e pautado em roteiros de interpretação, história literária, fichamentos, exercício propostos pelos livros didáticos e pelo professor. Porém, essa visão vem sendo modificada. Hoje, o modo de ensino de literatura está se reconfigurando, devido ao tratamento que tem sido dado ao texto, à maneira com ele tem sido lido nas aulas. Pode-se se dizer que a relação da literatura e da leitura na escola está sofrendo uma metamorfose. Essa mudança se deve a inserção dos gêneros discursivos e literários no espaço escolar.

À luz da teoria de gêneros discursivos e literários, que vê a prática de leitura como ato político e social, pensamos em elaborar um projeto pautado no estudo do gênero literário relatos de viagens. Essa seria uma proposta interessante para promover a interdisciplinariedade, porque a literatura, segundo a teoria sobre os gêneros, é uma disciplina que envolve e correlaciona outras áreas do conhecimento (história, filosofia, geografia, etc.) (MARTINS, 2006). Assim, estabelecendo, por meio do gênero relatos de viagens, uma relação dialógica entre literatura e outras áreas do conhecimento contribuiremos para o processo de formação do aluno.

Se quisermos formar cidadãos críticos, capazes de pensar o mundo e agir sobre ele, precisamos dar subsídios para tanto. Como construiremos sujeitos críticos e criativos se não os colocamos frente a obstáculos e questionamentos? A Literatura, uma disciplina no ensino brasileiro desde seus primórdios, tempo em que fazia parte da tradição e da formação cultural do indivíduo, deixou de fazer parte da prática na formação dos alunos. Com a mudança de

tempos e do ensino, a qual todo cidadão tem direito, e com a demanda do mercado, a Literatura passa a ser questionada por sua falta de utilidade. A Literatura não satisfaz as exigências do mercado atual, e passa a ser vista como disciplina obsoleta. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002) acabaram por diluir a matéria juntamente aos conhecimentos de Língua Portuguesa, dando-lhe a mesma importância de outros gêneros textuais.

Portanto, lançamos aqui a proposta de trabalhar com a literatura, especificamente com os textos literários do gênero relatos de viagens. Um dos nossos objetivos é fazer com que a literatura não se resume apenas a trabalhos com livros, mas ao diálogo com outras produções, outras áreas que possam contribuir com a compreensão de que “a literatura é um fenômeno cultural, histórico e social, instrumento político capaz de revelar conflitos e contradições da realidade” (MARTINS, 2006, p. 90).

Por meio desse gênero escolhido, pretendemos dar a volta ao mundo, mostrar aos alunos que o conhecimento não se dá mais entre quatro paredes, mas em ambientes virtuais. É possível, com o auxílio da literatura, desenvolver a criatividade, a imaginação e instaurar o diálogo entre texto e leitores de épocas diferentes. Mas para isso, o professor precisa estar aberto para ouvir seus alunos, saber suas preferências, trazer elementos novos, tornando as aulas mais instigantes. “É importante que o professor não pense que sua função seja apenas a de ensinar, mas compreenda a importância de também aprender com os seus alunos em sala de aula” (RAMOS; CORSO, 2010, p. 24)

A situação da literatura como disciplina escolar não tem merecido a devida consideração, uma vez que sofreu sensível apagamento na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Não há uma preocupação em analisar as obras literárias de uma forma mais ampla, pois elas são sempre encaradas como pretextos para a análise gramatical. De acordo com Ligia Chiappini (2002, p. 8):

[...] o ensino de literatura se limita, na maior parte das vezes, a traçar panoramas de tendências e escolas literárias, de modo esquemático e desconectado do trabalho analítico e interpretativo. O ensino da língua e da literatura se apresenta também de forma inteiramente separada e, se no ensino fundamental, quem conduz alunos e professores é o livro didático, no médio são as apostilas que nada mais são do que compilações de vários deles.

Assim, segundo esses preceitos, o ensino de literatura visa o estudo da historiografia, que embora seja importante, não contribui por si para a formação dos leitores, e se esse

modelo continuar vigorando nas escolas, não poderemos ver a presença do leitor. Nesse sentido, como postula Martins (2006, p. 86):

a literatura não pode ser compreendida como objeto isolado, sem interferências do leitor, sem o conhecimento das condições de produção/recepção em que o texto foi produzido, sem as contribuições das diversas disciplinas que perpassam o ato de leitura literária, inter/multi/transdisciplinar pela **própria natureza plural do texto literário**. [grifos nossos]

Dessa forma, não há como ensinar literatura sem considerar os fatores externos de produção, circulação e recepção do texto. Como propõe Barthes (*apud* LAJOLO, 1993), a disciplina de literatura engloba todas as ciências, por isso não pode ser expulsada do ensino e nem estudada isoladamente. A Orientação para o Ensino Médio, visando dar ênfase ao estudo de textos literários, propôs ensiná-la como um tópico separado e de maior destaque. Impondo como finalidades para o Ensino Médio “o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado” (PCNEM, 2006, p.7), a Literatura volta como disciplina para a formação de um aluno crítico e com bagagem cultural.

Entretanto, essa metodologia, de certa forma, acabou isolando a literatura novamente. É preciso compreender que a Literatura é um modo discursivo, que vai além das elaborações linguísticas usuais, é menos pragmática e não foca nas aplicações práticas. O texto literário constrói-se pela palavra e pelos recursos que a língua oferece: organização sintática, seleção vocabular, figuras de linguagem, musicalidade e ritmo, mas, além disso, apresenta uma visão do mundo e da existência, ou seja, traz consigo marcas da humanidade – angústias, alegrias, sucessos, frustrações, conquistas, decepções (RAMOS; ZANOLLA, 2008, p. 5).

Por fim, o professor precisa ter em mente que o texto literário traz consigo a dimensão linguística e a dimensão humana, ou seja, uma contribui para a constituição da outra. Dessa forma, a metodologia de ensino deve possibilitar que o leitor aluno tenha acesso ao material humano presente na obra, deve ser capaz de perceber e dar sentido às estruturas linguísticas empregadas em sua construção. Para formar um aluno crítico e que seja capaz de interagir e atribuir sentido ao texto é preciso proporcioná-los a vivência do ato de leitura. Ou melhor, mostrá-los a ideologia presentes nos textos, os recursos linguísticos que visam criar

efeitos de sentido específicos e o contato com outras áreas. Não se pode aprender literatura apenas estudando sobre ela, sem debruçar-se sobre o objeto em si. A sala de aula é o espaço que irá formar leitores, no qual os alunos precisam passar pelos livros e aprender a usá-los e apreciá-los.

Como afirmam Beach e Marchall (*apud* MARTINS, 2006, p. 85):

o desafio do professor é ajudar os alunos a elaborar e rever suas interpretações iniciais, sem descartar totalmente suas primeiras leituras. O professor deveria colaborar com os alunos, visando à construção/reconstrução de interpretação e não simplesmente apresentando leituras já prontas. [grifos nossos]

Para ensinar literatura, o professor precisa saber o que é literatura, ou seja, conhecer, perceber e atribuir sentido aos elementos do texto. Só assim o professor leitor conseguirá proporcionar aos seus alunos a vivência, o conhecimento e o contato com outros mundos possíveis.

Nesse projeto, pensamos a literatura e o gênero relatos de viagens como um campo privilegiado de aprendizagem expressiva, pelo fato de mostrar e ampliar o horizonte de significados e possibilidades interpretativas, a partir de combinações de linguagens variadas, épocas e diferentes composições narrativas. Trata-se de prioritariamente, formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito (PCNEM, 2006). É necessário formar leitores autônomos, que consigam interpretar um texto, analisá-lo, discutí-lo e ter domínio sobre ele, apropriando-se da literatura.

Cabe a nós, professores, formar leitores críticos e também cientes da história e da cultura. Além disso, não podemos deixar de levar aos alunos a experiência estética e a reflexão sobre o real, o contexto de constituição do texto e a recepção de seus leitores. Não se trata, todavia, de repassar conhecimentos e verificar questões gramaticais, mas fazer com que o aluno tenha o papel ativo na leitura, desenvolvendo competências do pensar.

Em suma, literatura, mais do que um texto literário, é o lugar de constituição das relações sociais, por ela e através dela se expressam ideias, pensamentos, intenções e se influencia o outro. Nessa perspectiva, cabe ao professor ajudar o aluno a compreender os usos

da linguagem dos gêneros literários. O intuito não é alterar aquilo que o aluno já sabe, ou somente apresentar novas informações, mas aumentar os recursos que possui.

3.1.5 Objetivos gerais do projeto

-Compreender a linguagem como mediadora dos valores que circulam na sociedade e como meio de se ter acesso aos conhecimentos e de produzir novos conhecimentos, estimulando o pensamento autônomo e crítico.

-Ampliar as possibilidades de utilização da língua materna por parte dos alunos em diversos contextos, enfatizando as práticas de uso da língua por meio dos relatos de viagem, sabendo valer-se da palavra para produzir textos, sendo eles orais ou escritos.

-Compreender a leitura de relatos de viagem como um gênero que possibilita o aprendizado sobre diversos aspectos, apenas por meio da leitura;

3.1.6 Objetivos Específicos:

- Reconhecer a funcionalidade interativa do gênero relato de viagem;
- Analisar criticamente o gênero selecionado, em seu suporte e esfera de circulação;
- Realizar a leitura e desenvolver a competência leitora – localização de informação, interpretação e reflexão – no gênero relato de viagem;
- Realizar a leitura dos textos literários com o intuito de complementar e redimensionar a discussão sobre o tema;
- Explorar a importância do agenciamento dos recursos linguísticos para a construção de sentidos dos textos lidos e analisados - estratégias do dizer nos diferentes gêneros produzidos;
- Ter acesso à – *blogs*, revistas, vídeos e textos literários sobre o tema em questão, com o intuito de fornecer alimentação temática para o desenvolvimento das atividades propostas;
- Planejar e estruturar uma representação artística sobre um livro de relatos de viagem, a ser parte de uma exposição no Espaço Estético da escola.

3.1.7 Perspectiva Curricular

- Prática de leitura, escuta e análise dos textos propostos.
- Prática de leitura e análise epilinguística de relatos de viagem, com o intuito de explorar os elementos linguísticos e discursivos que constroem os sentidos do texto;
- Prática de fala e escuta nas discussões propostas em sala;
- Prática de escuta na exibição de vídeos;
- Prática de escrita na elaboração do relato de viagem.
- Prática de criação artística na confecção de uma representação sobre o livro de relato de viagem;

3.1.8 Metodologia

- Aulas expositivas-dialogadas;
- Leituras;
- Análises de textos;
- Apresentação de livros;
- Exibição de vídeos e *blog*;
- Elaboração de um relato de viagem fictício;
- Elaboração de uma representação artística sobre o livro de relato de viagem;
- Exposição das representações criadas no Espaço Estético;

3.1.9 Recursos Necessários:

3.1.9.1 Materiais:

- Projetor para a exibição dos vídeos;
- Computador para mediar a projeção;
- Caixas de som para vídeos e música;

3.1.9.2 Bibliográficos:

- Palavras para a dinâmica *A caixa das viagens*;
- Fotocópias dos textos a serem utilizados;
- Livros dos autores selecionados para exposição à turma;

3.1.10 Avaliação

A avaliação se dará pela participação individual e em grupo nas atividades realizadas em classe; envolvimento nas aulas; apresentação e preparo dos relatos e da representação artística; desempenho em avaliações escritas e orais em torno do material produzido pelos alunos (interpretação, relato e representação artística) e da compreensão leitora sobre os textos lidos. Os critérios que orientarão a avaliação serão:

- Envolvimento nas atividades de discussão proposta pelo professor;
- Participação dos alunos sob a forma de questionamentos e intervenções nas aulas expositivo-dialogadas;
- Interesse pelo aprofundamento do conteúdo trabalhado em sala de aula e pela busca de informações extras;

- Organização, clareza, objetividade, adequação vocabular e consistência argumentativa na apresentação de atividades orais;
- Expressividade, entonação, ritmo em situações de leitura de textos;
- Pertinência das respostas e das análises às questões propostas para compreensão e interpretação dos textos selecionados;
- Na produção do relato de viagem fictício:
 - adequação do texto à função social, situação de interação, ao gênero e ao interlocutor;
 - adequação dos recursos expressivos, lingüísticos e gráfico-visuais ao gênero proposto;
 - adequação do texto às convenções da norma padrão (concordância, regência, ortografia, acentuação, pontuação);
- Na produção da representação artística:
 - que a representação englobe a temática do livro como um todo e que contenha as informações destacadas no roteiro para realização da atividade;

Atividade 1:

-Interpretação do Texto *Partir* de Amyr Klink e do poema *Mar Português* de Fernando Pessoa. (Em duplas)

Peso: ponto +

Atividade 2:

-Apresentação à turma da leitura crítica de um capítulo do livro *A Fantástica volta ao mundo*, de Zeca Camargo, com comparações de aspectos da leitura anterior de Amyr Klink. (Em duplas)

Peso: ponto +

Atividade 3:

- Elaboração de um relato fictício (1ª e 2ª versão), a partir da escolha de uma matéria/crônica/opinião contida em um número da revista Turismo e Viagem. (Em duplas)

Peso: ponto+

Atividade 4:

- Criação de uma representação artística, a ser exposta no Espaço Estético da Escola, sobre a leitura de um livro de relato de viagem.

Peso: 100%

3.1.11 REFERÊNCIAS

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2006.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 2002. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 12 de abril de 2012

CHIAPPINI, Ligia.(coord.). *Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. São Paulo: Cortez, 2002.

COELHO, Wanderley Elias; MELO, Iran Ferreira de; SUASSUNA, Lívia. *O projeto didático: forma de articulação entre leitura, literatura, produção de texto e análise linguística*. In: BUNZEN, MENDONÇA, KLEIMAN [et al]. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: parábola editorial, 2006.

DUARTE, Nórís Eunice Wiener Pureza. *A abordagem do texto nas aulas de língua materna em duas realidades educacionais distintas – brasileira e unguaiá*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2006.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Da redação à produção de textos*. In: GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (Coord.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Ler e compreender: os sentidos do texto*/Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Ivanda. *A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?* In: BUNZEN, MENDONÇA, KLEIMAN [et al]. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: parábola editorial, 2006.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio de Aplicação. Versão resumida, 2012.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. *Apostila de Literatura e ensino*. Florianópolis, 2010.

RAMOS, Flávia Brocchetto; ZANOLLA, Taciana. *Repensando o ensino de literatura no Ensino Médio: a interação texto-leitor como centro*. Artigo apresentado em 17 de dezembro de 2008. PUCRS.

RODRIGUES, Nara Caetano. *A construção dialógica do discurso do professor de Língua Portuguesa*. São Paulo: Pedro & João editores, 2012.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares*. - Florianópolis: COGEN, 1998.

3.1.12 ANEXOS

PLANO DE AULA N°1

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Paula Rodrigues Leão**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **24/04/2012**

Horário: **09h30min às 10h10min (1 aula de 40 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Introduzir o tema do projeto aos alunos de forma que associem ao livro de relatos de viagem que estão lendo;
- Prepará-los para o trabalho com o texto de Amyr Klink, na próxima aula, por meio de um vídeo que lhes proporcione um conhecimento mais amplo sobre o autor;

2.2 Objetivos Específicos

1ª encontro

- Refletir sobre o tema do projeto e a leitura que estão fazendo;
- Responder às questões trazidas pela dinâmica *A caixa das viagens*;
- Assistir ao vídeo *O que vi da Vida*- Amyr Klink;

3 Conhecimentos

- Vídeo

4 Metodologia

Aula 1 – 40 min

- Breve reapresentação das professoras, explicações e orientações acerca do cronograma. Os alunos ficarão cientes do início e término do estágio, porém o tema do projeto não será mencionado nesse momento; (10')
- Dinâmica *A caixa das viagens*. Com os alunos organizados em círculo, uma caixa com palavras que remetem ao tema viagem (países e pontos turísticos) rodará entre a turma ao som de uma música (*Viajar- Papas da Língua*). Quando a música parar, o aluno que estiver com a caixa, escolhe uma palavra e fala algo relacionado àquela palavra (Ex: Se o aluno retirar a palavra Paris, poderá falar Torre Eiffel, Museu do Louvre, Arco do Triunfo, forte gastronomia, cafés...). O objetivo da dinâmica é fazer com que os alunos descubram o tem do projeto (relatos de viagem), sozinhos. (20')
- Apresentação do vídeo *O que vi da vida* - Amyr Klink para introduzir e situar os alunos acerca do autor do texto a ser trabalhado na próxima aula; (10')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Participação na dinâmica;

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Dicionário analógico da Língua Portuguesa. São Paulo: Lexikon Editorial, 2010.

6.2 Referências para os alunos

Vídeo *O que vi da vida* - Amyr Klink. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=khw9UA3E8c> Acessado em 13 de abril de 2012.

7 Anexos

Palavras para a dinâmica: PARIS; CATARATAS DO IGUAÇÚ; PELOURINHO; CALÇADA DA FAMA; NOVA IORQUE; ITÁLIA; HOLANDA; BIG BEN; RIO DE JANEIRO; MUSEU DO LOUVRE; EGITO; JERUSALÉM; CHINA; POLO NORTE; SUÍÇA; VENEZA; DUBAI; GRÉCIA; JOINVILLE; SÃO PAULO; HAVAIÍ; INDONÉSIA; CHILE; ARGENTINA; COLISEU; ESTÁTUA DA LIBERDADE; MACHU PICCHU

PLANO DE AULA Nº2

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Xênia Conrat**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **25/04/2012**

Horário: **09h00min às 09h45min e das 10h05min às 10h50min. (2 aulas de 45 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Situar o aluno a cerca do texto por meio da apresentação do suporte (livro) em sala;
- Ser capaz de estabelecer relações entre o texto de Amyr Klink e o de Fernando Pessoa;

2.2 Objetivos Específicos

- Ler o texto “Partir”, de Amyr Klink;
- Acompanhar dramaticamente a leitura do poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa;
- Conhecer aspectos sobre a obra e vida dos autores citados;
- Realizar a atividade de análise dos textos;
- Participar da correção oral com a turma;

3 Conhecimentos

- Texto Literário
- Poesia

4 Metodologia

Aula 1

- Tempo para ordem da turma; (5’)
- Relembrar o que foi feito e discutido na aula anterior, como: qual gênero será trabalhado? O que significou a dinâmica da caixa de viagem? Do que se tratava o vídeo assistido? (10’)
- Leitura silenciosa do texto *Partir*, capítulo primeiro do livro *Cem dias entre céu e mar*, de Amyr Klink.(15’)
- Fala sobre o autor e seu livro (data, estilo literário), destacando o prefácio (poema *Mar Português*- Fernando Pessoa) e também uma breve fala sobre a vida e obra do poeta; (10’)
- Leitura dramática do poema de Fernando Pessoa. (Pedir a um aluno que faça a leitura) (5’)

Aula 2

- Comentar a relação entre os textos lidos, o que eles têm em comum (tema, assunto); (10’)
- Propor a realização de uma atividade de interpretação e compreensão, para entregar, em duplas, sobre o capítulo e o poema lido. (30’)
- Entrega do roteiro para a atividade de criação de uma representação artística a partir da leitura de um livro de relato de viagem; (5’)
- Breve correção oral da atividade realizada em sala. (10’)

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Leitura dos textos propostos;
- Entrega da atividade sobre os textos (ponto +);
- Envolvimento na discussão sobre a atividade;

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

Disponível em: http://www.amyrklink.com.br/AmyrKlink_Detalhes.aspx?idConteudo=14
Acessado em 16 de abril de 2012.

Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~magno> Acessado em 16 de abril de 2012.

6.2 Referências para os alunos

AMYR, KLINK. **Cem dias entre céu e mar**. Companhia das Letras. São Paulo, [1985] 2005.

PESSOA, Fernando. *Mar Português*. IN: PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965.

7 Anexos

I – Atividade de interpretação e compreensão

COLÉGIO DE APLICAÇÃO- CED/UFSC

ENSINO MÉDIO- 1ª SÉRIE

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORAS: Paula Rodrigues Leão (Estagiária) e Xênia Conrat (Estagiária).

DATA: 25/04/2012

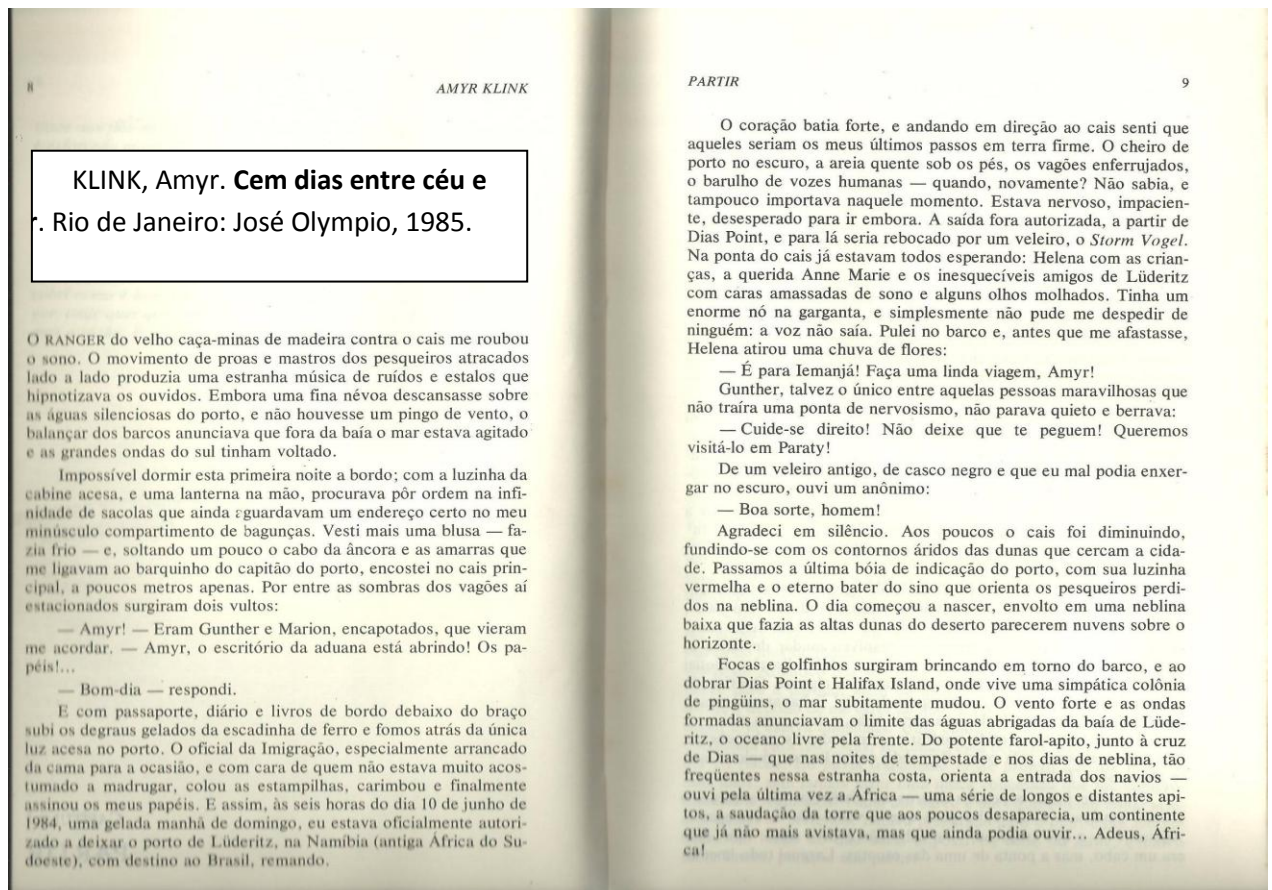
NOMES:

ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO

A partir da leitura do Capítulo “Partir”, do livro *Cem dias entre céu e mar*, de Amyr Klink, e do poema *Mar Português*, do poeta português Fernando Pessoa, você deverá responder, em dupla, as questões de interpretação e compreensão dos textos.

- 1- Qual o tema dos dois textos?
- 2- Os textos pertencem ao mesmo gênero discursivo?
- 3- Quando e onde os textos foram escritos? Qual a finalidade e linguagem? Ambos são textos literários? Justifique.
- 4- Quais elementos os diferenciam?
- 5- No início do seu livro, Amyr Klink cita alguns versos do poema *Mar Português*, por que você acha que o escritor selecionou tal trecho?
- 6- Destaque um trecho de “Partir” que transmita a mesma idéia da 2ª estrofe do *Mar Português*.

II – Capítulo “Partir”, do livro *Cem dias entre o Céu e o Mar*, de Amyr Klink



Começou, então, a despedida da tripulação do *Storm Vogel*. Catastrófica despedida. Eu havia esquecido meu casaco vermelho e uma máquina fotográfica no veleiro, antes de deixar o porto, e pedi aos berros, por causa do vento que não parava de aumentar, que me passassem o material. Com o mar cada vez mais agitado, uma aproximação tornava-se tarefa delicada. Atirei um cabo, para auxiliar a manobra, mas ao ser puxado por barlavento descí uma onda em velocidade e entrei com o bico de proa no costado do veleiro, abrindo um pequeno rombo. Ficaram todos apavorados com o choque, e mais ainda com o furo no casco, e então tentaram passar em rumo oposto ao meu.

Não sabia exatamente o que fazer; as ondas começavam a preocupar, mas era certo que eles estavam com excesso de pano para aquele vento. Só então percebi que eram completamente inexperientes e não entendiam nada de vela.

Com o veleiro adernado pelo vento, sem ângulo de visão e em grande velocidade, o comandante errou a manobra e veio exatamente em cima de mim. Proa com proa, um choque tremendo, pensei que fosse afundar. Todas as coisas soltas dentro do barco voaram, e a antena de rádio, instalada do lado de fora, partiu-se ao meio e caiu na água. Junto foi uma bobina para comunicados a curta distância, em 40 metros, que ganhei do Gerd (formidável radioamador de Lüderitz) e que serviria para lhe mandar notícias nos primeiros dias.

Estava apavorado. O *cockpit* cheio de água, as ondas arrebatando, um frio tremendo, e a antena principal perdida. Meu Deus, que começo! Descontrolada com a força do vento, com velas panejando e escotas voando, a tripulação resolveu mudar de tática e, com o vento a favor, avançou de novo em minha direção. Fiquei histérico, não queria mais o casaco nem coisa alguma. Queria que fossem embora, aquilo estava perigoso demais! Faltavam só capa e lanças para parecer um duelo — a capa, aliás, estava com eles — e vieram desta vez em sentido contrário, com todas as velas cheias, levantando espuma pela proa. Berrando como louco, implorei que se afastassem. Inútil.

Cruzando proas a poucos metros de distância, me atiraram o casaco amarrado a um cabo para que o vento não o carregasse. Agarrei-o — e que surpresa! — o cabo não estava solto. Pior. Não era um cabo, mas a ponta de uma das escotas. Larguei tudo imedia-

tamente; mas, enquanto o veleiro seguia veloz, a ponta que estava comigo ainda presa ao casaco enroscou-se num dos remos, o cabo esticou, partiu-se e o remo espirrou para cima, caindo no mar. Fiquei sem meu remo, e eles sem a escota da vela grande que panejava de maneira desesperada. Tudo se passara em frações de segundos. Tinha de qualquer modo que recuperar o remo. Era uma situação das mais absurdas! Desamarrei um dos remos de reserva que estavam firmemente atados sobre o convés e, enfurecido, quase chorando de raiva, parti em direção ao remo perdido que se afastava com rapidez. Quarenta e cinco minutos de luta com as ondas e o vento para conseguir, todo ensoado, capturar o remo acidentado. Não, não podia ser verdade — quarenta e cinco minutos, e as bolhas estouravam-me nas mãos, a mais de cem dias do destino! Do veleiro, só me lembro da tripulação, tentando levantar uma faixa, por certo preparada na véspera, onde se lia num esforçado castelhano: "Amyr, feliz viag..." e vupt, o vento carregou a faixa. Não nos vimos mais, e não houve despedida. Simplesmente sumiram. Assim, de modo rocamboloso, eu havia partido e, ao me descobrir totalmente só, uma estranha sensação me invadiu...

A situação a bordo era desoladora. O vento ensurdecedor, o mar difícil, roupas encharcadas, muito frio e alguns estragos. Pela frente, uma eternidade até o Brasil. Para trás, uma costa inóspita, desolada e perigosamente próxima. Sabia melhor que ninguém avaliar as dificuldades que eu teria daquele momento em diante. Eu estava saindo na pior época do ano, final de outono, e teria pela frente um inverno inteiro no mar.

A fria e difícil corrente de Benguela, meu caminho obrigatório até as proximidades da Ilha de Santa Helena, é particularmente perigosa no mês de junho. Sempre planejei partir no verão, quando as águas do Atlântico Sul são mais clementes, e estabeleci uma data limite para a partida, além da qual eu deveria reconsiderar seriamente a decisão de me fazer ao mar. Essa data era o final do mês de maio, e já estava queimada. Uma colossal avalanche de problemas contribuiu para isso. Mas, se tomara essa decisão, não fora sem avaliar os riscos. Eu havia trabalhado nesse projeto durante mais de dois anos, sem jamais fazer uma única concessão que lhe compromettesse a segurança. Tinha um barco e um equipamento como sempre sonhei — perfeitos. Estava preparado para o pior, e por um período tão longo no mar seria impossível, cedo ou tarde, evitar o pior. Então, por que não partir?

Pelo simples fato de estar ali onde estava, debatendo-me entre decisões minhas e não de terceiros, e eu me sentia suficientemente capaz de solucionar todos os problemas que surgissem, de encontrar saídas para os apuros em que porventura me metesse.

Se estava com medo? Mais que a espuma das ondas, estava branco, completamente branco de medo. Mas, ao me encontrar afinal só, só e independente, senti uma súbita calma. Era preciso começar a trabalhar rápido, deixar a África para trás, e era exatamente o que eu estava fazendo. Era preciso vencer o medo; e o grande medo, meu maior medo na viagem, eu vencera ali, naquele mesmo instante, em meio à desordem dos elementos e à bagunça daquela situação. Era o medo de nunca partir. Sem dúvida, este foi o maior risco que corri: não partir.

Não estava obstinado de maneira cega pela idéia da travessia, como poderia parecer — estava simplesmente encantado. Trabalhara nela com os pés no chão, e, se em algum momento, por razões de segurança, tivesse que voltar atrás e recomeçar, não teria a menor hesitação. Confiava por completo no meu projeto e não estava disposto a me lançar em cegas aventuras. Mas não poder pelo menos tentar teria sido muito triste. Não pretendia desafiar o Atlântico — a natureza é infinitamente mais forte do que o homem — mas sim conhecer seus segredos, de um lado ao outro. Para isso era preciso conviver com os caprichos do mar e deles saber tirar proveito. E eu sabia como.

Pelo simples fato de estar ali onde estava, debatendo-me entre os remos, xingando as ondas e maldizendo a sorte, me sentia profundamente aliviado. Feliz por ter partido.

III- Poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quere passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

[Fernando Pessoa](#)

COLÉGIO DE APLICAÇÃO- CED/UFSC

ENSINO MÉDIO- 1ª SÉRIE

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORAS: Paula Rodrigues Leão (Estagiária) e Xênia Conrat (Estagiária).

DATA DE ENTREGA: 1ª versão: 09/05 - 2ª versão: 17/05

ROTEIRO PARA ATIVIDADE COM O LIVRO

A partir da leitura do livro sobre um relato viagem, você deverá criar uma representação artística que mostre os sentidos que você atribuiu à leitura do livro que escolheu. Essa representação será exposta no Espaço Estético do CA a partir do final de Maio. O que é uma representação artística?

Uma representação artística consiste em uma forma de representar algo por meio de uma arte. A representação do seu livro pode ser feita por meio de um desenho, maquete, escultura, foto, croqui...

- A representação deve ser inédita, ou seja, você precisa ser o autor dela. Não é permitido copiar alguma representação que haja no livro.
- Na representação você precisa incluir o percurso feito pelo viajante.

- Você pode escolher uma passagem específica do livro para representar. (Por exemplo, o seu personagem visitou Paris e você quer retratar somente a passagem dele pela Torre Eiffel).
- Os trabalhos feitos em papel deverão utilizar folhas no tamanho A3 ou maior; Não é permitido o uso de folha A4.

PLANO DE AULA N°3

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Paula Rodrigues Leão**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **26/04/2012**

Horário: **08h50min às 09h30min (1 aula de 40 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Observar as diferenças entre os textos lidos em todas as aulas e ver como o gênero pode variar de um autor para outro e os recursos utilizados por eles para que isso aconteça;
- Mostrar que o gênero *relato de viagem* circula por vários suportes;

2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer o livro *A fantástica volta ao mundo*, de Zeca Camargo;

- Navegar pelo blog do autor;
- Assistir aos vídeos propostos;
- Iniciar a atividade com o livro;

3 Conhecimentos

- Texto Literário
- Blog
- Vídeo

4 Metodologia

- Apresentar o livro *A fantástica volta ao mundo*- Zeca Camargo e perguntar aos alunos se eles conhecem o autor, a obra. Explicar que o autor faz parte da equipe de jornalistas do programa *Fantástico* e que realizou um quadro para a TV sobre a volta ao mundo e que o livro é fruto desse trabalho; (5')
- Mostrar o blog do livro com as viagens e ressaltar que a divulgação desse trabalho se deu por vários meios de comunicação; (5')
- Exibir dois vídeos breves (Havaí e México) com trechos das viagens feitas pelo autor e ressaltar o mesmo aspecto anterior; (10')
- Pedir para que os alunos se dividam em duplas e entregar para cada uma delas uma cópia de um capítulo específico do livro, não escolhido previamente, dentro de um envelope lacrado; Cada dupla deverá ler seu capítulo e seguir um roteiro de leitura (previamente entregue pela professora) para apresentar à turma oralmente; (20')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Leitura dos textos propostos;
- Realização da atividade em sala;

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

6.2 Referências para os alunos

CAMARGO, Zeca. **A Fantástica Volta ao Mundo - Registros e Bastidores de Viagem**. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SvhlIJ4hFkU&feature=relmfu> Acessado em 17 de abril de 2012.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=BKQ490ov-Cs&feature=relmfu> Acessado em 17 de abril de 2012.

Blog da Fantástica Volta ao Mundo. Disponível em:

<http://www.afantasticavolta.blogger.com.br/> Acessado em 16 de abril de 2012.

7 Anexos

COLÉGIO DE APLICAÇÃO- CED/UFSC

ENSINO MÉDIO- 1ª SÉRIE

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA: Nara Caetano Rodrigues, Paula Rodrigues Leão (Estagiária) e Xênia Conrat (Estagiária).

ROTEIRO DE LEITURA

CAMARGO, Zeca. **A Fantástica Volta ao Mundo - Registros e Bastidores de Viagem**. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

- É possível considerá-lo como literatura?
- O que se pode dizer sobre a linguagem utilizada pelo autor?
- Qual o meio de produção e circulação do texto?
- É possível considerá-lo um texto literário?
- Quais elementos configuram tanto o texto de Zeca Camargo quanto o de Amyr Klink como um relato de viagem?
- O texto lhe despertou o desejo de visitar o lugar relatado?
- Qual foi o aspecto sobre o país relatado que mais lhe chamou mais atenção?

- Quais são as semelhanças e diferenças existentes entre o texto de Zeca Camargo e o de Amyr Klink?

PLANO DE AULA N°4

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Xênia Conrat**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **02/05/2012**

Horário: **09h00min às 09h45min e das 10h05min às 10h50min. (2 aulas de 45 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Observar as diferenças entre os textos lidos em todas as aulas, ver como o gênero pode variar de um autor para outro, os recursos utilizados por eles para que isso aconteça e a finalidade da produção;
- Mostrar que o gênero *relato de viagem* circula por vários suportes;
- Fazer com que a turma tenha uma ideia sobre os capítulos do livro e por consequência dos países visitados pelo autor, por meio das apresentações;

2.2 Objetivos Específicos

- Assimilar a proposta do trabalho final;
- Prosseguir com a realização da atividade;

- Apresentar sua leitura à turma;

3 Conhecimentos

- Texto Literário
- Roteiro de leitura

4 Metodologia

1ª aula

- Orientação para o trabalho com o livro sobre relatos de viagem e entrega do roteiro. Relacionar o tema do projeto com o trabalho e explicar sua importância, já que terá o maior peso avaliativo e será exposto no Espaço Estético da escola; (10')
- Prosseguir com a atividade proposta na aula anterior com o livro de Zeca Camargo; (35')

2ª aula

- Início das apresentações da atividade à turma;

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Realização da atividade em sala;
- Apresentação da atividade à turma; (ponto+)

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

6.2 Referências para os alunos

CAMARGO, Zeca. **A Fantástica Volta ao Mundo - Registros e Bastidores de Viagem**. Rio de Janeiro: Globo, 2004

PLANO DE AULA Nº5

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Paula Rodrigues Leão**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **03/05/2012**

Horário: **08h50min às 09h30min (1 aula de 40 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Observar as diferenças entre os textos lidos em todas as aulas e ver como o gênero pode variar de um autor para outro e os recursos utilizados por eles para que isso aconteça;
- Mostrar que o gênero *relato de viagem* iniciou com a *Carta de Caminha*, já que é o primeiro relato de que se tem notícia e prosseguiu até chegar aos autores estudados no início do projeto;

2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer a *Carta de Caminha*;
- Prosseguir com as apresentações;

3 Conhecimentos

- Texto Literário

4 Metodologia

- Prosseguir com as apresentações orais da leitura dos capítulos do Livro de Zeca Camargo. Orientar aos alunos que se organizem em círculo para melhor desenvolvimento da atividade. A ordem das apresentações deverá seguir a ordem da rota de viagem do autor; (25')
- Breve fala expositiva sobre a *Carta de Caminha* e destacar o fato de que é o primeiro relato de viagem brasileiro;(15')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Realização da atividade em sala;
- Apresentação da atividade à turma; (ponto+)

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

Versão original da Carta de Caminha
http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_9.pdf (Acesso em 17/04/2012)

PLANO DE AULA N°6

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Xênia Conrat**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **08/05/2012**

Horário: **09h30min às 10h10min (1 aula de 40 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Compreender os aspectos lingüísticos presentes no gênero para o desenvolvimento de um relato de viagem fictício, de autoria própria, durante as aulas posteriores;

2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer e nomear os aspectos lingüísticos do gênero;

3 Conhecimentos

- Texto Literário

4 Metodologia

- Continuação das apresentações, caso haja necessidade, do mesmo modo realizado na aula anterior; (10')
- Solicitar aos alunos que tragam sua ideia de representação artística do livro para orientação da professora, no dia 16/05; (5')
- Estudo do gênero relato de viagem por meio de uma aula expositiva retomando os relatos estudados para trabalhar os aspectos lingüísticos usados, destacando o aspecto estilo literário; Relacionar com os gêneros estudados anteriormente pela turma para ressaltar as diferenças. (25')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Realização da atividade em sala;
- Apresentação da atividade à turma; (ponto+)

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

Análise de um Relato de Viagem à Luz das Teorias de Mikhail Bakhtin e Norman

Fairclough. http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_danilo2.pdf (Acesso em 17/04/2012)

PLANO DE AULA N°7

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Paula Rodrigues Leão**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **09/05/2012**

Horário: **09h00min às 09h45min e das 10h05min às 10h50min. (2 aulas de 45 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Reconhecer o gênero *relato de viagem* em mais um suporte;
- A partir dos relatos lidos no decorrer das aulas e da aula de análise dos aspectos linguísticos, discursivos e textuais, ser capaz de criar a primeira versão um relato fictício, já valendo como uma espécie de preparação para o relato real que farão com a professora da turma após o estágio;

2.2 Objetivos Específicos

- Criar um relato de viagem fictício;

3 Conhecimentos

- Revista

4 Metodologia

Aula 1

-Atividade com a revista *Turismo e Viagem*, da Editora Abril; Cada dupla escolherá uma revista para a produção de um relato fictício a partir das matérias/crônicas/opiniões de leitor sobre um país contidas na publicação a fim de produzir um relato fictício. As revistas deverão estar dispostas na mesa da professora e as duplas escolherão livremente. (45')

Aula 2

-Iniciar a produção do relato fictício a partir das reportagens trazidas pelas revistas e entregar o roteiro da atividade. (45')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Realização da atividade em sala;

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

Análise de um Relato de Viagem à Luz das Teorias de Mikhail Bakhtin e Norman

Fairclough. http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_danilo2.pdf (Acesso em 17/04/2012)

7 Anexos

COLÉGIO DE APLICAÇÃO- CED/UFSC
ENSINO MÉDIO- 1ª SÉRIE

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORAS: Paula Rodrigues Leão (Estagiária) e Xênia Conrat (Estagiária).

DATA DE ENTREGA: 1ª versão: 10/05 2ª versão:

ROTEIRO RELATO DE VIAGEM FICTÍCIO

Seguem alguns itens que devem constar no relato:

1. **Capa de acordo com as normas da escola.**
2. **Dados objetivos:**
 - a) participantes;
 - b) data, hora e local da viagem de saída;
 - c) roteiro da viagem;
 - d) descrição do meio de transporte utilizado;
 - e) condições climáticas;
 - f) outros itens que você julgar necessários;
3. **Orientações Gerais:** Após a leitura dos relatos de viagem e descobrir muitos aspectos acerca desse gênero, é sua vez de criar um relato fictício a partir da leitura da matéria/crônica/opinião escolhida na revista *Turismo e Viagem*. Imagine que você fez uma viagem no local indicado pela revista e agora precisa relatar a alguém, em forma de texto, suas experiências e outros casos vividos nesse local. Esse relato servirá como uma espécie de preparação para o relato real, que vocês produzirão posteriormente nessa disciplina. Dessa forma, as professoras são os destinatários imediatos do relato. Para além destes destinatários, pensem em um interlocutor que não conheça nada sobre o país em questão e não tenha nenhuma informação sobre o trajeto e as características (históricas, geográficas, sociais) do país visitado.
 - O seu relato deverá conter de 20 a 30 linhas
 - Vocês precisarão relatar um fato curioso/engraçado/triste/trágico que aconteceu durante essa viagem;
 - Durante o percurso, mais que um país/estado/cidade poderá ser visitado e relatado na produção;
4. **Avaliação:** pontualidade na entrega, coesão, coerência, clareza, consistência argumentativa na apresentação e criação de ideias; adequação ao gênero, aos objetivos do relato, aos interlocutores e às convenções da variedade padrão escrita da língua (vocabulário, ortografia, concordância...).

Bom trabalho!

Profª Paula (paularodriguesleao@gmail.com) e Profª Xênia (xenia.lettras@gmail.com)

PLANO DE AULA N°8

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Xênia Conrat**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **10/05/2012**

Horário: **08h50min às 09h30min (1 aula de 40 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Reconhecer o gênero *relato de viagem* em mais um suporte;
- A partir dos relatos lidos no decorrer das aulas e da aula de análise dos aspectos lingüísticos, ser capaz de criar a primeira versão um relato fictício, já valendo como uma espécie de preparação para o relato real que farão com a professora da turma após o estágio;

2.2 Objetivos Específicos

- Prosseguir com a criação de um relato de viagem fictício e entrega da primeira versão;

3 Conhecimentos

- Revista

4 Metodologia

-Prosseguir com a atividade de criação da primeira versão de um relato fictício, proposta na aula anterior. A professora auxiliará os alunos com suas dúvidas durante a aula para a entrega da primeira versão. (40')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Realização da atividade em sala;
- Pontualidade na entrega;

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

Análise de um Relato de Viagem à Luz das Teorias de Mikhail Bakhtin e Norman

Fairclough. http://www.letas.ufrj.br/liehd/media/docs/art_danilo2.pdf (Acesso em 17/04/2012)

PLANO DE AULA N°9

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Xênia Conrat**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **15/05/2012**

Horário: **09h30min às 10h10min (1 aula de 40 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Reconhecer o gênero *relato de viagem* em mais um suporte;
- A partir de sua própria análise crítica e das observações feitas pela professora, o aluno deverá ser capaz de dar continuidade ao relato fictício, por meio de uma segunda versão;

2.2 Objetivos Específicos

- Produção da segunda versão do relato de viagem fictício;

3 Conhecimentos

- Revista

4 Metodologia

- Análise linguística de alguns pontos presentes nas primeiras versões, como: questões discursivas, de textualidade (estrutura, sequenciação...), lingüísticas e os aspectos comuns entre todos os textos. A exposição desses aspectos será apresentada à turma pela professora, por meio de exemplos no quadro e slides, retirados dos próprios textos dos alunos; (20')
- Orientar os alunos para as correções no relato, levando em consideração a análise feita anteriormente e para a produção da segunda versão; (20')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Realização da atividade em sala;

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

Análise de um Relato de Viagem à Luz das Teorias de Mikhail Bakhtin e Norman

Fairclough. http://www.lettras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_danilo2.pdf
17/04/2012)

(Acesso em

PLANO DE AULA N°10

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Paula Rodrigues Leão**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **16/05/2012**

Horário: **09h00min às 09h45min e das 10h05min às 10h50min. (2 aulas de 45 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- A partir de sua própria análise crítica e das observações feitas pela professora, o aluno deverá ser capaz de dar continuidade ao relato fictício, por meio de uma segunda versão;

2.2 Objetivos Específicos

- Entender os objetivos do passeio às Fortalezas e da produção do relato real;

- Expor sua ideia de representação artística do livro lido à professora para orientações;

- Tempo para as correções no relato avaliado pela professora e para a entrega da segunda versão;

3 Conhecimentos

- Revista
- Relato de viagem

4 Metodologia

Aula 1

- Orientações sobre o passeio às Fortalezas na próxima aula e sobre a produção do relato de viagem real a ser feito a partir do passeio; (15')
- Exposição individual à professora do trabalho/ideia sobre o livro de relato de viagem; (30')

Aula 2

- Prosseguir na elaboração do relato fictício para a entrega da segunda versão; (45')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Realização da atividade em sala;
- Pontualidade na entrega;

6 Referências

6.1 Referências para as estagiárias

Análise de um Relato de Viagem à Luz das Teorias de Mikhail Bakhtin e Norman Fairclough. Disponível em: http://www.lettras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_danilo2.pdf Acessado em 17 de abril de 2012.

7 Anexos

COLÉGIO DE APLICAÇÃO- CED/UFSC

ENSINO MÉDIO- 1ª SÉRIE

DISCIPLINA: ESTUDOS LATINO- AMERICANOS. GEOGRAFIA. HISTÓRIA. LÍNGUA PORTUGUESA. MATEMÁTICA.

PROFESSORA: Nara Caetano Rodrigues, Paula Rodrigues Leão (Estagiária) e Xênia Conrat (Estagiária).

DATA DE ENTREGA:

ROTEIRO RELATO DE VIAGEM – SAÍDA DE ESTUDOS: FORTALEZAS

Seguem alguns itens que devem constar no relato:

- 1. Capa de acordo com as normas da escola.**
- 2. Dados objetivos:**
 - a) participantes;
 - b) data, hora e local da viagem de saída;
 - c) roteiro da viagem;
 - d) descrição da embarcação/meio de transporte utilizado;
 - e) condições climáticas;
 - f) outros itens que você julgar necessários;
- 3. Orientação geral:** Vocês produzirão um relato de viagem, cujo objetivo geral é registrar uma saída de estudos e atribuir sentido a esta vivência, relacionando-a aos conhecimentos trabalhados nas disciplinas envolvidas. Dessa forma, os professores destas disciplinas são os destinatários imediatos do relato. Para além destes destinatários, pensem em um interlocutor que não conheça Florianópolis, portanto não tenha nenhuma informação sobre o trajeto e as características (históricas, geográficas, ambientais) das ilhas visitadas. Para dar uma visão geral dos lugares avistados, vocês precisam fazer descrições com riqueza de detalhes e apresentar informações específicas sobre a viagem em si e sobre aspectos observados nos locais visitados. Ao longo do relato, deverão ser acrescentadas impressões, emoções, reflexões sobre tudo que for observado e registrado.
- 4. Ilustrações** (fotos, desenhos, croquis, mapas...). Na forma de um álbum no meio ou no final do relato.
- 5. Aspectos formais:** Adequação ao gênero, aos objetivos do relato e aos interlocutores, organização do relato (texto verbal e visual), sequência lógica das ideias, clareza, coerência, coesão, adequação da linguagem (vocabulário, ortografia, concordância...)

PLANO DE AULA N°11

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Xênia Conrat;**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **17/05/2012**

Horário: **09h00min às 17h00min (passeio)**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Proporcionar a vivência de uma viagem, a descoberta de novos lugares;
- Promover o estudo histórico, geográfico e cultural;
- Possibilitar a interdisciplinaridade;

2.2 Objetivos Específicos

- Adquirir insumo para a produção do relato de viagem;
- Refletir sobre os textos estudados;

3 Metodologia

- Passeio às Fortalezas;

PLANO DE AULA N°12

1 Identificação

Escola: **Colégio de Aplicação da UFSC**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Diretor: **Prof. Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra**

Professora Titular: **Nara Caetano Rodrigues**

Professor Estagiário: **Xênia Conrat;**

Supervisor: **Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Série: **1º ano EM** Turma: **A** Turno: **Matutino**

Número de alunos: **25 alunos**

Data: **22/05/2012**

Horário: **09h30min às 10h10min (1 aula de 40 min).**

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

- Articular os conhecimentos trabalhados até o momento, de modo que facilitem na criação e interpretação do livro sobre relato de viagem;

2.2 Objetivos Específicos

- Colaborar na organização da exposição no Espaço Estético, sendo cada aluno responsável por seu trabalho;

3 Conhecimentos

- Cartazes

4 Metodologia

- Organização da exposição das representações artísticas, no Espaço Estético, a partir da leitura de um livro sobre relato de viagem; Orientar os alunos que exponham seus trabalhos na exposição, nos lugares selecionados pelas professoras previamente. (40')

5 Avaliação

- Envolvimento, participação, motivação e postura nas atividades propostas;
- Colaboração na atividade;
- Representação artística (peso 100%)

3.2 Projeto extraclasse “Um Sarau na Semana Clarice”

3.2.1 Problematização

Inserir-se na rotina de uma escola como o Colégio de Aplicação e atrair a atenção de alunos com um novo projeto extraclasse, parece ser uma tarefa árdua para uma escola já oferece tantos projetos a seus alunos.

Porém, como bem observa Geraldi (2010, p. 91), “a escola é chamada a responder um desafio que não é seu, porque já não é mais um desafio proposto pela relação entre professor, alunos e conhecimentos, mas posto pela vertiginosa obsolescência de saberes e práticas produtivas”.

Tendo em vista a fala de Geraldi, em alguns casos, as práticas aplicadas pelos professores em sala de aula não garantem ao aluno subsídios para que sejam capazes de: posicionar-se criticamente, expressar suas idéias, conhecer e valorizar o patrimônio cultural, utilizar diferentes linguagens, usar sua criatividade e intuição para resolver problemas e exercer seu papel de cidadão.

Nesse viés, a convite do Prof^o George França (professor de Língua Portuguesa nos 2^o anos) e juntamente com ele e a professora de teatro da escola, Nara Micaela Wedekin, elaboramos um projeto extraclasse que pudesse abranger aquilo que o professor não consegue alcançar dentro da sala de aula, no horário regular e também para atender a solicitação do PET Letras⁶ da UFSC, o qual convidou o professor George para que coordenasse um sarau com seus alunos para que fosse apresentado na *Semana Clarice*⁷.

Acreditamos que esse seja um caminho para uma formação mais completa do aluno na escola. Nosso desejo, como futuras educadoras, é que a passagem do aluno pela escola não fique restrita apenas aos saberes encontrados durante as aulas regulares, mas que ele possa encontrar coisas novas e também encontrar-se através de projetos desse gênero.

3.2.2 Apresentação

Por definição, sarau é um evento cultural onde as pessoas se encontram para se expressarem ou se manifestarem artisticamente. O evento costumava acontecer, geralmente, no final do dia. Daí a palavra ter origem no termo latino *serus* (relativo ao entardecer)⁸. Dentre as manifestações artísticas envolvidas em um sarau estão a dança, poesia, círculos de leitura, apresentações musicais, pintura, teatro e outras. Apesar de serem mais comuns no período entre o século XVII a XX, os saraus hoje voltam a ser promovidos em escolas, universidades, igrejas e eventos.⁹

O sarau desenvolvido por nós e pelos professores George e Nara, reunirá textos de Clarice Lispector contidos no livro *A descoberta do mundo* (1984), adaptados em pequenas esquetes teatrais. Por meio de reuniões que ora acontecem no laboratório de Língua

⁶ Criado e implantado em 1979 pela CAPES, o PET (outrora Programa Especial de Treinamento, hoje Programa de Educação Tutorial) é um programa acadêmico direcionado a alunos regularmente matriculados em cursos de graduação. São objetivos deste Programa: a melhoria do ensino de graduação, a formação acadêmica ampla do aluno, a interdisciplinaridade, a atuação coletiva e o planejamento e a execução, em grupos sob tutoria, de um programa diversificado de atividades acadêmicas.

⁷ Evento que será promovido pelo PET Letras, entre os dias 18 e 21 de abril de 2012, com o intuito de reunir pesquisadores, leitores e artistas que tenham Clarice Lispector como um de seus eixos norteadores.

⁸ Definição encontrada no dicionário básico Latino-Português de Raulino Bussarelo(2005).

⁹ Informações retiradas do site <http://www.blogeducacao.org.br/wp-content/uploads/2011/02/Plano-Sarau-na-Escola.pdf> (Acesso em 06/04/2012).

Portuguesa da escola ou nas salas de teatro, projeto conta com a participação de 10 a 15 alunos por encontro.¹⁰

O sarau será apresentado no dia 19 de abril, às 19h00min, no Auditório Henrique Fontes (CCE-B), durante o evento *Semana Clarice*, aos participantes do evento.

3.2.3 Justificativa

Ao solicitar a participação de alunos do Colégio de Aplicação no evento, o PET Letras busca além de estreitar os laços existentes entre o CA e a UFSC, aproximar o aluno de Ensino Médio aos eventos promovidos pela universidade.¹¹ Dessa forma, os alunos podem ter mais conhecimento daquilo que está sendo feito e discutido dentro da academia, o que, se feito com clareza e de uma forma que atraia a atenção do aluno, aumentam seu desejo de ingressar na universidade.

Além disso, o desenvolvimento de um projeto extraclasse faz parte do currículo da disciplina Estágio Obrigatório em Língua Portuguesa I. A proposta consiste em desenvolver um projeto inédito para alunos da escola onde está sendo realizado o projeto de docência, com o objetivo de introduzir novos conhecimentos, mas também procurar atender a demanda da escola em certos aspectos.

No caso do Colégio de Aplicação, a escola conta com inúmeros projetos extraclasse, porém, nenhum deles é exclusivo da disciplina de Língua Portuguesa e tem a literatura como eixo norteador.¹² Outro fato é que esse é um projeto novo na escola o que também nos trouxe a oportunidade de construí-lo, atendendo assim a demanda da disciplina que consiste no desenvolvimento de um projeto inédito.

Contudo, o que destacamos como mais importante nesse projeto é contribuir significativamente para que os alunos **ampliem** (grifo nosso) sua competência no uso oral e escrito da Língua Portuguesa. (ANTUNES, 2003), por meio da leitura de textos de uma autora tão consagrada na Literatura Brasileira como Clarice Lispector.

¹⁰ É importante ressaltar que o número oscila já que o projeto ainda está em andamento.

¹¹ Vale ressaltar que Paula é bolsista do PET desde 2009 e, portanto é uma das organizadoras do evento *Semana Clarice*.

¹² Com exceção do projeto com os livros do vestibular, destinado apenas à alunos do 3º ano, desenvolvido pelo professor João Nilson Pereira de Alencar, da disciplina de Língua Portuguesa.

Se pensarmos que o objetivo geral do ensino de Língua Portuguesa é a implementação das práticas de uso da língua, sendo essas práticas instituídas em esferas da atividade humana, para mover-se nessas esferas, então, importa dominar essas práticas. O papel da escola nessa situação é facultar aos sujeitos a possibilidade de dominar essas práticas para ampliar sua mobilidade social seja essa possibilidade na sala de aula ou em projetos extraclasse.

Essa ampliação se dá por meio de *projetos de letramento* que hibridizem as *práticas locais e práticas globais*; esses projetos precisam ser planejados e operacionalizados por professores que se assumem como *agentes de letramento* (KLEIMAN, 1995).

Enfim, esse projeto nasce com o objetivo principal de transformar o momento do aluno na escola em um acontecimento (GERALDI, 2010) e de fazê-lo ver outras possibilidades em sua trajetória escolar.

3.2.4 Objetivos gerais do projeto

- Descobrir no projeto extraclasse uma maneira de aprender fora da sala de aula, mas dentro do espaço escolar;
- Entender que o estudo da Língua Portuguesa pode dar-se de diferentes formas;
- Perceber que a participação em um projeto proposto pela universidade é uma forma válida para compreender a linguagem como mediadora dos valores que circulam na sociedade e como meio de se ter acesso aos conhecimentos e de produzir novos conhecimentos.
- Ampliar as possibilidades de utilização da língua materna por parte dos alunos em diversos meios desenvolvendo a habilidade de leitura dramática e sabendo valer-se dessa habilidade para apresentar-se publicamente.

3.2.5 Metodologia

Encontro 1 (19/03) Primeiro encontro realizado no Laboratório de Linguagens. O projeto foi explicado aos alunos e as estagiárias participantes foram apresentadas. Neste dia contamos com a presença de apenas seis alunos. Em virtude disso, os que estiveram presentes foram orientados a convidar mais colegas e o professor e também as estagiárias ficaram encarregados de avisar em sala de aula. Foram lidos os textos *O processo*, *Cosmonauta na Terra*, *Amor Imorredouro* e *Chacrinha*.

Encontro 2 (26/03) Esse encontro também foi realizado no Laboratório de Linguagens. Contamos com a participação de dez alunos. Além de reler os textos do encontro anterior, também foi lida uma sequência de textos que Clarice Lispector fez falando sobre suas empregadas.

Encontro 3 (02/04) Trabalhamos na sala de teatro. A Prof^a Nara fez alguns exercícios teatrais antes da leitura propriamente dita. Nesse encontro o Prof^o George já havia adaptado os textos lidos para textos de teatro. Os alunos ensaiaram com os textos. Um grupo de alunos ficou em uma sala com a Prof^a Nara ensaiando e outro grupo foi conosco e o Prof^o George para outra.

Encontro 4 (09/04) Na sala de teatro ensaiamos os textos da aula anterior e definimos alguns papéis.

Encontro 5 (16/04) Ensaio na sala de teatro;

Encontro 6 (17/04) Ensaio no auditório Henrique Fontes (CCE-B)

Encontro 7 (19/04) Apresentação

3.2.6 Perspectiva Curricular

- Prática de leitura, escuta e análise dos textos;
- Prática de fala e escuta nas discussões propostas nos encontros;

3.2.7 Recursos Necessários:

3.2.7.1 Materiais:

- Sala (Laboratório de Língua Portuguesa) para encontros e leitura dos textos;
- Salas para o ensaio das esquetes (Salas de Teatro);
- Figurinos para a apresentação;

3.2.7.2 Bibliográficos:

- Fotocópias dos textos utilizados de Clarice Lispector;
- Livro *A descoberta do mundo* – Clarice Lispector, para a coleta do material;

3.2.8 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português-encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

3.2.9 ANEXOS

3.2.9.1 – Adaptação dos textos de Clarice Lispector

A DESCOBERTA DO MUNDO

Adaptação de Clarice Lispector

Por George França

O PROCESSO/SIM (Otto + Mateus Machado ou Mateus Mota ou Eros)

(Dois personagens em trajes de clown e caras brancas se encontram. A quer se matar, e joga ao som de “Echoes”, do Pink Floyd. B o detém quando ele vai se jogar do palco. A fica falando ajoelhado, enquanto B percorre o palco. Só se olham na última fala.)

PERSONAGEM A: Que é que eu faço? Não estou aguentando viver. A vida é tão curta, e eu não estou aguentando viver.

PERSONAGEM B: Não sei. Eu sinto o mesmo. Mas há coisas, *(ansioso)* há muitas coisas. Há um ponto em que o desespero *(hesita)* uma luz, e um amor.

PERSONAGEM A: E depois?

PERSONAGEM B: Depois vem a Natureza.

PERSONAGEM A: Você está chamando a morte de natureza?

PERSONAGEM B: Não. Estou chamando a natureza de Natureza.

PERSONAGEM A: Será que todas as vidas foram isso?

PERSONAGEM B: Acho que sim.

PERSONAGEM A: A vida sempre superexigiu de mim.

PERSONAGEM B: Mas lembre-se de que você também superexige da vida.

AMBOS: Sim.

LIÇÃO DE PIANO (Nara como D. Pupu; Otto como Pai; Taynah como Clarice; Eros como irmã(o))

(O pai entra com as duas filhas, na casa de Dona Pupu, a professora gorda de piano, que as espera. Dona Pupu censura as crianças que querem entrar direto na casa. Elas limpam o pé.)

PAI: Meninas, como disse, quero que vocês estudem música. Já até comprei o piano, só porque é difícil. Apresento a Dona Pupu, sua professora. *(Congela a cena.)*

CLARICE (*sai do foco da cena e porta-se como se rememorasse*): Para mim, as aulas de piano eram uma tortura. Só duas coisas eu gostava das lições. Uma era um pé de acácia que aparecia empoeirado a uma curva do bonde e que eu ficava esperando que viesse. E quando vinha – ah, como vinha. (*O telão mostra uma imagem de um pé de acácias. Clarice dança contemplando a árvore, até parar.*) A outra: inventar músicas. Eu preferia inventar a estudar. Tinha nove anos e minha mãe morrer. A musiquinha que inventei, então, ainda consigo reproduzir com dedos lentos. (*Começa a cantarolar e batucar aleatoriamente. Entram mais pessoas, fazendo barulhos diversos, fazendo com que a tal música inventada seja algo como uma folia de sons.*) A música é dividida em duas partes: a primeira é suave, a segunda meio militar, meio violenta, uma revolta, suponho.

DONA PUPU (*chamando-a de volta à cena do passado*): Menina, vamos tocar a *Marcha Fúnebre* de Chopin. (*Clarice faz caras de nojo enquanto Pupu “toca” a marcha.*) Agora vamos comer doces. (*Busca os doces e come compulsivamente.*) Agora você toca no fininho e sua irmã no grosso. (*Clarice senta ao piano e faz expressões de preguiça, como se fosse dormir ali mesmo. Dona Pupu, em seguida, dá uma boneca de presente à irmã de Clarice.*)

CLARICE: Era uma boneca de seda para se espetarem alfinetes. Essa minha irmã é a mais conservadora. Certas coisas eu peço para ela conservar para mim. De Dona Pupu guardo sobretudo as acácias amarelas. Quem morava naquela casa? Isso me interessava mais que as lições de piano. E como eu errava. Ficava pensando em outras coisas. E na própria Dona Pupu. (*Dona Pupu se move pelo cenário.*) Como é que uma pessoa tão obesa tinha mãos tão delicadas e pequenas, e que voavam no piano. Já deve ter morrido. E que caixão largo devem ter comprado. Tive outro professor, o maestro Ernâni Braga, que disse que eu tinha dedos frágeis. Prefiro calar-me: este também morreu. E meus dedos não são frágeis. Eu tenho uma força, eu sei. E minha força está na suavidade dos meus dedos suaves e delicados.

AS EMPREGADAS

(*Clarice no centro. Ivone está num dos cantos, congelada com a vassoura na mão. Aninha, ao fundo, tira pó dos móveis.*)

CLARICE (*bordando e pensando em voz alta*): Como é mesmo o nome dela? Aparecida? Só me ocorre chamá-la de Aparecida. É que ela é uma aparição muda.

ANINHA (*rompe o silêncio e a calma com que limpava a casa falando com voz abafada*): A senhora escreve livros?

CLARICE (*surpresa*): Sim.

ANINHA (*sem alterar a voz*): Pode me emprestar um?

CLARICE: Você não vai gostar dos meus livros. Eles são um pouco complicados.

ANINHA: Gosto de coisas complicadas. Não gosto de água com açúcar. (*Sai.*)

CLARICE (*para a plateia*): A cozinheira é Jandira. Mas esta é forte. Tão forte que é vidente. Que Deus a conserve, pois cozinha bem.

(Entra a irmã de Clarice. Abraçam-se. Clarice a convida para tomar café. Quando serve o café, a cozinheira olha para a irmã, derruba a bandeja e gesticula como quem tem uma visão.)

JANDIRA: A viagem que a senhora pretende fazer vai-se realizar, e a senhora está atravessando um período muito feliz na vida. *(Sai)*

IRMÃ *(espantada)*: O que foi isso?

CLARICE *(gesticula como se nada pudesse fazer)*: É que ela é vidente.

IRMÃ *(com certo desdém)*: Bom. Cada um tem a empregada que merece.

(A irmã sai. Jandira retorna para receber seu pagamento.)

CLARICE *(pagando)*: Aqui está. Com o aumento prometido.

(Jandira conta e reconta o dinheiro. Clarice fica parada em sua frente, esperando saber se tudo estava certo. Acabando de contar, Jandira se inclina, beija o ombro esquerdo de Clarice e sai.)

CLARICE *(para a plateia)*: Eu, hein! Mas a outra que eu tive não era de brincadeira... *(Vira-se para Ivone.)* Ivone! *(Ivone começa a varrer, fingindo que não escuta.)* Ivone, quer fazer o favor de responder?

IVONE *(vira-se de supetão e grita)*: CHEGA!

CLARICE: Hoje quem diz chega sou eu. Quero que você procure outro emprego e que seja muito feliz na nova casa!

IVONE *(com voz fina, melosa, humilde e enjoativa)*: Sim, senhora. *(Sai.)*

CLARICE *(para a plateia)*: E depois que saiu de casa, já me telefonou várias vezes e outras vezes vem pessoalmente visitar-me. *(Pausa.)* Aninha, por sua vez, se transformou. Como se desenvolveu aqui em casa! Mal falava e tinha a voz abafada, agora puxa conversa e a voz é muito mais clara. Já que eu não queria lhe dar um livro meu para ler, pois não desejava atmosfera de literatura em casa, fingi que esqueci e dei-lhe um romance policial.

ANINHA *(entra com um livro na mão, entregando a Clarice)*: Acabei de ler. Gostei, mas achei um pouco pueril. Eu gostava de ler era um livro seu. *(Congela.)*

CLARICE *(pensando alto)*: É renitente, a mineira. E usou a palavra “pueril”. *(Aninha sai de perto, continuando a limpar.)* Onde está a Aparecida? Aparecida!

ANINHA: Quem é Aparecida?

CLARICE: Não sei por que chamo você de Aparecida...

ANINHA: É porque eu apareci.

JANDIRA *(entrando, novamente com cara de vidente, como se estivesse ouvindo a conversa)*: Desvendei o mistério. Nossa Senhora Aparecida está querendo ajudar a senhora e a avisa desse

modo: fazendo chamar pelo nome dela sem querer. Acenda uma vela para Nossa Senhora Aparecida, e ao mesmo tempo faça um pedido.

CLARICE: É, não custa tentar... Gostei. Você pode acender a vela por mim?

JANDIRA: Posso, mas tem de ser comprada com seu dinheiro. *(Clarice lhe dá o dinheiro. Ela sai e volta com a vela.)* É hora de fazer o pedido.

CLARICE: Este já está feito há muito tempo. Só preciso rememorar com fervor. Nossa Senhora Aparecida, me atenda, o que estou pedindo é justo e urgente, estou esperando há tempo demais. *(As empregadas saem.)* Sempre me senti culpada e exploradora em relação às empregadas. Piorei muito depois de assistir *As criadas*, de Jean Genet. Vi como as empregadas se sentem por dentro, vi como a devoção que às vezes recebemos delas é cheia de um ódio mortal. Às vezes o ódio não é declarado, toma exatamente a forma de uma devoção e de uma humildade especiais. Tive uma empregada argentina, a Maria Del Carmen, que era assim: pseudamente me adorava. *(Sai e volta enrolada em toalha de banho. A empregada argentina entra pelo outro lado.)*

CARMEN: Como usted é linda! Que rica! *(Segue bajulando a patroa.)*

CLARICE: Pode me trazer o secador de cabelo?

CARMEN: Como não! Usted vai ver o que vale uma argentina! Faço tudo que a senhora pede. *(Sai e traz o secador rapidamente.)*

CLARICE: Lembro exatamente do dia em que a empreguei, sem que me desse referências. *(Congela.)*

CARMEN *(fala com a plateia)*: Antes eu trabalhava em hotéis suspeitos, arrumando as camas e trocando os lençóis. Como eu ia dar isso como referência? *(Para Clarice.)* Já trabalhei no teatro.

CLARICE: *(para a plateia)* Certamente no papel de criada mesmo, aparecendo e dizendo "O jantar está servido, madame", se é que foi no palco seu trabalho. Tônia Carreiro acha que ela trabalhou no teatro do rebolado.

CARMEN *(para Clarice)*: Pero que muchacha linda e simpática! Olhe só: comprei cílios postiços! *(Pisca para Clarice e sai.)*

CLARICE: Não aparou as extremidades. Ficou com olhos de boneca rígida. Tive outra empregada que foi comigo para os Estados Unidos. Ficou lá, casada com um engenheiro inglês. Quando estive no Texas, em 1963, para uma conferência sobre literatura brasileira moderna, telefonei-lhe. Ela morava em Washington. *(Toma o telefone, disca. Do outro lado da cena, uma mulher atende.)*

MULHER: Hello?

CLARICE: Olá, sou eu, Clarice.

MULHER *(com sotaque americanizado)*: Oh God! Vou desmaiar de tanta emoção! Que saudades de você! Você deve vir me ver!

CLARICE: Não tenho dinheiro para uma viagem tão longa.

MULHER: Pois eu pago sua passagem.

CLARICE: Não posso aceitar. Além do que, nem tempo para viajar eu tenho. *(Desliga.)* Há, por fim, um cujo nome não posso revelar por questão de segredo profissional. Fazia análise, juro, e duas vezes por semana ia ver uma Dra. Neide. No começo, não me dizia que ia ser psicanalizado.

EMPREGADO *(entrando)*: A Dra. Neide acha que a senhora vai compreender e que eu devo falar a verdade. Todas as vezes que saio mais cedo é porque vou fazer análise.

CLARICE: Compreendo.

EMPREGADO *(liga o rádio de pilha em volume máximo. Começa a limpar as coisas cantando e de repente)*: Que merda! Isso está manchado de novo! Puta que pariu... *(segue xingando)* Ops. Desculpe.

CLARICE *(com delicadeza)*: Você parece revoltado e não parece se sentir muito bem com o trabalho que realiza. Creio que deveria procurar outra ocupação na vida, que não em uma casa. Vá, pegue suas coisas, você ficará melhor sem mim.

(O empregado sai. Silêncio. Clarice sai e volta. O telefone toca. Ela atende. Do outro lado da cena, telefonando, está o empregado.)

EMPREGADO: Dona Clarice, me aceite de volta. Não consegui emprego em nenhum dos lugares que procurei na última semana porque quando dizia às futuras patroas que fazia análise elas tinham medo. Sou sozinho no Rio, não tenho onde ficar e acabei dormindo duas noites em um banco de praça, passando frio.

CLARICE: Não sou analista. Não posso ajudá-lo em caso tão grave. *(Desliga.)* Senti-me culpada. Consolei-me pensando que ele se trata com a dra. Neide, com quem eu acabaria tendo de me socorrer se continuasse a ouvir aquele trinado histérico que era sua voz.

AMOR IMORREDOURO

Esquete com texto a ser improvisado na hora da apresentação.

COSMONAUTA NA TERRA

(A tela, ao fundo, projeta cenas de "O grande ditador" de Chaplin e de cosmonautas no espaço. O personagem que fala, inicialmente, assiste às cenas. Em seguida, passa a falar jogando com uma grande bola. Outros personagens vão entrando e se estabelece um jogo de bola.)

PERSONAGEM 1: Nossos sentimentos já estão atrasados em contraposição à velocidade com que o acontecimento nos ultrapassa. *(Passa ao 2.)*

PERSONAGEM 2 *(em tom infantil)*: Ora, o mundo já é automático, quando uma mão joga a bola no ar, a outra já é automática e pega-a, não cai não. *(Quica a bola no chão e a passa.)*

PERSONAGEM 3(*movendo-se como astronauta*): Se o automático do mundo não funcionasse, a bola viria mais do que transtornar os vizinhos de baixo. E foi com susto que minha mão pouco automática tremeu à possibilidade de não ser rápida o bastante e deixar o acontecimento me escapar.

PERSONAGEM 1 (*toma a bola*): A necessidade de tornar tudo um pouco mais lógico (*com gestos militares*) - o que de modo algum equivale o automático – me faz tentar criteriosamente o susto que me pegou.

PERSONAGEM 4(*entrando e sentando entre os outros*): De agora em diante, me referindo à Terra (*olha para a bola*), não direi mais indiscriminadamente “o mundo”. “Mapa mundial”, considerarei expressão não apropriada; quando eu disse “o meu mundo”, me lembrarei com um susto de alegria de que também meu mapa precisa ser refundido, e que ninguém me garante que, visto de fora, o meu mundo não seja azul.

(Ruídos como os de uma emissão sonora vinda do espaço ou de um rádio desregulado interrompem a cena, paralisando todos. Ao findar o barulho, todos voltam a jogar com a bola.)

PERSONAGEM 2: Antes do primeiro astronauta, estaria certo alguém dizer “vim ao mundo” para falar do seu nascimento. Mas só há pouco tempo nascemos para o mundo. Quase encabulados.

PERSONAGEM 3: Para vermos o azul, olhamos para o céu. A terra é azul para quem a olha do céu. Azul será uma cor em si ou uma questão de distância? Ou uma questão de grande nostalgia? O inalcançável é sempre azul. *(Vai saindo como se procurasse tanger algo.)*

PERSONAGEM 4: Se eu fosse o primeiro astronauta, minha alegria só se renovaria quando um segundo homem voltasse lá do mundo: pois também ele vira. Porque “ser visto” não é substituível por nenhuma descrição: ter visto só se compara a ter visto. Suponho a hipótese de alguém no mundo ter visto Deus. E nunca ter dito uma palavra. Pois se nenhum outro viu, é inútil dizer.

PERSONAGEM 1: O grande favor do acaso: estarmos ainda vivos quando o grande mundo começou. Precisamos ter tempo de viver e ver um pouco mais, pois nosso tempo pessoal urge.


3.2.9.2 - Folder do Evento com a participação dos alunos em destaque.

Semana Clarice
{ 18 a 21 de abril }

PROGRAMAÇÃO COMPLETA 2012

18 (quarta)		19 (quinta)		20 (sexta)		21 (sábado)	
8h - 10h	Credenciamento Hall CCE B			10h - 12h	Entrevista com Benjamin Moser - comentários dos professores Pedro de Souza e Tânia Ramos (UFSC) Auditório Henrique Fontes		
10h - 12h	Mesa-redonda: adaptações, traduções, nomadismos Auditório Henrique Fontes	10h - 12h	Sala Hassis A coisa e a melancolia em "O relatório da coisa" de Clarice Lispector - Helano Ribeiro (UFSC) Clarice Lispector e a desautomatização na narrativa - Nilo Carlos Pereira de Souza e Daniele Rodrigues do Nascimento (UFPA)	12h30	Mini-sarau Tom Jobim Auditório Henrique Fontes	20h	Espectáculo Teatro da UFSC
12h30	CinePET Auditório Henrique Fontes		Sala Drummond Entre a personalidade e o anônimo: a crônica na poesia clariceana - Maria Elóisa de Souza Ivan (Uni - FÁCEF - Mackenzie) Clarice cronista urbana, em Brasília - Górgio Zimann Gislon (UFSC)	14h30 - 16h30	Sala Drummond Clarice Lispector nas malhas do epistolar: facetas, perspectivas e protocolos de leitura - Vanessa Massoni da Rocha (UFF) Minha amiga Clarice Lispector - Aline Miranda Seco Ferreira (PUC-Rio)		A via crucis do corpo na terceira idade: uma leitura de Clarice Lispector - Wilma dos Santos Coqueiro (UNESPAR) O significante fático em "A maçã no escuro" - Rodolfo Piskorski (UFSC)
14h - 16h	Sala Drummond Dois passeios ao zoológico: Clarice Lispector e Paulo Duarte no pátio do humanismo - George França (UFSC) O amor de Clarice - Otávio Tavares (UFSC)	14h - 15h30	CinePET A hora da estrela, longa-metragem dirigido por Suzana Amaral Auditório Henrique Fontes		Sala Hassis A representação do mito de Electra no conto de Clarice Lispector: uma leitura de "Os laços de família" - Malara Cristina Segato e Wilma dos Santos Coqueiro (UNESPAR)		
16h	Café	14h - 16h	Palestra com a cineasta Suzana Amaral Auditório Henrique Fontes	16h30	Café		
16h30 - 18h30	Mesa-redonda Auditório Henrique Fontes	15h30 - 16h	Café	18h30	Palestra com a escritora Ana Miranda Auditório Henrique Fontes		
18h30 - 20h30	Palestra com o Prof. Dr. Raul Antelo Auditório Henrique Fontes	19h	Sarau Colégio Aplicação Auditório Henrique Fontes	20h	Espectáculo Teatro da UFSC		

SEMANA CLARICE.UFSC.BR



IV – RELATO E DOCUMENTAÇÃO DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

4.1 Docência no projeto sala de aula

O estágio de docência nos trouxe a oportunidade de colocar em práticas todos os conhecimentos teóricos acumulados ao longo das disciplinas da área de educação. Além disso, vivenciamos o dia a dia de uma escola na prática, suas regras, acontecimentos, rotina, conflitos e outros acontecimentos que nos colocaram a par daquilo que não podemos aprender na teoria.

Diferentemente do estágio anterior, neste, já tínhamos uma sugestão de tema para o projeto de docência, sugerido pela professora da turma. Em uma reunião antes da elaboração do projeto, ela apresentou o planejamento anual da disciplina e o tema que coincidiria com nosso período de docência. O tema, por sua vez, seria relatos de viagem.

A princípio, pensamos que este seria um tema relativamente fácil de ser trabalhado, por conta da abundância de textos disponíveis do gênero, mas quando tivemos que selecioná-los, criar atividades e, o mais importante, um objetivo geral, a tarefa pareceu um pouco mais árdua do que o esperado. Por fim, o projeto *Relatos de Viagem: Para onde você quer ir agora?*, nasceu e com ele, seus objetivos.

Dentre nossos objetivos principais, almejávamos ampliar as possibilidades de utilização da língua materna por parte dos alunos em diversos contextos, enfatizando as práticas de uso da língua por meio dos relatos de viagem, de modo que os alunos soubessem se valer da palavra para produzir textos, sendo eles orais ou escritos. Tendo esse objetivo em vista, elaboramos nosso projeto valendo-se de estratégias que permitissem que ele fosse alcançado.

Entre essas estratégias estavam planejadas atividades de leitura de relatos de viagens contemporâneos, atividades escritas e orais de interpretação e compreensão de texto, criação de um relato fictício, representação da leitura de um livro de relato de viagem de forma

artística, a fim de ser exposto do Espaço Estético da escola e uma viagem de estudo às Fortalezas, já prevista no calendário anteriormente.

Após um longo período de elaboração, orientações, adaptações e correções, estávamos preparadas para o primeiro dia em sala de aula. Nosso período de docência iniciou-se no dia 24 de abril e terminou no dia 23 de maio, ao invés de 22, por conta da parada pedagógica no dia 10/05. Tínhamos o total de 16 h/a, sendo 8h/a para cada estagiária. As aulas eram ministradas na terça-feira, quarta-feira e quinta-feira, sendo 1h/a no primeiro e no último dia e 2h/a na quarta-feira.

Antes de iniciarmos o projeto, estávamos preocupadas quanto a duração de algumas aulas, que seriam apenas de 40 minutos. Pensávamos que seria impossível desenvolver qualquer tipo de atividade em aulas tão curtas, contudo, no decorrer do estágio, aprendemos que aquelas aulas seriam muito úteis, se fossem aproveitadas da maneira correta. Nossa estratégia foi utilizar a maior parte dessas aulas curtas para trabalhar alguns pontos em que a turma apresentava maior dificuldade. Em um dado momento, foi preciso parar com aquilo que havíamos planejado para trabalhar pontos específicos com os alunos.

De acordo com Geraldí (2011), ao considerarmos a aula como um acontecimento, fatos como este servem de alerta para nos prepararmos frente aos imprevistos que podem acontecer numa aula. É necessário aprender a se reorganizar, replanejar e programar aulas tendo em vista as condições do espaço escolar.

Começamos nossa primeira aula com a dinâmica da *Caixa das Viagens*, criada por nós e descrita no planejamento, para a apresentação do tema aos alunos. Estávamos receosas de que eles não demonstrassem interesse e por consequência acabassem não participando, mas, aos poucos, acabaram aderindo, ainda que um pouco acanhados.

Antes da dinâmica, a professora da turma nos apresentou e explicou que a partir daquele dia nós seríamos as responsáveis pelas aulas de Língua Portuguesa. Em seguida, nos apresentamos e falamos um pouco sobre nós e sobre o projeto, mas não mencionamos o tema, visto que planejávamos introduzi-lo por meio da dinâmica, de uma forma mais lúdica.

Felizmente, tivemos sucesso com a dinâmica e, por consequência, conseguimos que os alunos percebessem que o tema do projeto estava relacionado a viagens. Após esse momento, falamos acerca do gênero relato de viagem e exibimos um vídeo de uma pequena entrevista com Amyr Klink. O objetivo desse vídeo era situar aos alunos e introduzir o tema da próxima aula, na qual, faríamos a leitura de um capítulo de um dos livros do autor.

Já na segunda aula, apresentamos o primeiro capítulo do livro *Cem dias entre céu e mar*, de Amyr Klink. Os alunos deveriam fazer a leitura silenciosa do texto e relacioná-lo com o poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa, cujo trecho está presente na citação do livro. Os alunos leram atentamente aos textos, inclusive uma aluna voluntariou-se a fazer uma leitura dramática do poema. Após as leituras, responderam questões de compreensão e interpretação dos textos, em duplas.

Para nossa surpresa, boa parte dos alunos demonstrava concentração durante a leitura dos textos e engajamento na realização dessa primeira atividade. Percebemos que quando realizavam algum tipo de atividade escrita, alguns alunos procuravam responder de maneira muito breve e concisa. Diante dessa situação, tentávamos explorá-los ao máximo, tanto nas atividades escritas, quanto oralmente.

Após o trabalho com Amyr Klink e Fernando Pessoa nas três primeiras aulas, utilizamos um texto mais atual, intitulado *A Fantástica volta ao mundo*, escrito pelo jornalista Zeca Camargo. No terceiro dia, antes de iniciar o trabalho com o livro em questão, exibimos dois pequenos vídeos de duas viagens feitas pelo autor, os quais eram exibidos no programa *Fantástico*. Observamos que a maioria da turma já conhecia os vídeos, mas não o livro.

Mostramos também o blog do autor, para que os alunos observassem os diversos veículos de comunicação dos quais Zeca Camargo utilizava. Para o trabalho com o livro em si, distribuímos alguns capítulos do livro, em envelopes lacrados e sem identificação, a fim de que as duplas descobrissem apenas no momento em que abrissem o envelope, sobre qual país leriam. Essa atividade foi desenvolvida no terceiro e no quarto dia. As apresentações aconteceram na quinta aula.

Buscamos desenvolver alguns momentos lúdicos nas aulas, como a dinâmica na primeira aula e a atividade com livro *A Fantástica volta ao mundo*, já que em conversa com a Professora Nara, ela ressaltou a importância dessas atividades que, com o passar dos anos, são afogadas na rotina de sala de aula, porém são necessárias, pois buscam desenvolver o lado imaginativo e a sensibilidade dos alunos.

A socialização da leitura dos capítulos do livro de Zeca Camargo não foi tão agradável como esperávamos. Grande parte dos alunos apresentou um comportamento bastante inadequado. Enquanto uma determinada dupla apresentava havia muita conversa paralela e na hora das apresentações, mais uma vez, respondiam sucintamente e sem demonstrar interesse pela leitura realizada. Por diversas vezes, foi preciso parar a aula e solicitar aos alunos que cooperassem na realização da atividade. Em um dado momento, a própria professora da turma precisou intervir para que todos cooperassem.

Essa socialização das leituras consumiu mais tempo do que havíamos proposto e resultou na exclusão de um tema do planejamento. Por sugestão da professora da turma, não trabalhamos com a Carta de Caminha, como planejado. Percebemos, já no estágio de observação, que essa questão do tempo nas apresentações dos alunos já era uma situação comum na turma, por isso, imaginávamos que essas atividades acabariam tomando muito tempo das aulas e, conseqüentemente, atrasando o planejamento.

Após a leitura dos textos de Amyr Klink e Zeca Camargo, questões sobre o que é um texto literário geraram muitas dúvidas na turma. Alguns achavam que o texto de Amyr Klink era literário, pela sua linguagem e o de Zeca Camargo não era. Mesmo que esse assunto já tivesse sido debatido por eles, foi necessário para e explicar sobre essas questões.

O próximo ponto a ser trabalhado, deveria ter sido a Carta de Caminha, mas por solicitação da Professora Nara, ele foi excluído do planejamento para que tivéssemos mais tempo de desenvolver com mais profundidade as outras atividades propostas. No início, achamos um pouco estranho retirar um ponto importante do projeto, mas isso foi essencial para que pudéssemos esclarecer todas as dúvidas da turma e trabalhar detalhadamente certos pontos, como o estudo de gênero do relato de viagem, o que acabou sendo essencial para a realização de outras atividades.

Nesse meio tempo, também lançamos a atividade final à turma, que consistia na leitura de um livro de relato de viagem, anteriormente proposta pela Professora Nara, na criação de uma representação artística sobre a leitura do livro, a fim de ser exposta no Espaço Estético da escola e de um texto de identificação para ser anexado ao trabalho na exposição.

Creemos que essa atividade foi a mais conturbada do planejamento. Apesar das constantes indicações de leitura da professora da turma e também de nós mesmas, poucos alunos estavam realizando a leitura dos livros. Emprestamos nossos próprios livros para alguns alunos, a professora Nara também emprestou alguns seus, e mesmo assim, com o livro em mãos, os alunos procrastinaram a leitura até o último dia, o que resultou em algumas representações artísticas da leitura muito simplórias.

Muitos alunos apresentavam problemas com o prazo da entrega das atividades. Sempre esperavam que nós ficássemos adiando a entrega, mesmo que o peso da atividade já não fosse o mesmo e ainda sim não entregavam. Em todas as atividades propostas, ao menos metade da turma não entregou no dia estipulado. Consideramos esse um ponto bastante conturbado do nosso estágio, pois estávamos em uma situação que não poderíamos resolver de uma hora para outra. O comportamento dos alunos refletia a maneira como eles vêm sendo tratados há anos na escola.

Foi necessário, até mais que uma vez, que parássemos nossas aulas para abrir os olhos da turma para esse ponto. Oferecemos a alternativa de entregar por email, mas mesmo assim poucos souberam aproveitá-la. O que ficou claro é que eles já vinham apresentando esse tipo de comportamento há muito tempo e por isso estranharam quando foram cobrados de uma maneira um pouco mais rigorosa.

Dentre as atividades propostas, destacamos a criação de um relato fictício, a partir da leitura de matérias da revista *Turismo e Viagem*, como a que mais obteve êxito. Os alunos poderiam escolher a revista que mais os agradassem, e a partir da leitura de alguma matéria da revista escolhida, criar, em dupla, um relato fictício.

Essa atividade surgiu com o intuito de prepará-los para a realização de um relato de viagem real, que fariam a partir do passeio às Fortalezas. Para a realização desta, separamos uma das aulas de 40 minutos para um estudo de gênero do relato de viagem. Aproveitamos de outros gêneros que a turma conhecia para fazer uma espécie de estudo comparado, o que facilitou para que as características do relato de viagem fossem destacadas. Aproveitamos também para debater questões sobre o que caracteriza um texto literário, já que foi um ponto em que os alunos apresentaram dúvidas no início do projeto.

O relato fictício foi pensado para ser entregue em duas versões, para que dessa forma fizéssemos uma análise linguística das primeiras versões dos relatos e trabalhássemos em sala determinados pontos dessa análise. Cremos que esse tipo de trabalho com a gramática faça mais sentido aos alunos, por estar ligado diretamente aos seus próprios textos. Nessa aula de análise retiramos alguns trechos dos textos dos alunos para que eles identificassem conosco os pontos que necessitavam mudar em determinados trechos.

Apesar de ter sido uma aula produtiva, infelizmente ela não contribuiu da maneira que esperávamos na elaboração da segunda versão do relato. Poucos alunos fizeram as considerações necessárias e alguns ainda persistiam nas mesmas falhas anteriores. Cremos que esse conceito de 1ª e 2ª versão ainda precise ser muito trabalhado com a turma, pois muitos ainda vêm como uma oportunidade apenas de “passar a limpo” o texto.

O passeio as Fortalezas foi uma experiência marcante, tanto para nós, estagiárias, quanto para as turmas de 1º ano que participaram. Além das paisagens marcantes, foi possível conviver com os alunos fora do ambiente de sala de aula e percebemos que eles se sentiam bem ao nosso lado e queriam ficar conosco, mesmo que não houvesse necessidade, já que os professores das disciplinas envolvidas no passeio estavam ali. Por meio do passeio, conhecemos outro lado dos nossos alunos e também desejávamos permanecer ao lado deles, pois eram muito amigos e divertidos.

Após o passeio, chegamos ao nosso penúltimo dia de docência, e realizaríamos organização da nossa exposição no Espaço Estético. Juntamente com a estagiária Izabele, do 1º ano B, organizamos e expusemos nossos trabalhos para toda a escola. A montagem da exposição foi um ponto interessante em nosso trabalho, pois queríamos que os alunos também participassem dela. Com isso, poderiam perceber como se dá esse processo de montagem e organização e como alguns trabalhos “destoavam” da proposta da exposição.

Apesar de no roteiro do trabalho entregue a turma solicitarmos aos alunos que “ousassem” em suas produções e fugissem um pouco do desenho, 90% dos trabalhos foram realizados dessa forma. Porém, apesar de alguns trabalhos não terem atendido às nossas expectativas, alguns as superaram. Tivemos trabalhos dos alunos que não imaginávamos que fossem se dedicar de tal maneira, que foram surpreendentes. Infelizmente, alguns alunos não participaram da exposição, pois não entregaram o trabalho no dia proposto. Consideramos uma atitude justa, visto que estávamos cobrando essa atividade com antecedência.

Em nosso último dia de docência, por sugestão da Professora Nara, fizemos uma auto-avaliação com os alunos e também pedimos para que eles avaliassem o estágio. Foi uma atividade rápida e que nos trouxe grande satisfação, pois obtivemos 100% de aprovação da turma. Aproveitamos também para recapitular tudo o que já havíamos trabalhado. Essa aula foi essencial para que pudéssemos encerrar o projeto de uma maneira mais tranquila. Depois presentearmos a todos com marca páginas, bombons, uma maneira de incentivá-los a ler e deixar registrada a nossa presença. Por fim, fizemos alguns comentários finais e agradecemos à turma e a professora por terem contribuído e feito parte dessa fase da nossa vida acadêmica.

Concluimos, portanto, que a docência, certamente, foi enriquecedora para a nossa formação. Por meio dessa experiência, pudemos verificar que a forma tradicional de ensino, a qual privilegia uma visão atemporal e descontextualizada do conhecimento, não é mais cabível. Os próprios alunos clamam por um ensino diferente, que compartilhe das suas visões de mundo.

Por isso, em nosso trabalho, buscamos desenvolver um projeto parecido com aquilo que tínhamos visto no estágio de observação. Um projeto que busca sempre fugir das maneiras tradicionais e cristalizadas de ensino e que visa às necessidades dos alunos e não apenas cumprir aquilo que está escrito no papel.

Apesar de muitos alunos não terem alcançado o resultado que esperávamos, mais por falta de interesse do que de capacidade, cremos que contribuimos para ampliar as possibilidades de utilização da língua materna por parte dos alunos em diversos contextos, o que havíamos proposto como nosso objetivo principal. Observamos isso quando, hoje,

terminado o estágio de docência, paramos para reler as atividades produzidas pelos alunos e vimos suas respostas, ideias e opiniões.

Apesar de nossa tarefa ser a de ensinar, também aprendemos muito com esse estágio. Vimos que todas as escolas possuem seus problemas e particularidades e é insensato julgar que apenas as escolas estaduais e municipais sofrem com isso. Pensávamos que iríamos encontrar alunos super avançados e professores extremamente rígidos, mas quando adentramos em sala de aula, nossos pré-conceitos foram desmoronando, para dar lugar a um pensamento mais compreensivo e tolerante.

O que buscávamos era mais do que ensinar nomenclaturas gramaticais, e sim, estimular aos alunos a pensar criticamente, saberem tomar atitudes conscientes e intencionais. E, na medida em que aparecerem dificuldades no uso da escrita e da norma culta, a escola lhe ensinará como provir.

Neste sentido, acreditamos que o ensino de regras e nomenclaturas gramaticais deve continuar sendo ensinado, porém não de modo isolado. É preciso mostrar aos alunos a funcionalidade dessas regras, como, porque e para que certos termos são utilizados em detrimento de outros. Mais do que decorar princípios gramaticais, é necessário saber usar e absorver o sentido para qual certa expressão ou conceito foi abordado.

4.2 Docência no projeto extraclasse

Podemos considerar o projeto extraclasse, desenvolvido durante nosso estágio de docência, um presente. Tivemos a oportunidade de trabalhar ao lado do Prof^o George França e concomitantemente, desenvolver o projeto ao seu lado e vê-lo tomar novos rumos com o passar dos dias, já que era uma experiência nova para nós e também para o professor.

Nosso projeto, intitulado *Um Sarau na Semana Clarice*, partiu da solicitação do PET Letras da UFSC, o qual convidou o professor George para que coordenasse um sarau com seus alunos para que fosse apresentado na *Semana Clarice*, evento promovido pelo mesmo grupo entre os dias 18 e 21 de abril de 2012.

A ideia nos pareceu perfeita para promover a aproximação da escola com a academia, o que parece ser um desejo de muitos, mas na prática, é pouco implementado.

Porém, nosso objetivo principal era contribuir para a ampliação da competência no uso oral e escrito da Língua Portuguesa dos alunos, por meio da leitura de textos de uma autora tão consagrada na Literatura Brasileira como Clarice Lispector.

Além de trabalharmos com textos de uma autora prestigiada por nós, tivemos a oportunidade de realizar esse projeto com alunos do Ensino Médio (2º e 3º ano), o que contribuiu para que vivêssemos a experiência de trabalhar com alunos do Ensino Médio, que em geral demonstram pouco interesse por projetos desse gênero.

Porém, nossa visão de que os alunos não se interessariam pelo projeto, mudou quando vimos que os que estavam participando, realmente levaram a sério aquela oportunidade. No início tivemos muitas oscilações nas participações dos alunos e apenas nos encontros finais e na apresentação, não tivemos ausências.

Começamos os encontros realizando leituras de textos previamente selecionados da autora (os textos lidos e adaptados foram todos retirados da obra *A descoberta do mundo*). Foram cerca de dois encontros lendo e discutindo como poderíamos encenar os textos escolhidos. Após as leituras, começamos o processo de adaptação, que inicialmente foi feito pelo Professor George, e depois adaptado inúmeras vezes, por todos os participantes, durante as leituras e ensaios.

Além de participar da organização do projeto, também tivemos a oportunidade de participar do sarau, fato que nos trouxe muita alegria em poder compartilhar desses momentos ao lado dos alunos e sentir o que eles sentiram na hora da apresentação.

Vale ressaltar que não encontramos, na escola, uma abertura para que fossem criados novos projetos extraclasse. Muitos professores insistiam todo o tempo para que nos inseríssemos em projetos já existentes. Por vezes, sentíamos que os professores desprezavam essa atividade do nosso estágio e queriam que a preenchêssemos com quaisquer funções. Dessa forma, pensando em não desperdiçar a oportunidade de criar um projeto, nos inserimos nesse novo projeto, em que nos foi dada a oportunidade de sermos co-autoras.

Enfrentamos outras dificuldades também, como com a professora de teatro da escola, convidada pelo Professor George a contribuir para a realização do sarau. Suas constantes faltas, desprezo pela nossa opinião, que cremos ser devida a nossa posição de estagiárias, falta de postura frente aos alunos, nos trouxe desânimo em certos momentos. Acreditamos que o aluno ainda vê o professor como exemplo, por isso, não devemos abrir mão de um comportamento respeitoso e polido frente aos alunos.

Cremos que cabe ao professor a responsabilidade de exercer uma função de socializar aquilo que ensina a todos os alunos, lutando pela garantia e permanência de todos

na escola, independente da origem, classe social, etnia e gênero. A possibilidade de o aluno intervir no processo de aprendizagem, provoca-o e impulsiona-o, promovendo a reelaboração do conhecimento.

Acreditamos que tão importante quanto à transmissão de conhecimentos é promover situações que motivem os alunos rumo ao conhecimento, quer seja no aprendizado de novos conhecimentos, quer seja na própria convivência e troca de experiências com os colegas.

V – COMENTÁRIO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

O estágio de docência é um dos desafios pelos quais o acadêmico do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas passa antes de obter sua licenciatura. Esse é o momento de estabelecermos relações interpessoais com os alunos, de modo que possamos compreender o processo de ensino-aprendizagem, bem como os métodos utilizados para que se cumpram os objetivos a que se propõem. É durante o estágio que temos a possibilidade de desenvolver nossas competências e práticas educativas.

Na graduação aprendemos diversas teorias sobre o processo de ensino e aprendizagem, entretanto, isto não é suficiente para formar um bom professor de Língua Portuguesa. Sabemos que o ensino e a aprendizagem são processos complexos, que se dão no uso da linguagem. Além disso, se considerarmos o dinamismo da sociedade na qual vivemos, perceberemos que uma formação consolidada somente no ambiente da academia não suprirá as necessidades que o professor enfrentará na sala de aula.

É no dia a dia da escola que poderemos acompanhar o ritmo do ensino e da aprendizagem dos alunos. Só com a experiência proporcionada pelo estágio que estaremos aptos a pensar os procedimentos, métodos e estratégias que contribuam para a construção do conhecimento. Ensinar não é uma tarefa fácil, e planejar atividades de sala de aula que interesse aos alunos e contribua no modo como a aula transcorre é de suma importância.

Dessa maneira, para que as aulas de Língua Portuguesa não se resumam em ouvir explicações, fazer exercício e realizar provas, é necessário que o professor considere as experiências dos alunos, interaja. A aprendizagem é um processo de construção permanente, que se dá por meio da troca de informações, do diálogo, nunca está acabado e definido. E o professor, o responsável pelo ensino, deve saber que a aprendizagem engloba fatores tanto cognitivos e afetivos quanto sociais, políticos e econômicos.

O processo de aprendizagem, portanto, está relacionado a diversos fatores, entre eles: o conteúdo, a abordagem do professor e a dificuldade ou facilidade do aluno em aprender. É preciso reconhecer que cada aluno reage de um modo diferente frente àquilo que lhe é apresentado; alguns têm maior capacidade de concentração, são mais participativos, outros são tímidos. Cabe ao professor reconhecer essas características no aluno, pois assim poderá avaliar o desenvolvimento e o processo de aprendizagem.

Todos estão aptos a aprender, porém, uns assimilam o conteúdo mais facilmente do que outros. Além disso, a maneira pela qual o professor planeja e conduz as atividades contribui no processo de aprendizagem, pois esse pode ser o fator motivador para os alunos, fazendo com que participem e se envolvam. Saber atrair e prender a atenção dos alunos é indispensável para a apropriação do conhecimento, porque isso os motiva a agir, participar e contribuir com as aulas. As estratégias de ensino são fundamentais para alcançar os objetivos pretendidos. Por isso, todos os procedimentos e etapas das aulas devem ser explicados aos alunos. Tudo deve ser esclarecido e acordado entre as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

Uma maneira de conquistar os alunos e fazê-los se interessar pelas atividades propostas é o professor mostrar que ele não é o único detentor do conhecimento, sua função é auxiliar, orientar e mediar às ações. O aluno precisa saber que a sua participação é importante na construção do conhecimento. A aula é um trabalho de cooperação, de troca de idéias e experiências. Neste ambiente o professor é responsável por proporcionar essas relações de trocas. Embora a aprendizagem seja diferente para cada um, é em meio à interação que os saberes são aprimorados, assimilados e refletidos.

Na turma do 1º A, na qual ministramos as aulas, tentamos nos posicionar como contribuidoras, pessoas que tentariam estabelecer momentos de interação para ajudá-los a compreender os conteúdos e perceber como se dá o uso da sua língua materna. Após sermos apresentadas a turma, pela Professora Nara Caetano Rodrigues, esclarecemos quais seriam nossas pretensões e o trabalho que faríamos com eles nas aulas de Língua Portuguesa. Essas considerações foram necessárias para que eles soubessem e ficassem cientes das tarefas que realizariam, como deveriam proceder e para que as aulas contribuíssem no desenvolvimento do seu conhecimento.

Então, aproveitando que a turma era pequena, tendo 25 alunos, aparentava ser participativa e estava acostumada ao trabalho com gêneros textuais, elaboramos um projeto de

estágio envolvendo o gênero relato de viagem. Essa foi uma maneira de considerar o planejamento seguido pela professora da turma e prosseguir com o estudo de gêneros, método de ensino ao qual já estavam acostumados. Acreditamos que com esse projeto poderíamos proporcionar aos alunos o contato com um tipo de texto ao qual não estavam habituados.

Certamente, a escolha do tema: *Relato de viagem: para onde você quer ir hoje?*, contribuiu para o envolvimento dos alunos, pois o tema viagens é algo que mexe com a imaginação. Por trabalharmos com textos que narram grandes viagens e eram repletos de informações sobre lugares desconhecidos, os alunos demonstraram interesse pelo assunto, fator importante na efetiva aprendizagem. É claro que nem todos se engajaram no projeto, fizeram as atividades apenas para obterem nota, mas muitos apoiaram nossa ideia e se dedicaram.

Na primeira aula, para tentar atrair e introduzir os alunos a nossa proposta, realizamos uma dinâmica chamada *A caixa das viagens*. Nessa atividade, propusemos que os alunos se organizassem em círculo, e, ao som da música *Viajar*, dos Papas da Língua, uma caixa com palavras que remetem ao tema viagem circularia pela sala. Quando a música parasse o aluno que estivesse com a caixa deveria escolher uma palavra e falar algo relacionado àquela palavra, que era o nome ou ponto turístico de algum lugar. O objetivo da dinâmica é fazer com que os alunos descubram o tema do nosso projeto. E isso deixou a turma animada e interessada pelo assunto e por aquilo que estava por vir. Nessa introdução, percebemos que até os mais tímidos participaram, fizeram comentários.

A fim de integrar cada vez mais os alunos às atividades propostas e prender a atenção deles ao que estava sendo ensinado, adotamos estratégias como a realização da dinâmica e o trabalho com materiais chamativos, como: data-show, vídeos, blogs e revistas. Essa era uma das maneiras de despertar o interesse e fazer com que os alunos participassem, pois eles eram agitados e gostavam muito de ouvir e ficar mexendo no celular. Por isso, preparar aulas e atividades diferentes era necessário, tendo em vista a disputa com esses atrativos eletrônicos.

No decorrer do estágio, verificamos que alguns alunos se empenhavam na execução das tarefas, pediam ajuda quando não compreendiam o que deveria ser feito, sanavam suas dúvidas, pareciam querer aprender, mas outros aparentavam estar na escola por obrigação e achavam que lá era um ponto de encontro de amigos. Pudemos observar isso quando propusemos atividades em grupo, pois muitos ficavam com conversas paralelas, pediam para

ir ao banheiro, e na verdade ficavam conversando no corredor, e os demais estavam focados na realização das atividades.

Em uma das aulas, enquanto a turma fazia a tarefa proposta, percebemos que a sala estava dividida em dois lados, um estava concentrado na atividade e se empenhava para entregar o quanto antes, e o outro passava grande parte da aula conversando e ouvindo música, custando a terminar e entregar. Além disso, a turma tinha dois alunos que apresentavam ter dificuldades de aprendizagem, porque um tinha dislexia e problema de audição e outro era hiperativo. O aluno com dislexia demorava a fazer as tarefas e, na maioria das vezes, levava para terminar em casa, mas deixava de entregá-las. Já o aluno hiperativo, não tinha grandes dificuldades em realizar as atividades, o problema era fazer com que ele prestasse atenção nas aulas e parasse de conversar com os colegas.

Quanto à participação, podemos dizer que a turma participava quando solicitada, se nós, professoras, não pedíamos a contribuição deles, o silêncio imperava. Às vezes tínhamos a impressão de que eles apenas comentavam algo para nos deixar felizes com a demonstração de interesse. Em vários momentos fazíamos perguntas e ninguém se disponibilizava a responder, ou quando respondia era em voz baixa, então, precisávamos citar algum nome para ter algum retorno. Acreditamos que a falta de participação seja por vergonha, medo de errar e ser criticado, julgado pelos colegas.

Entretanto, o fato de não serem atuantes e participativos não significa que a turma não estava atenta a aula e a explicação das professoras. Era evidente que em algumas aulas e certas ocasiões eles não prestavam atenção e ficavam conversando, mas o quadro mudava quando percebiam que o conteúdo abordado era necessário para a realização de uma tarefa posterior. Notamos que eles sabiam quando era necessário prestar atenção e apreender o conteúdo. Isso mostra que sabem julgar e decidir o que é ou não relevante. Embora fossem alunos na faixa etária de 15 anos, alguns aparentavam identificar os momentos de descontração e trabalho sério. Certamente, havia aqueles que não se interessavam por nada, simplesmente nos ignoravam e não se importavam com a aula.

Contudo, uma das dificuldades apresentada pelos alunos era expressar por escrito aquilo que pensavam. Nas atividades que envolviam a prática da escrita eles demoravam muito para fazer, sempre nos perguntavam como poderiam escrever tal informação e elaboram respostas resumidas, muitas vezes em uma palavra. Eram poucos os alunos que se dispunham a fazer respostas completas e bem formuladas. Também percebemos certa

insegurança na escrita, eles preferiam escrever a lápis, pois tinham a possibilidade de reescrever e organizar melhor as sentenças de acordo com aquilo que pretendiam dizer.

Além disso, ao corrigirmos alguns textos produzidos por eles, constatamos pequenas confusões quanto ao uso de “mas”/“mais” e na grafia da palavra viagem, que muitos escreviam com “j”. Fora isso, não verificamos mais problemas com a ortografia, no entanto, a falta de coerência e coesão era algo presente em diversos textos. Devido a essa ocorrência, reservamos uma aula para esclarecermos essas dúvidas, fazê-los perceber qual era o problema na construção da sentença e como poderiam melhorá-la. Mesmo assim, em atividades de reescritura, observamos que as dificuldades persistiam.

Na última atividade programada para as nossas aulas, cujo objetivo era criar uma representação artística que mostrasse os sentidos que eles atribuíram à leitura de um livro do gênero relato de viagem, escolhido por eles, achamos que teríamos maior participação e empenho dos alunos, porém não foi o que aconteceu. A atividade consistia na criação de uma representação artística, algum desenho, quadro, escultura, ou colagem, que remetesse a história narrada pelo livro lido. A finalidade da atividade era que, ao término dela, os alunos a expusessem no Espaço Estético do Colégio de Aplicação, por isso esperávamos que caprichassem na confecção de suas representações. Ao propormos tal exposição, consideramos que, pelo fato de ser algo que toda a escola poderia observar, os alunos se dedicariam em fazer bons trabalhos. No entanto, na hora de apresentar aquilo que haviam feito, muitos trouxeram trabalhos xerocados, aparentemente feitos de um dia para o outro, sem capricho.

Obviamente, tivemos alguns alunos que fizeram ótimas representações artísticas, compreenderam o objetivo da atividade proposta e conseguiram transmitir aquilo que sentiram ao ler o livro escolhido. Concluímos, portanto, que desses alunos obtivemos um efetivo aprendizado, porque captaram o que lhes foi ensinado, souberam expressar suas ideias e convertê-las em benefício próprio. Enfim, para alguns alunos, nossas aulas foram instrutivas, contribuíram para a construção do conhecimento e para o efetivo aprendizado. Esses poucos alunos se envolveram e desenvolveram suas habilidades e competências comunicativas e criativas.

Por fim, mesmo diante das frustrações, terminamos o nosso estágio com um saldo positivo, pois fizemos a diferença para alguns. A experiência do estágio de docência mostrou-nos que, embora tenhamos como objetivo ensinar e contribuir para a formação de todos os

alunos, isso nem sempre será possível. Mas, o que acaba sendo válido é que nossos objetivos iniciais de construir o conhecimento, fazer com que tenham contato com o gênero relato de viagem e possam reconhecer suas características foram alcançados. Assim, de uma maneira ou de outra, fomos atuantes no amadurecimento e no desenvolvimento do saber reflexivo e críticos de nossos alunos.

VI – ENSAIO SOBRE A EXPERIÊNCIA DA DOCÊNCIA

6.1 Uma viagem avaliativa: navegando pela experiência de ensino no estágio de docência I e II

Paula Rodrigues Leão

O ensaio a seguir é fruto da análise da experiência de estágio obrigatório de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, do curso de licenciatura em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado na 9ª fase do curso. Este estágio foi realizado por uma dupla de graduandas, em uma turma de primeiro ano de Ensino Médio, no Colégio de Aplicação da UFSC, público e federal.¹³

Nossa imersão no espaço escolar se deu por diversas formas, como na observação de aulas de Língua Portuguesa, participação em reuniões pedagógicas, projeto extraclasse, reuniões de área, reuniões de disciplina, palestras, dentre outras atividades. Isso permitiu que o período de exercício de docência, em que tomamos a frente do trabalho em sala de aula, fosse muito mais rico e comprometido com a realidade dos sujeitos envolvidos nessa situação interativa.

Ressalto que, assim como as outras experiências citadas anteriormente, a observação das aulas da professora da turma (Profª Dra. Nara Caetano Rodrigues) foi decisiva para nortear nossas ações na docência, por possibilitar a avaliação crítica do que se faz em aulas de Língua Portuguesa.

Percebemos que as atividades propostas pela professora aproximavam-se das indicações presentes nos documentos oficiais – como os Parâmetros Curriculares Nacionais (2006) e a Proposta Curricular de Santa Catarina (2005) – que norteam o trabalho na

¹³ É válido que ressaltar que o Estágio Obrigatório I, cursado na 8ª fase do curso, realizou-se na escola Simão José Hess, da rede estadual de educação.

disciplina, para o qual, aparentemente, é necessário que os alunos não apenas decorem conceitos e reproduzissem modelos, mas sim, desenvolvam reflexões.

Por outro lado, quando lembramos o primeiro estágio, vemos que a realidade entre essas duas instituições citadas são muito distintas. As atividades propostas pela Professora Maria da Graça pautavam-se apenas no livro didático como único instrumento de trabalho. Nenhum outro tipo de atividade era desenvolvida e todas as aulas configuravam-se da mesma maneira: conteúdo do livro e exercício.

Nas observações feitas durante o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I, pôde-se ter contato com a realidade que permeia o espaço escolar (de uma escola da rede estadual), atualmente, e ainda perceber que as teorias que circulam nos espaços acadêmicos ainda estão obscuras no âmbito escolar.

O processo de apropriação dos saberes científicos só se consolida pela leitura e escrita do mesmo. O simples ato de ouvir não consolida o aprendizado. Por isso, os saberes científicos, tão discutidos na academia, quando chegam à escola se mimetizam. Os professores da rede escolar têm acesso às teorias (e quando o tem), lendo artigos resumidos, revistas em cursos de capacitação para professores, porém, este contato nunca se dá com o próprio autor da teoria, com o próprio saber na fonte.

Por outro lado, em um Colégio de Aplicação, essa realidade é outra. Por ser uma instituição federal e ainda uma escola que pertence a uma universidade, os professores possuem sua carreira baseada no tripé: pesquisa, ensino e extensão, o que garante a oportunidade de além de fazer pesquisas em sua área, estar em contato com os saberes e teorias que circulam na universidade.

Destaco os fatores como, salário maior, reuniões de planejamento constantes, reuniões de formação, dispensa para pós-graduação e outros benefícios, vantagens que garantem aos professores do Colégio de Aplicação mais motivação para o desenvolvimento do seu trabalho. E o sucesso disso, faz com que se sintam mais valorizados como profissionais e como pessoas.

Tendo conhecimento da realidade do trabalho na disciplina de Língua Portuguesa, propiciado pela imersão no universo da escola já no estágio anterior e também do que os documentos oficiais recomendam, partiu-se para a elaboração dos eixos norteadores do projeto de docência. Por sugestão da professora e pela coincidência com o planejamento anual da turma, o tema que deveríamos trabalhar seria relatos de viagem.

Para fundamentar as escolhas, partiu-se para um processo de pesquisa sobre o gênero, porém, tivemos certa dificuldade em trabalhar com esse gênero tão pouco explorado.

A bibliografia disponível era grande, mas o leque de atividades que poderiam ser desenvolvidas era escasso. A grande dificuldade era que não poderíamos trabalhar com o tema de uma forma que abrangesse a aspectos da Literatura Portuguesa e, por consequência, a literatura de informação, no Brasil.

A professora da turma nos disse que os conteúdos citados acima eram pouco explorados no 1º ano do Ensino Médio, principalmente a Literatura Portuguesa e que ela não gostaria que a abordagem fosse feita dessa forma, mas sim, que trabalhássemos com relatos de viagens mais atuais e focássemos nas habilidades de escrita.

Com os eixos da pesquisa definidos, selecionamos os autores, após nossa própria leitura, e criamos algumas atividades. Um fato curioso do estágio foi que grande parte do planejamento das duplas que trabalharam com uma turma de 1º ano abrangia quase os mesmos conteúdos, bibliografia e atividades.

Creemos que esse fato aconteceu devido à limitação do tema do projeto. Particularmente, nosso interesse estava em explorar a Literatura Portuguesa e processo de formação da Literatura Brasileira, porém, infelizmente, não foi possível trabalhar com nenhum texto canônico (*Os Lusíadas*, *A Carta de Caminha*) dessas literaturas, como tínhamos em mente.

Contudo, no que se refere ao ensino da literatura, concordamos com a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p.45), que “compreender o que é Literatura significa pensar que ela consiste em toda e qualquer produção escrita do homem, que tenha sido produzida em determinado momento histórico, ou ao longo de toda a história da humanidade [...]”. Afirmamos, portanto, que as aulas de disciplina de Língua Portuguesa não devem separar Língua e Literatura, pois

[...] o divórcio entre língua e literatura, além de, por si só, corresponder a uma aberração, por incoerente em relação à natureza delas mesmas, é, no mínimo, um desserviço a todos, pois a língua é sempre reinventada na literatura, que, ao mesmo tempo, a estabelece para o futuro. (BRIDI, 1998, p.122 *apud* COELHO, MELO, SUASSUNA, 2006).

Escolhemos, portanto, trabalhar a língua(gem), contemplando a reflexão do ponto de vista da análise linguística relacionando-o ao literário. Para tanto, elegemos como suportes para o desenvolvimento do trabalho, os textos de Amyr Klink (Capítulo *Partir*, do livro *Cem dias entre o céu e o mar*), o poema *Mar Português* de Fernando Pessoa, o livro *A Fantástica volta ao mundo* do jornalista Zeca Camargo e a revista *Turismo e Viagem*.

Além disso, nos valem dos aspectos linguísticos (ortografia, sintaxe, colocação verbal etc.) dessas escritas, refletindo acerca das classificações desses textos como literários ou não e comparando-os com estudos de gêneros anteriores ao estágio, fato que levou a turma à reflexão do uso na interação (produção e leitura) e auxiliou na reescritura de seus textos à luz dessas reflexões.

Sobre o processo de reescritura dos textos, percebemos dificuldades na turma em lidar com a questão de primeira e segunda versão de textos. Percebemos que para os alunos, o ato da correção era muito mais uma questão de apontar os “erros” e, sem muita reflexão, discernir sobre eles. Em virtude disso, ao analisarmos as primeiras versões dos relatos fictícios dos alunos, procuramos ler e avaliar o que os alunos escreveram de um modo mais amplo, procurando observar o que os alunos escreveram, a estrutura do texto e os progressos alcançados.

Sobre isso, Irlandé Antunes (2003), escreve:

o que parece inaceitável é deixar que se instale no aluno a postura alienante de transferir para o professor o poder absoluto de revisar, julgar, avaliar e reformular seu texto. Assim, não se desenvolve no aluno a autonomia, que requer procura crítica, autoavaliação, levantamento de hipóteses, busca da melhor alternativa, atitudes essenciais para quem empreende qualquer aprendizagem não mecanicista. (ANTUNES, 2003, p.163)

Ancoradas nessa reflexão, utilizamos as aulas posteriores à escrita do relato fictício, para uma análise dos textos escritos com a turma. Anteriormente, selecionamos os trechos dos próprios alunos que deveriam ser comentados e fizemos uma análise em conjunto, buscando que os próprios alunos encontrassem o que não se encaixava na construção da frase, o que poderia ser melhorado e outros aspectos relacionados à estrutura do relato de viagem.

Quando devolvemos os textos, após a análise em conjunto, os alunos apenas observaram aspectos gramaticais e não atentaram para aspectos da estrutura do texto. Em suma, corrigiram aquilo que havíamos destacado, mas não refletiram sobre o que escreveram, o que não acarretou em mudanças significativas.

Apesar da própria professora da turma ter recomendado esse processo de reescritura e análise em conjunto dos textos, acreditamos que a turma ainda é um pouco imatura para avaliar criticamente seus próprios textos. Esse processo ainda precisa ser muito trabalhado, para que, futuramente, os alunos alcancem a autonomia necessária e percebam que o professor não é o único avaliador do texto.

Temos consciência de que as atividades pedagógicas que desenvolvemos durante o estágio II, baseadas nas teorias de Bakhtin sobre os gêneros do discurso, podem trazer artificialidade à compreensão do processo dessas escritas, dependendo do modo como é realizado o trabalho com esse conhecimento na escola. Isso porque, ao estudar determinado gênero discursivo em sala de aula, estamos retirando-o de sua esfera de circulação real.

Porém, as relações interacionais que são estabelecidas nessa esfera podem-se compor propostas de atuação efetivas e próximas das condições reais de elaboração e uso na sociedade. Tendo consciência dessa *possível* artificialidade, tentamos fazer o melhor possível, realçando, nos manuais, o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional e as esferas de circulação das atividades produzidas pelos alunos.

Concordamos, então, com Antunes (2003, p.45), quando a autora se refere ao processo de produção textual: “uma visão interacionista da escrita supõe, [...], envolvimento entre sujeitos, [...] alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir; em vista de algum objetivo.”

Depois de toda a experiência pela qual passamos durante este estágio e no anterior, essa oportunidade de (re)avaliar os caminhos efetuados mostra que o percurso pelo qual passamos durante toda a graduação é essencial para nossa atuação como professoras, mas nunca é o suficiente. Conforme afirmado por Rodrigues & Pamplona (2003): “se o aluno pode e deve aprender, o professor também deve engajar-se nesse processo, e aprender antes e durante seu trabalho”. E, certamente, na hora e (re)avaliar suas práticas, o professor também aprende.

6.2 O professor e a sua grande expedição: o ensino

Xênia Conrat

Ao iniciarmos o estágio supervisionado II, no Colégio de Aplicação da UFSC, sabíamos que este seria diferente do anterior, por lidar com alunos do ensino médio e não mais do ensino fundamental. Esse foi um fator relevante no processo de elaboração e planejamento das aulas. Era preciso pensar em propostas de atividades e textos que fizessem sentido para alunos na faixa etária de 15 anos. Não podíamos desconsiderar os seus conhecimentos adquiridos ao longo do seu processo de formação e as suas vivências enquanto adolescentes.

Portanto, aproveitamos o período de observação das aulas de Língua Portuguesa para verificar como eram planejadas e ministradas as aulas pela Professora Nara Caetano Rodrigues, bem como se dava o processo de aprendizagem dos alunos. Além disso, a observação contribuiu para nos familiarizarmos com a turma, percebermos como o conteúdo ensinado era assimilado e qual posição os alunos ocupavam na sala de aula, se eram interlocutores ou meros receptores.

Nas aulas observadas, a professora aparentava planejar e conhecer muito bem o conteúdo proposto para as aulas. Sem dúvida alguma, ela organizava as aulas de acordo com o grau de conhecimento dos alunos, pois sempre lembrava conteúdos já aprendidos e relacionava-os àquilo que pretendia ensinar. A professora iniciava fazendo indagações à turma, e, com base nas respostas dadas, conduzia a sua aula. O aluno, nessa perspectiva, era peça fundamental para o bom andamento das aulas e para o efetivo processo de ensino e aprendizagem. As aulas aconteciam conforme aquilo que era exposto por eles, ou seja, de acordo com as suas necessidades.

A abordagem realizada pela professora, considerando o conhecimento dos alunos e as suas contribuições em sala de aula, é fundamentada em teorias que articulam a transmissão de informações de um emissor para um receptor, e envolvem a compreensão e interpretação da realidade a qual estão inseridos (GERALDI, 1999). Trata-se de uma concepção e uma prática educacional que visa à linguagem, objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa, como um lugar para a interação humana. Assim, como propõe Travaglia (2000, p. 23):

nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). **A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores**, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. (grifos nossos)

Dessa maneira, o professor de Língua Portuguesa, a exemplo da Professora Nara Caetano Rodrigues, deve atentar para o diálogo em sala de aula, pois por meio dele que se percebe a produção de sentido que dado conteúdo possibilitou ao aluno. O professor precisa ter em mente que ensinar é muito mais do que aprender conceitos, nomenclaturas e metalinguagens que se apresentam nas sentenças. Isso não desconsidera a relevância de saber como se dá as características estruturais e usuais da língua, porém, não é tudo. Como menciona Geraldi (1999, p. 45):

uma coisa é saber a língua, isto é, **dominar habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra**. Outra, é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (grifos nossos)

O educador, contudo, necessita ter ciência desses dois focos do ensino, mas não deve esquecer que sua pretensão maior é chegar aos usos sociais da língua. Se atentarmos para as finalidades atribuídas ao ensino médio, perceberemos que entre elas estão: o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado (BRASIL, 2006). E como nós, futuros professores de Língua Portuguesa, conseguiremos construir cidadãos aptos para o mundo do trabalho, preparados para interagir em diversas circunstâncias, posicionando criticamente, e com perspectivas de continuar aprendendo, se centrarmos as aulas no reconhecimento das unidades e de suas nomenclaturas, bem como em atividades de análise morfológica e sintática de sentenças isoladas, fora de contexto?

Evidentemente, o ensino deve ter por prioridade trabalhar os aspectos funcionais da língua, ou seja, mostrar a *língua-em-função*, “a língua que somente acontece entre duas ou mais pessoas, com alguma finalidade, num contexto específico e sob a forma de um texto – mais ou menos longo, mais ou menos formal desse ou daquele gênero” (ANTUNES, 2003, p. 109). Nessa perspectiva, as aulas de Língua Portuguesa extrapolam as técnicas de nomeação e

classificação de sentenças isoladas, retiradas de diversos textos. O objeto de ensino, portanto, é o próprio texto, lugar da interação entre os interlocutores. É por meio do texto que se estabelece o diálogo e são atribuídos sentido e finalidade ao discurso, dentro de um dado contexto. Nesta concepção, segundo Duarte (*apud* Koch, 2003, p. 10):

o texto passa a ser considerado um atividade interativa e não apenas uma captação de uma representação mental ou a decodificação de uma mensagem enviada de um emissor a um receptor. **Essa atividade interativa extremamente complexa de produção de sentidos utiliza-se dos elementos linguísticos necessários para organizar-se, mas, a par desses elementos, uma gama considerável de outros fatores (saberes) é indispensável para sua construção significativa no momento do evento comunicativo.** (grifos nossos)

A visão de texto acima defendida propõe que a tarefa do professor seja orientar, conduzir seus alunos para que eles analisem e compreendam os elementos utilizados no texto. Ao invés de analisarem sentenças, os alunos precisam observar como cada elemento linguístico é organizado e qual a sua função e importância para a atribuição de sentido ao texto. “O que se passa a ter prioridade é criar oportunidades (oportunidades diárias) para o aluno construir, analisar, discutir, levantar hipóteses, a partir da leitura de diferentes gêneros de textos – única instância em que o aluno pode chegar a compreender, como, de fato, a língua funciona” (ANTUNES, 2003, p. 120).

O professor, dessa maneira, assume o papel de mediador da construção do conhecimento. Ele é o responsável por selecionar os textos a serem estudados, criar espaços para o confronto de conhecimentos, a interação, promovendo a reflexão crítica e o uso efetivo da língua. Além disso, estimula e ativa o interesse do aluno, orientando o seu esforço individual para aprender. No processo de ensino/aprendizagem, segundo a concepção interacionista, o professor fala e também ouve, dialoga com o aluno, dando-lhes a oportunidade de exercer sua atividade mental. Nesse contexto, o aluno é visto como o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento, e o professor é alguém que, com os alunos (e não para os alunos), pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende e reaprende, ou seja, organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento (ANTUNES, 2003).

Diante do exposto, podemos concluir que, os alunos só aprenderão os usos da língua se presenciarem situações concretas de interação. Essa é a perspectiva de ensino de língua

adotada pela Professora Nara, que visa o sujeito como construtor do conhecimento sobre a língua. As aulas as quais observamos são baseadas no estudo de textos, na leitura de diversos gêneros discursivos. Durante as aulas os alunos são levados a perceber e compreender os usos e funções a que a língua se presta, segundo as situações. Desse modo, a leitura, a produção de textos e análise linguística tem como finalidade mostrar aos alunos que a língua que aprende na escola é a mesma que utiliza na sua vida social. Não existe uma Língua Portuguesa falada na escola e outra no cotidiano, o que há é uma adequação da fala de acordo com as circunstâncias, o meio no qual se está inserido e a finalidade para qual se presta.

Segundo as Orientações curriculares para o ensino médio (2006), o que se procura demonstrar nos estudos dos textos, em práticas orais e escritas, é a produção de sentidos em diferentes instâncias sociais, considerando as formas de produção, recepção e circulação. O educador necessita lembrar que um texto não pode ser trabalhado a exaustão, com o intuito de esgotá-lo, ou seja, dar conta de todos os aspectos políticos, ideológicos, históricos, sociais e linguísticos que ele apresenta. A tarefa do professor é mostrar esses aspectos aos alunos, fazê-los perceber que um texto é muito mais do que uma série de sentenças organizadas. Todo texto tem um motivo e uma finalidade de escrita. Ao escrever, o sujeito precisa ter o que dizer, ter uma razão para dizer, ter para quem dizer e ter estratégias para dizer o que diz (GERALDI, 2003). E são esses aspectos que devem ser trabalhados em sala de aula, para que os alunos possam compreender aquilo que está sendo dito e subentendido no texto.

O fato é que, durante as aulas de Língua Portuguesa, o professor, muitas vezes, prioriza aspectos puramente gramaticais do texto, transformando-o em mero pretexto para o ensino de normas. Não se trata de anular completamente as normas gramaticais, mas pensá-las como um dos elementos a serem analisados dentro da organização estrutural do texto. Dizendo de outra maneira, é imprescindível que as aulas continuem priorizando as análises de sentenças, ao invés de considerar a materialidade do texto e a relação ao contexto de produção de sentido e o que envolve tanto o contexto em que se dá a interação quanto a esfera social da qual emerge.

Assim, o professor, ao planejar suas aulas, precisa refletir que ensinar Língua Portuguesa é trabalhar os usos da língua considerando os recursos e arranjos pelos quais se constrói um texto, num dado contexto. Isso produz uma mudança no ensino e na tarefa do professor, que passa a usar o texto como uma totalidade que só alcança esse *status* por um trabalho conjunto de construção de sentidos, no qual se engajam produtor e receptor

(BRASIL, 2006). Não há mais lugar para que as aulas sejam ser reduzidas a um trabalho sistemático, baseado no livro didático, ou em matéria gramatical. É função do professor propor situações didáticas que façam sentido de fato, proporcione o aprender a pensar e falar sobre a própria linguagem, realizando uma atividade de natureza reflexiva. Vale salientar que a língua só se aprende na medida em que operamos com ela, interagimos.

Contudo, não podemos insistir na ideia do ensino pautado somente na escrita e língua padrão. As aulas devem ter como objetivo principal oportunizar o desenvolvimento de novas habilidades linguísticas, além de contribuir para a competência comunicativa do aluno para torná-lo construtor do seu conhecimento. Acreditamos que a aula de Língua Portuguesa é o espaço para a apropriação, a construção do conhecimento, bem como o momento de interação, em que se dão os usos efetivos da língua e a constituição dos sujeitos.

Nesse sentido, o estágio supervisionado II nos proporcionou vivenciarmos o processo de aprendizagem dos alunos do 1º ano A e vermos como se dá uma aula baseada no estudo de gêneros, tendo o texto como objeto de ensino e não exercícios de análises morfosintáticas. Essa etapa da graduação contribuiu muito para a nossa formação docente, pois pudemos observar o dia a dia de uma escola e de uma professora de Língua Portuguesa que fundamenta suas aulas nas concepções interacionista e bakhtinianas.

Por fim, presenciamos que é possível realizar um trabalho com os múltiplos aspectos da linguagem e com os gêneros textuais, sem a fragmentação dos textos. Além disso, concluímos que o ensino da língua não deve conceber atitudes que não considerem fatores externos ao sujeito que usa. Em outras palavras, a língua não pode ser tida como algo estável e fechado, por isso não pode ser estudada isoladamente, fora do contexto de produção, recepção e circulação. Ela apresenta fatores de ordem sócio-histórica, e o aluno só poderá compreender determinadas normas de funcionamento se o professor criar situações de uso e reflexão da língua. Como postula Geraldi (1999, p. 42): “a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. E é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo.” Pode-se ainda dizer que, por meio das atividades de compreensão e produção de textos, o sujeito desenvolve uma relação íntima com a leitura – escrita –, fala de si mesmo e do mundo que o rodeia, o que viabiliza nova significação para seus processos subjetivos (BRASIL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura II tivemos o nosso último contato com o ambiente escolar na condição de estagiárias. Essa foi uma experiência ímpar e enriquecedora na nossa formação acadêmica. No primeiro contato que tivemos com o Colégio de Aplicação da UFSC percebemos que esta era uma instituição diferenciada por ter vínculo com a Universidade Federal de Santa Catarina. Na primeira visita pudemos constatar que, ao contrário das escolas estaduais e municipais, as salas de aulas são muito bem equipadas, a instituição conta com diversos projetos extraclasse, salas de música, teatro, informática e brinquedoteca.

Durante o período em que permanecemos no colégio também tivemos a oportunidade de conhecer melhor a realidade de uma instituição escolar como esta, que conta com professores altamente qualificados e engajados em diversos projetos, sustentados no tripé: pesquisa, ensino e extensão. Esse é um fator relevante para nós, professores em formação, pois mostra a importância e a diferença de uma escola em que professores se preocupam com a sua constante atualização e formação. Afinal, como afirma Antunes (2003), o professor precisa ser visto como pesquisador, alguém que reflete, levanta hipóteses, aprende e reaprende.

Como uma escola pretende formar cidadãos críticos e reflexivos, se os próprios professores não desenvolvem essa capacidade? Assim, se a tarefa do professor é ensinar e contribuir para que os alunos sejam capazes de: compreender a cidadania como participação social e política; posicionar-se de maneira crítica; perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente; desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades cognitivas; expressar e comunicar suas idéias; saber utilizar diferentes fontes de informação e questionar a realidade formulando problemas e tratando de resolvê-los, ele precisa abdicar de seu comodismo.

O professor não deve se conformar apenas com sua graduação. Ele deve continuar buscando o aperfeiçoamento e estar em contato com outras teorias vigentes. Se o professor seguisse aquilo que é proposto nos parâmetros curriculares saberia que para compreender o processo de aprendizagem é necessário atuar no sentido de que haja continuidade na conquista do saber. Desta forma, não é justificável que o professor fique estagnado e preso a teorias educacionais que não são coerentes com a sociedade na qual vivemos. O professor é o responsável por proporcionar as interações, situações comunicativas que contribuirão na construção do conhecimento, mas como ele fará isso se não romper com os modelos tradicionalistas e substituí-los por uma visão mais dinâmica do processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o professor deve estar atento a esses fatos. Mais do que ensinar, transmitir conhecimentos, ele tem o papel de desenvolver habilidades linguísticas e a competência comunicativa do aluno, porém, como ele fará isto, se não é capaz nem de construir o seu conhecimento. A escola precisa apostar na constante formação do professor para que ele consiga, efetivamente, ensinar algo aos seus alunos.

Em suma, ao término do estágio supervisionado II, nós seremos os professores que amanhã estarão em sala. E qual professor queremos ser? Aquele que insiste no ensino tradicionalista, está amarrado as normas gramaticais, só sabe reproduz aquilo que aprendeu anos atrás e acha que é sábio? Ou aquele que está em sala de aula, mas se apropria dos conhecimentos, reflete o que lhe é passado, continua pesquisando e trazendo novas propostas de ensino? Ao final do curso precisamos ter ciência que

o professor do futuro não é o sujeito que tem as respostas que a herança cultural já deu para certos problemas, mas a do sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também tem um vivido, para transformar o vivido em perguntas. O ensino do futuro não estará lastreado nas respostas, mas nas perguntas (GERALDI, 2010, p. 95).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português-encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2006.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 2002. Disponível em <
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 12 de abril de 2012.

COELHO, Wanderley Elias; MELO, Iran Ferreira de; SUASSUNA, Lívia. *O projeto didático: forma de articulação entre leitura, literatura, produção de texto e análise linguística*. In: BUNZEN, MENDONÇA, KLEIMAN [et al]. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: parábola editorial, 2006.

DUARTE, Nórís Eunice Wiener Pureza. *A abordagem do texto nas aulas de língua materna em duas realidades educacionais distintas – brasileira e unguaiá*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2006.

SANTOS, Bernúbia Almeida; COSTA, Maria Helena Carvalho da; VIANA-BARBOSA, Celso José. *Interação professor-aluno em sala de aula: uma visão a partir de uma ferramenta para análise do discurso*. V Colóquio Internacional: educação e contemporaneidade. São Cristovão, SE, 2011.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, [1991] 2003.

_____. *A aula como acontecimento*. Universidade de Aveiro, Portugal: Tipave, indústrias gráficas de Aveiro Lda, 2010.

_____. *O texto na sala de aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

RODRIGUES, N. C.; PAMPLONA, C. C. *O trabalho com gêneros discursivos na escola em questão*. In: II Encontro Nacional de Letras, 2003, Caxias do Sul/RS. ANAIS (CD ROM) do II Encontro Nacional de Ensino de Línguas e XVII Semana de Letras, 2003.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina*. Florianópolis: 2005.

_____. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares.* - Florianópolis: COGEN, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.* 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ANEXOS

I – Material utilizado nas aulas de observação

1.1 Crônica *Uma visão da vida*, de Ignácio de Loyola Brandão

Uma visão da vida

(Ignácio de Loyola Brandão)

Um dia, andando pela Avenida Brasil, em São Paulo, dei com uma mulher que desejava uma informação: O senhor pode me dizer se a Rua Hungria passa por aqui? Indaguei: a senhora quer saber se o ônibus que passa pela Rua Hungria passa por aqui? Não, ela me corrigiu, raivosa. Quero saber se a rua passa por aqui. Se passar, vou esperar, porque preciso ir lá. Todo mundo é burro? Faça essa pergunta e ninguém entende. Ninguém sabe que as ruas passam umas pelas outras? Irritada, ela se foi.

Fiquei pensando naquela mulher, abri minha cadernetinha e anotei o episódio. Tenho sempre comigo a cadernetinha, me refresca a memória: descrevo situações, idéias, frases, nomes. Dois dias depois, deveria escrever minha crônica para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Os assuntos sempre são o grande problema. Tem semana que podemos decidir entre dois ou três. Como certos técnicos de futebol que dispõem de um bom banco de reservas e ficam tranquilos. Também um cronista necessita de um bom banco, porque às vezes a coisa aperta. Assim, naquele dia, sentei-me e contei a história da velha que desejava saber sobre a Rua Hungria. Uma crônica bem-humorada, divertida. Um cronista deve estar antenado com a cidade em volta. Deve ler jornais, conversar com as pessoas, ouvir histórias. Os assuntos estão por toda a parte. Ficam à nossa espera.

Outra vez, saí de casa, estava um tempo feio, carregado, o céu cheio de nuvens. Assim que coloquei os pés na rua, um garoto passou e me disse: Tio, por que o senhor não tem sombra? Respondi que a sombra só aparece quando tem uma luz forte, mas ele não se conformou. Não está escuro, o senhor quer me enganar. Informei que aquela luz não era suficiente para fazer sombras. Ele nem me ouviu, saiu correndo e gritando: a sua sombra fugiu, sua sombra fugiu, onde será que foi? Onde será que foi? Teve medo do senhor! Claro que anotei tudo, transformei em uma crônica, depois um dia aumentei, transformei em um conto. E esse conto foi ganhando mais e mais força, até completar 80 páginas. Coloquei no meu livro *O Homem que odiava a segunda-feira*. Porque o escritor é a pessoa que aproveita tudo, já que a inspiração não passa de observação, de ficar atento, esperto. O cronista é um homem que contempla a cidade, o mundo em que vive e conta o dia-a-dia, descobre as curiosidades do cotidiano, transforma a vivência em crônica, em ficção.

Uma crônica pode ser um conto, quando os fatos que ela narra podem ser lidos daqui a 20 ou 50 anos com o mesmo sabor, quando não envelhece. Uma crônica é um texto que diverte, emociona, dá prazer ou entristece, mas ela é principalmente uma visão da vida, maneira de nos ajudar a contemplar o mundo, entender o país, os que estão em volta de nós. Enfim, de nos levar a melhorar.

1.2 Questões utilizadas na análise das crônicas

COLÉGIO DE APLICAÇÃO/CED/UFSC
1ª SÉRIE EM
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA
PROFª NARA CAETANO RODRIGUES

ESTUDO DO GÊNERO CRÔNICA

Escolha uma das crônicas do livro recebido, leia com atenção e resolva as questões abaixo para apresentar aos colegas.

1. Identifique:
 - a) título da crônica: _____
 - b) autor: _____
 - c) suporte: _____
 - d) data e local de publicação: _____
2. Que fato do cotidiano motivou a escritura da crônica?
3. Qual é o tema/assunto da crônica?
4. A linguagem é atual ou de outra época? Justifique com exemplos do texto.
5. Quem são os personagens presentes na crônica? O que se pode dizer sobre eles?
6. O que se pode dizer sobre o cenário da crônica? Cite referências que o identifiquem.
7. O autor faz parte da situação narrada ou está como observador?
8. Que sentimentos ou emoções a crônica desperta em vocês?
9. Na crônica, predomina:
 humor
 ironia
 lirismo
 crítica
10. O que vocês acharam do desfecho? Retoma o título? Existe um elemento surpresa?

1.3 Sistematização feita pela professora a partir de leitura e análise feita pelos alunos da 1 série A

Título da crônica	Autor/Data	Fato cotidiano	Tema	Personagens	Cenário	Narrador	Predomina	Desfecho
1 A cadeira do dentista	Carlos Eduardo Novaes (1995)	Ida ao dentista	Medo que as pessoas têm de dentista	Paciente Dentista	Consultório	Personagem	Humor Ironia	O dentista é surpreendido pelo paciente
2 Emergência	Luis Fernando Verissimo (1993)	Uma viagem de avião	Medo de viajar de avião	Passageiro; passageiro do lado; aeromoça; comandante...	Avião	Observador	Humor	O passageiro termina mais desesperado do que no início
3 A velha contrabandista	Stanislaw Ponte Preta (1998)	Velhinha de lambreta atravessa a fronteira todos os dias	Não julgue o livro pela capa	Velhinha Fiscal	Fronteira; alfândega	Observador	Humor	O contrabando não estava no saco: era a lambreta
4 O chamado da morte	Ignácio de Loyola Brandão (entre 1993-2002)	Tomar banho, superstições e ida à aula	O medo da morte	Maria Rita - menina; empregada, pai, mãe	Banheiro Farmácia da esquina	Observador	Humor	É a menina quem fica com medo do chamado da morte
5 Como comportar-se no bonde	Machado de Assis (1883)	Uso do bonde	"Etiqueta" no bonde	Pessoas que usam o bonde	Dentro de um bonde	Observador	Humor Ironia	-
6 Cães de apartamento	Marcos Rey (1996)	Problemas com vizinhos	Animais em condomínios	Virginia (cachorra); Cláudio; Janete	Condomínio de apartamentos	Personagem	Humor	Os moradores conseguem manter os cães nos apartamentos
7 Os terroristas	Moacyr Scliar (2000)	Alunos de uma turma se revoltam com notas baixas	Sentimento de culpa/honestidade	Alunos Professor	Colégio Um bar	Observador	Humor	Os alunos têm a oportunidade, mas não mudam as notas
8 O médico e o monstro	Paulo Mendes Campos (1978)	Crianças brincando	Brincadeiras de criança sobre profissões	Menino Menina Mãe do menino	Um lar (cozinha)	Observador	Humor Ironia	O "médico" vira "monstro"
9 Seus piores	F. F. V. (1987)	Preparação de uma festa	Preparação de uma festa	Mãe e filha	Quarto familiar	?	Humor	Relato de uma festa
10 Quarto de despejo	Clarice Lispector (1967)	Quarto de despejo	Quartel de despejo	Dois irmãos	Quarto de despejo	Personagem	Humor	Humor
11 O dia em que...	Clarice Lispector (1967)	O dia em que...	O dia em que...	Dois irmãos	Quarto de despejo	Personagem	Humor	Humor
12...	Clarice Lispector (1967)	O dia em que...	O dia em que...	Dois irmãos	Quarto de despejo	Personagem	Humor	Humor

Obs.: Sistematização feita a partir de leitura e análise feitas pelos alunos da 1ª Série A.

1.4 Síntese do Planejamento do Ensino Médio/ 1^{as} séries



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO



Síntese do Planejamento de Ensino/2012 – 1^{as} séries EM
Disciplina: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof^a Nara Caetano Rodrigues – Prof^a Rafaela Marques Rafael

Linguagem Oral e Escrita

- compreensão, análise, interpretação e apreciação de textos nos seguintes gêneros: conto, notícia, memória, relato, crônica, poema, propaganda, artigo, romance, pintura, fotografia, texto teatral, filme, observando diversas formas de manifestação/linguagens, suportes e espaços de divulgação/circulação (revistas, panfletos, jornais, livros, sites eletrônicos, filmes, exposições, espetáculos, DVDs...);

- produção de conto, memórias de leituras, relato (pessoal, de entrevista, de pesquisa, de leitura ou de viagens), crônica, poema, propaganda e artigo, atendendo às características discursivas, estruturais e linguísticas de cada gênero.

Literatura

- Arte literária/linguagem poética
- Texto literário e não-literário
- Conotação e Denotação
- Gêneros literários
- Figuras de linguagem: metáfora, comparação, antítese, hipérbole, prolepse, ironia
- Literatura de Informação /relatos de viajantes
- Barroco
- Arcadismo.

Leitura de Literatura nos seguintes gêneros:

- Conto
- Relato de Viagens
- Crônica
- Romance

estruturas de informações

rotinativa portuguesa

com poucas palavras

Obs.: As indicações de leitura de literatura serão feitas no decorrer do ano letivo.

Análise Lingüística

- ✓ - Linguagem, fala, língua e cultura
- ✓ - História da Língua Portuguesa
- Funções da Linguagem
- Fonologia: fonema, letra, sílaba, encontros vocálicos, consonantais e dígrafos.
- Estrutura das palavras: radical, desinências (nominal e verbal), vogal temática, tema, afixos (prefixos e sufixos), vogal e consoante de ligação.
- Processos de formação de palavras: derivação, composição e hibridismo.
- Substantivo, adjetivo, pronome, artigo, numeral (revisão).
- Ortografia
- Acentuação Gráfica
- Pontuação

Obs.: O trabalho com os conteúdos de análise linguística deve ser desenvolvido na perspectiva do uso na produção escrita e de acordo com as necessidades dos alunos.

II – Campo de Estágio



III – Docência

3.1 Interpretação e compreensão dos textos *Partir*, de Amyr Klink, e *Mar Portuguesa*, de Fernando Pessoa

25 4 12

S/T/I/Q/Q/S/S/D

João Victor, Lucas M. 1: A

15

1- Viagem ao mar.

2- Não, partir é relato de viagem e o outro é poema.

3- *Partir*: Rio de Janeiro, 1985
Mar Português: Portugal, 1934

4- *Partir*: Relatar a viagem/informar objetivo
Mar Português: Para refletir/psíquico

5- Sim, porque apresentam figuras de linguagem.

4 - Gêneros, estruturas, linguagem, finalidade.

5- Porque é relacionado ao mar, e como ele faz de barco, ele deve ter achado interessante.

6- Pelo simples fato de estar de sono estava, debatendo-me entre os remos, xingando os ondas - maldizendo a sorte, me sentia, profundamente aliviado. Feliz por ter partido.

ZOO YORK

25 • 04 • 12

UFSC - CED-CA

Português - ximia e Paula

Gabriela V. e Flora B. 1ªA

2,0

1- Viagens náuticas. ✓

2- Não, apesar de terem o mesmo tema tem gêneros diferentes. Um é poema e o outro é um relato de viagem. ✓

3-a- Um dia entre o céu e o mar: 1985, Rio de Janeiro e Mar português: entre 1913 à 1939. ✓

b- Mar português: expressar sentimento de uma viagem marítima. Tem uma linguagem mais poética, complexa. E o relato é de finalidade de expressar sentimentos de uma viagem e tem como linguagem mais simples, detalhada. ✓

c- Sim, os dois tem função de expressar sentimentos. ✓

4- O texto de Amyr Klink é o relato da sua viagem. Separado por parágrafos, diálogos, descrições detalhadas. E o poema é separado por versos, tem rima, separado por versos, o autor usa figuras de linguagem. ✓

5- Ele cita porque os dois textos tem uma relação de terem o mesmo tema, o poema fala de desafio ao mar, igual ao de Amyr Klink. ✓

6- Era preciso vencer o medo; e o grande medo, meu maior medo na viagem, eu venceria ali, naquele mesmo instante em meio à desordem dos elementos e a loucura daquela situação. Era o medo de nunca partir. Sem dúvida, este foi o maior risco que corri: não partir. ✓

Pelo simples fato de estar ali onde estava, dilatando-me entre os ramos, xingando as ondas e maldizendo as ~~ondas~~ sortes, me sentia profundamente aliviado. Feliz por ter partido. ✓

tilibra



- São Leopoldo, 25 de abril de 2012
- Coleção de Memórias - cd / UFSC
- Alunas: Jéssica e Maria Eduarda
- Série: 1ª A
- Português - atividades das estagiárias Paula e Xênia

Interpretação e Compulsão:

- 1- Os textos falam sobre como Jéssica principal viagens no mar. ✓
- 2- Não, um se trata de relato e o outro é uma poesia. ✓
- 3-
- a) Um dia entre céu e mar - capítulo 1: Partir, foi escrito por Amyr Klink no ano de 1985 na cidade de Rio de Janeiro. Mar Português, foi escrito por Fernando Pessoa no ano de 1934 também no Rio de Janeiro. Portugal. ✓
- b) A finalidade do ^{texto} de Amyr é relatar uma viagem transmitindo para o leitor, suas dificuldades, experiências, já na poesia Fernando Pessoa expressar as viagens dos navegadores que nem sem se preparar para o mar e muitas vezes não voltaram. A linguagem do relato é atual e a de poesia não. ✓
- c) Sim, ambos são literários pois relatam parte a parte momentos vivenciados em alto mar. ✓
- 4- A linguagem, o ano de publicação, diferença da escrita.
- 5- Porque mostra que em alto mar as coisas difíceis, porém valem a pena e não experiências que jamais serão esquecidas.
- 6- "A situação na bordo era desoladora. O vento assustador, o mar difícil, naufragos encalhados, muito frio e alguns estragos. Pela frente, uma eternidade até o Brasil. Para trás, uma costa insípida, desolada e progressivamente próxima. Sabia melhor que ninguém avaliar as dificuldades que eu tinha daquele momento em diante. Eu estava saindo na primeira época de ano, final de outubro, e tinha



Jolie Pet

Universidade Federal de Santa Catarina

Colégio de Aplicação - UFSC

Fidelacomendes, 25 de abril de 2012

Alunos: Francilly Amorim e Vitória Teixeira

Série 1ª

Atividades !

20

1. O tema dos dois textos são viagens marítimas. ~~(Onde os autores descrevem de uma certa forma uma viagem feita por eles)~~ Porém Amyx Klink relata uma viagem feita por ele e Fernando Pessoa relata o tema em geral.

2. Não, pois o de Amyx Klink é um relato de viagem e o de Fernando Pessoa é uma poesia.

3. a) Amyx Klink → em 1985 no Rio de Janeiro
Fernando Pessoa → em 1934 em Portugal

b) Um (Amyx Klink) tem a finalidade de relatar uma viagem, ou seja, de uma viagem específica. Já o outro (Fernando Pessoa) nos faz pensar nas viagens do período de navegações e não em uma viagem específica. A linguagem do texto de Amyx Klink, é uma linguagem, mais acessível, mais fácil de ser entendida. Já no poema de Fernando Pessoa, mesmo conseguindo entender a linguagem podemos perceber algumas palavras escritas diferente, pelo fato de serem escritas em outra língua.

c) Sim, pois apresentam figuras de linguagem.

4. A época, a linguagem, a finalidade, o público leitor, entre outros.

© Jolie

→
 É um texto escrito em forma de poema, com rimas, e o outro é em forma de texto.

3.2 Relato Fictício

Universidade Federal de Santa Catarina

Colégio de Aplicação - UFSC

Joinville, 09 de maio de 2012.

Alunas: Franciele Amaral e Vitória Teixeira

Série: 1º ano A.



Relato Fictício de viagem:

Reino da Magia

consta de + pg 56.

Colmeia

Com a notícia de que em 18 de junho o São Despe-
gado "The Wizarding World of Harry Potter" abria
suas portas, eu e minha irmã gêmea Edara,
deixamos uma ideia, viamos pedir um presente
de 15 meses antecipado: A NOSSA VIAGEM DOS SONHOS

Depois de muita insistência, conseguimos conven-
tir nossos pais, e nos deu a tão desejada viagem.

Após o sum de meses passados, fomos desfrutar
nossas férias, enquanto nossos pais compareceram
nossas parcerias. Faltava uma semana para
irmos viajar, porém, já estava tudo pronto sem
deixar um sequer detalhe, não parávamos de
falar da nossa viagem.

Em um dia antes de nossa viagem, voltávamos
nossas férias e não conseguimos dormir. Sentíamos
como se estivessemos lá, ficávamos imaginando como seriam
os lugares que iríamos visitar.

Então, chegou o grande dia. Saímos às seis horas
da manhã de casa para poder pegar o voo das férias. Porém
essa alegria durou pouco, pois pegamos uma fila enorme,
chegando assim, mais e mais ao aeroporto. Infelizmente

tilibra



te o avião já tinha saído. Ficamos apavorados, porém conseguimos achar o último lugar de um vôo que iria sair à tarde. O dia parecia não passar, foram horas de angústia.

O tempo passou e a hora de embarcar chegou. Fomos nos despedir de nossos pais e finalmente entrar no avião. Ao chegar no aeroporto, fomos direto para o parque. Quando chegamos lá nos surpreendemos com a imensidão do lugar. Fomos direto para o "The Wizarding World of Harry Potter", realmente o melhor presente de quinze anos que se poderia ter.

Depois fomos para Hollywood Rip, Ride, Rockit conhecer o The Simpsons Ride, onde ^{no} ^{em} brinquedo é baseado na série de TV Os Simpsons. Foram quinze dias inesquecíveis, o melhor de todos os aniversários. Esperamos poder um dia poder voltar lá e rever cada momento.

Muito bom.
memórias.
Só me chamam
permanente, nã
memórias

Universidade Federal de Santa Catarina

Faculdade de Engenharia - UFSC

Florianópolis, 21 de maio de 2012

Alunas: Francieli Amaral e Vitória Teixeira

Série: PA



Relatório Relato de viagem:

Reino da Magia

60

relato de + pg 56
Orlando

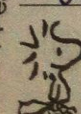
Com a certeza de que em 18 de junho o tão esperado "The Wizarding World of Harry Potter" abrirá suas portas, eu e minha irmã gêmea Lara, tivemos uma ideia, iríamos pedir um presente de 15 anos antecipado: A nossa viagem dos sonhos.

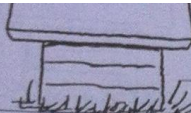
Depois de muita insistência conseguimos convencer nossos pais a nos dar a tão sonhada viagem.

Após a aprovação de nossos pais, fomos direto comprar nossas malas, enquanto eles compravam nossas passagens. Saltava uma semana para o tão sonhado período, momentos em que a nossa ansiedade só crescia, e cada vez que conversávamos nos remetíamos ao mesmo assunto.

Um dia antes, estávamos nervosíssimas, não conseguimos dormir. Imaginávamos como seria ^{em} os lugares e as pessoas que iríamos encontrar nesta grande aventura.

© 2011 Peanuts Worldwide LLC, Peanuts.com





Cheguei o grande dia. As seis horas da manhã já estávamos indo em direção ao aeroporto, pois nosso vôo saía às nove horas. Porém, nessa altura do seu pouso, no caminho pegamos um engarrafamento enorme, devido a um acidente. O atraso foi inevitável, ocasionando na perda do vôo.

Conseguimos os dois últimos lugares de um vôo que iria sair à tarde. Foram horas de espera que ocasionaram muita angústia. Mas o momento tão esperado chegou.

Nos despedimos de ~~meus~~ nossos pais e finalmente entramos no avião. Ao chegar no aeroporto de Orlando, fomos direto para o parque aonde está localizada o "The Wizarding World of Harry Potter", nos surpreendendo assim com a imensidão do lugar. Realmente o melhor presente de quinze anos.

O passeio se estendeu até Hollywood Ride, Ride, Parkit onde conhecemos o The Simpsons Ride, neste local há um brinquedo baseado na série de TV Os Simpsons.

Só nos damos conta do fim da viagem quando embarcamos de volta para o Brasil. Enfiaramos um dia pedindo voltar e reviver cada momento, pois realmente foram 15 dias inesquecíveis.





Jerônimopolis, 09 de maio de 2012.
 Colégio de Aplicação - UFRSC
 Alunas: Alice e Maria Eduarda
 Série: 1º A

Vitória

Partimos do aeroporto Airline Luz, em Jerônimopolis, às 16h e 30min, do dia 16 de abril, rumo a Costa Rica, @ vôo foi turbulento, acaloradamente aguardamos a preparação para uma viagem, entretanto muito animados para experimentar praias paradisíacas, vilarejos magníficos, trilhas maravilhosas, aventuras e adrenalina a mil.

Chegamos no dia seguinte e logo pela manhã decidimos conhecer a primeira reserva de natureza ^{Costa Rica} e vilarejo local, que há a falta de entrada do parque nacional de Cahuita, onde se encontra a praia mais bonita da região, Playa Blanca. Para começar - eu havia pensado passar pelas maravilhosas florestas e desfrutar de suas águas cristalinas, ^{mas} mas muito quente e com o clima tropical que é de se apaixonar.

Depois de um dia muito corrido e cheio de aventuras, Alice e eu (Maria Eduarda), voltamos para o hotel com o intuito de descansar da viagem e iniciar ~~uma~~ segunda reserva que incluía a visita ao Parque Nacional, em Puerto Viejo de Talamanca, ^{que} era a frequentada quase exclusivamente por surfistas à procura de maiores ondas, piscinas, araras e urogalatas. Segundo dados de moradores, existem várias pesquisas biológicas que conseguem preservar 50% de toda biodiversidade da floresta. É claro que fizemos todas as outras atividades turísticas da região e todas as experiências que foram ^{as mais} memoráveis realizadas.

Página 96 - 97

Julho / 2011

Ótimo, menina!

O texto está bem estruturado e com muitas informações do local, mas sente falta de uma experiência de você no local.

Uma aventura em alguma praia...

S T Q Q S S D

Nitrous Oxide (N₂O) is
 a chemical compound
 used as an oxidizing agent
 to increase an internal
 combustion engine's
 power output by allowing more fuel
 to be burned than would
 normally be the case.

Vitales

DATA: / /

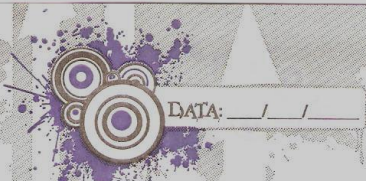
• Num belo dia ensolarado, eu e meu vizinho, Neves, saímos de nossas casas e ao meio dia, mas de lá fomos até a rodoviária. ^{plano} Chegamos que deveria ter início às 6:00 da manhã. E lá fomos, compramos nossas malas passagens e embarcamos no dia sete de março de 2012 rumo a Busco. Uma viagem muito longa, mas com paisagens encantadoras. No desembarque escolhemos nosso hotel e daí começamos para iniciar a trilha no dia seguinte. No início do dia, pegamos um táxi até o início da trilha, Salcantay Alternativa. Já no início desta, Neves pediu pra descansar. Então contemplamos a paisagem por aproximadamente trinta minutos e voltamos a nos mover devagar. Após longas e árduas dias, chegamos à bela, empinada e rejuvenescente Machu Picchu. Chegamos ali ^{ao} centro, um lugar enorme e infestado de pessoas que haviam percorrido os caminhos pela trilha, ou por meio de autocarros.

Lá pelas tantas, encontramos um grupo diferente. Caminhando e conversando por Machu Picchu, ~~os~~ ^{um} ~~trio~~ ^{nos} ~~perguntar~~ ^{perguntou} se éramos brasileiros. Um ^{deles} ~~deles~~ ^{nos} ~~resposta~~ ^{respondeu} que não, ^{ela} ~~ela~~ ^{era} ~~era~~ ^{floreando} ~~per~~ ~~diária~~.

Passadas algumas horas, contemplamos Machu Picchu

Gabriela / Julia

NOS



DATA: / /

Nitrous Oxide (N₂O) is a chemical compound used as an oxidizing agent to increase an internal combustion engine's power output allowing more fuel to be burned than would normally be the case.

S T Q Q S S D

Piche, com o grupo seguiu seu caminho. Depois
e eu seguimos por um trilho que nos levaria ao
ponte mais alta. Já estava escurecendo e, sabendo
que o parque fecharia às 17h, apressamos o passo,
e com um pisado em falso, caímos, juntos, em
um buraco. Juntamos umas madeiras, ^{que provavelmente} uma camiseta
e, ~~com~~ com a ajuda de um isqueiro, fizemos um
fogueira. Com a iluminação, pudemos constatar que
ali havia um ~~creeper~~ ~~creeper~~

muito bom!

Continuam utilizando as informações da revista, pl
alimentar o relato!

casado ali dentro

NOS

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Florianópolis, 09 de maio de 2012

Colégio de Aplicação - UFSC

Nome: Brendo e Felipe Série: 1ª A

Prof: Paula e Lênio Disciplina: Português

Relato de Viagem Fictícia

1ª versão

Título

Brendo e Felipe estavam chegando no aeroporto de Congonhas em um táxi, era uma tarde de sol e estava fazendo muito calor. Os dois entraram cheios de malas no aeroporto e compraram passagens para Xangai (China). Após alguns minutos, o táxi estava pronto, os dois entraram no avião e assim, a viagem começou ao decolar do avião.

Depois de passado 12 horas de viagem, Felipe e Brendo estavam exaustos, e estavam esperando o pouso em Hukui, onde iriam dormir por uma noite. Finalmente, o avião pousou em Hukui e os dois pegaram um táxi para chegar ao hotel onde iriam passar a noite. Ele se chamava "Torre dos Árvores", um hotel 7 estrelas muito procurado pelo seu luxo.

Assim, o táxi chegou ao hotel e logo um funcionário do mesmo levou as malas, enquanto escolhem o quarto na recepção. O quarto foi escolhido, era o 307, um quarto enorme e luxuoso, quase um apartamento. Em Hukui fazia uma noite linda, quente e com o céu estrelado, e a lua lançava o luar pela janela.

Falta terminar!

Colégio de Aplicação - CEA/UFSC

Ensino Médio - 1ª Série

Disciplina: Língua Portuguesa

Professoras: Paula M. Beão e Xênia Bonrat.

Aluno: ~~Santiago~~ Douglas Andriano Behmchullh Vieira

Data: 9/5/18.

Roteiro de Viagem de Doces Delite em Uruguai

Eu comecei a planejar a viagem para rota de Doces Delite com duas semanas de preparo até o dia 23 de maio de 2018, com meu jepp por 15 dias pelas estradas seguras e quase sem curvas de Uruguai. Com o jepp pônte para ^{tr}plátier, sem se preocupar em desviar o olho da cuia de mate, o agente alfandegário de chuí perguntou: "Grémio ou Inter?" Sentado em um banquinho de madeira carcomida, ele talvez continuasse sem mexer nenhumo algem do corpo se no meu lugar estivesse Osama bin Laden. A cuia era decorada com uma bandeira de Uruguai. Toda a direção para mas minha entrada no Uruguai 15 dias antes, via BR 116 e Fagnarão, havia sido, para ser sucinta, normal. Com menos de 200 mil quilômetros quadrados de extensão territorial - boi da avia do Rio Grande do Sul, o Uruguai presta-se muito bem a ser conhecido em uma viagem de carro. Suas estradas são bem conservadas, há boa estrutura turística e as distâncias são irrelevantes. Em todo, recebeu 2,4 milhões de visitantes, 400 mil deles brasileiros. Começam a pipocar na paisagem, e não só em Punta del Este. De Chuí tomei a estrada 26 para Tacuarembó, minha primeira parada 200 quilômetros e três horas

/ /

Depois. O caminho tinha pampa e Vaquinhas, Tacuarembó se diz uma das capitais de cultura gaucha. Todo mês de março essa afinidade é exaltada no Festival Pátria Gaucha. O Museo Gardel fica a afastado da cidade, a 99 quilômetros, em Valle Edén. Mais vacas e mais pasto nos 230 quilômetros entre Tacuarembó e Paysandú. No trajeto não vi mais que três postos de gasolina. Também são poucos os paraderos. Ao volante, a gora já era eu quem vertia água quente na cuia-a-minha. Algo bastante desaconselhável para o Brasil, onde não são como as uruguaias, sem buracos ou jepp no contrafluxo.

3.3 Texto de identificação do livro lido

Universidade Federal de Santa Catarina

Colégio de Aplicação - CA

Alunas: Maria Eduarda Vieira

Professora: Professora Nara Caetano

Estagiárias: Paula Rodrigues e Xênia Conrat

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano

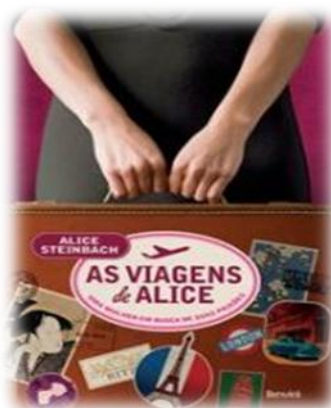
Turma: A

Atividade do livro - RELATOS DE VIAGENS

O livro escolhido por mim é *As Viagens de Alice* – uma mulher em busca de suas paixões de Alice Steinbach, conta relatos vividos pela própria autora, que em certo momento de sua vida decide “deixar pra trás tudo que já tinha conquistado” e seguir em frente realmente com o seu desejo e suas aventuras mundo a fora. Alice resolve então se afasta temporariamente de seu trabalho, amigos, amores e familiares. Partindo então a uma viagem em busca de novos conhecimentos e satisfazendo seus desejos e sonhos.

Sua primeira parada é Paris, onde descobre que seus desejos se tornaram realidade a partir do momento em que era uma nova estudante de culinária na Ritz Escoffier École de Gastronomie Française, um hotel grande e muito conhecido em Paris, durante seus relatos, Alice conta que já havia ido algumas vezes a Paris, mas, tudo a trabalho, e agora que seus desejos e iniciativas eram outras pode conhecer bastante da cultura e os pontos turísticos, sempre seguindo sua imaginação, criando rotas e roteiros, aqueles que normalmente não apareciam em programas de guias turísticos.

Viagens, foram muitas, no Japão, se encanta com o mundo das gueixas em Kyoto, em Cuba entrega-se aos ritmos calientes, em Florença teve o intuito de aprender mais sobre as artes, outras viagens também foram feitas por ela, e sempre criando rotas e roteiros, aqueles que normalmente não apareciam em programas de guias turísticos, sendo sua própria guia, conhecendo, entendendo, se apaixonando por outros lugares, desfrutando e satisfazendo suas três principais paixões, escrever, viajar e aprender.



As viagens de Alice

- Autora: Alice Steinbach
- Editora: Editora Benvirá
- Edição: 1ª
- Número de páginas: 400
- Data de lançamento: 2011

Nome: Vitória Ramos Barcelos
Turma: 1° A

Um livro fantástico

Eu li o livro “A fantástica volta ao mundo” por Zeca Camargo, publicado em 2004 pela editora Globo, achei um livro muito bom, pois relata a cada dos 17 países visitados as experiências vividas em cada. Isso trás ao leitor uma vontade de conhecer cada país e suas culturas diversificadas, ele trás um objeto de cada lugar que visita e são objetos que marcam muito bem cada lugar.

Julia Juchem 1ªA

Cém dias entre céu e mar

1984. Esse foi o ano em que Amyr Klink atravessou o Atlântico Sul num barco a remo, sozinho. Colocando em prática um sonho planejado por dois longos anos, Amyr não hesitou na saída da Namíbia, na África. Sua partida foi assustadora, Klink esqueceu em um veleiro sua câmera fotográfica e uma blusa vermelha. Para recuperar esses itens, desafiou a sorte, quando, na tentativa de alcançar o barco dele, os tripulantes inexperientes do outro barco, quebraram parte do casco de Paraty e jogaram, acidentalmente, seu remo mar adentro. A saída em meio a este caos, recebeu um tom divertido quando o viajante avista uma faixa, “onde se lia, num esforçado castelhano, ‘Amyr, feliz viag...’”, logo, o vento a puxa em direção ao infinito mar, onde Amyr seguiria seu curso.

3.4 Saída de campo para as Fortalezas de Florianópolis





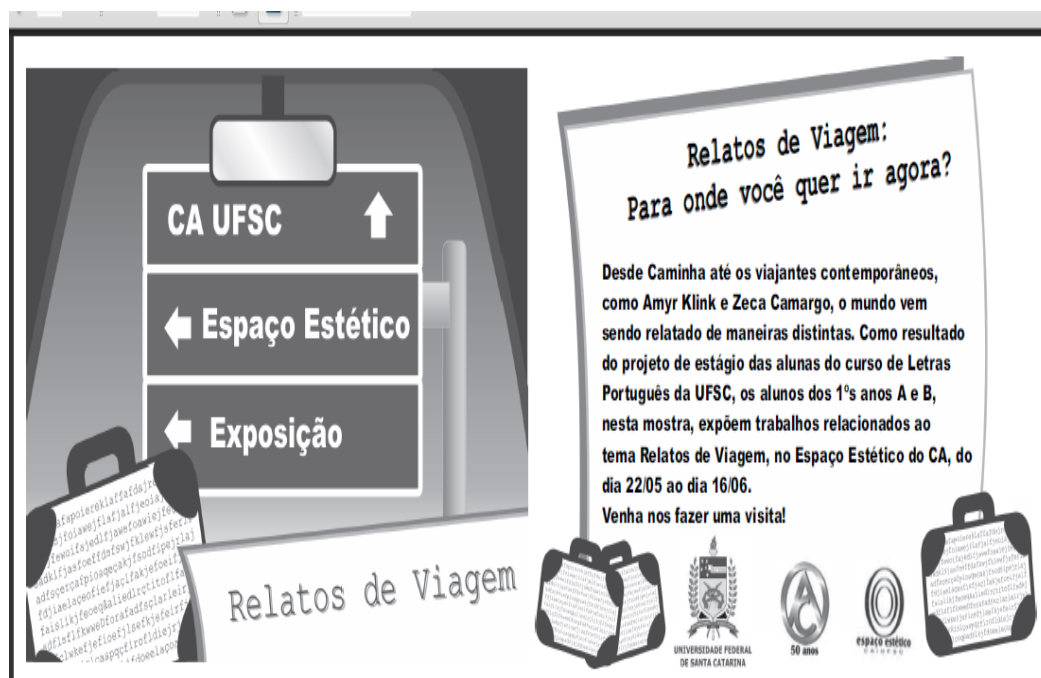






3.5 Exposição no espaço estético

3.5.1 - Convite



3.5.2 – Representação artística

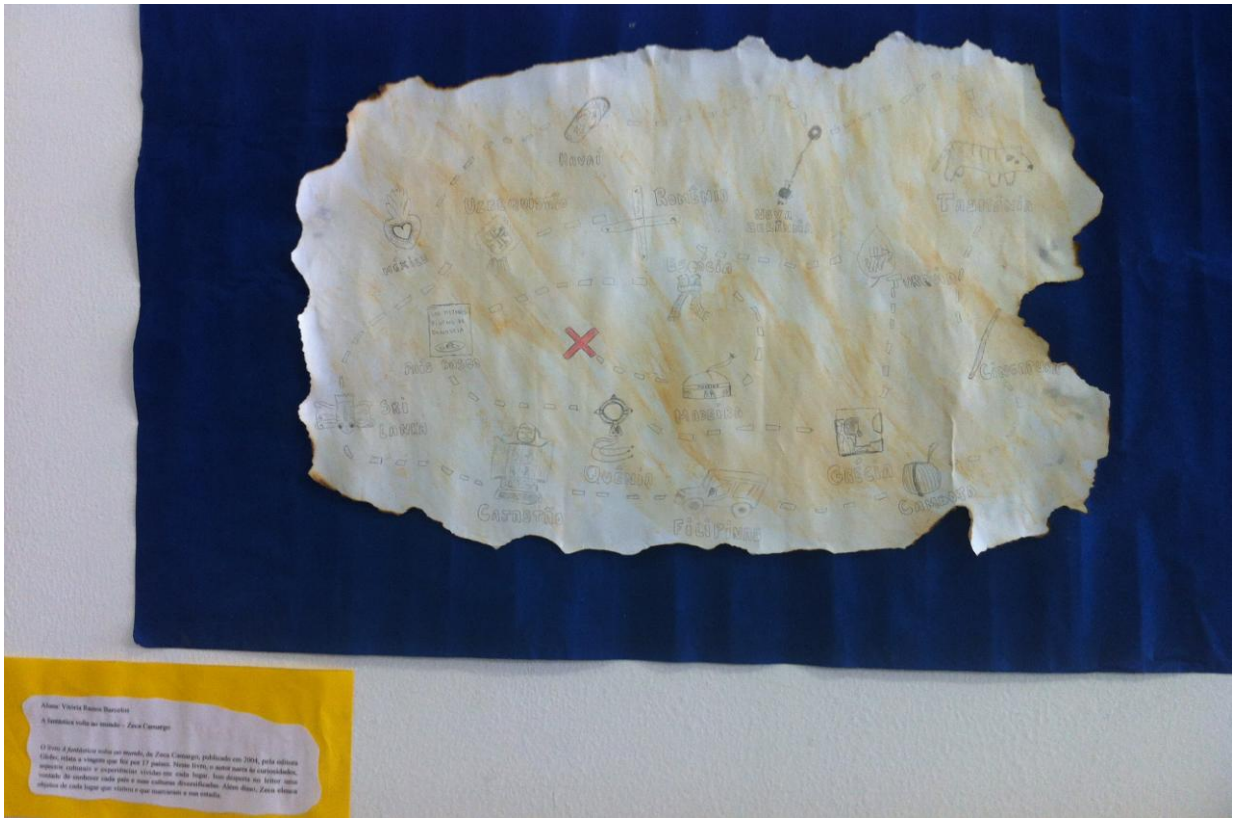






Alice Maria Eduarda Vieira

Hoje viajando por todos os lugares do mundo... Alice Steinbach
 A vida é uma viagem por todos os lugares do mundo... Alice Steinbach
 A vida é uma viagem por todos os lugares do mundo... Alice Steinbach



Alice Vieira Pereira Reis
 A verdadeira vida no mundo... Zena Cartago

Hoje viajando por todos os lugares do mundo... Zena Cartago
 A verdadeira vida no mundo... Zena Cartago



IV – Extraclasse





V – Registro de Observação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO
DE AULAS DE PORTUGUÊS -
ENSINO MÉDIO**

Escola: Colégio Aplicações
Turma: 1º ano A (E.M)
Professor(a): Nara Bartomeu Rodrigues
Estagiário(a): Alina Bonat
Período de observação total: 13/03 à 28/03

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	13/03/12	9:30 à 10:10	crônica	Nara
Aula 2	14/03/12	9:00 à 9:45	crônica	Nara
Aula 3	14/03/12	10:00 à 10:45	crônica	Nara
Aula 4	15/03/12	8:50 à 9:30	crônica	Nara
Aula 5	20/03/12	9:30 à 10:10	crônica	Nara
Aula 6	21/03/12	9:00 à 9:45	crônica	Nara
Aula 7	21/03/12	10:00 à 10:45	crônica	Nara
Aula 8	22/03/12	8:50 à 9:30	crônica	Nara
Aula 9	27/03/12	9:30 à 10:10	crônica	Nara
Aula 10	28/03/12	9:00 à 9:45	crônica	Nara

Sylvia T. Damian
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

Sylvia Teresinha Martins Damian
Vice-Diretora do Colégio de Aplicação
Port. 700/GR/2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO MÉDIO

Escola: Colégio de Aplicações da UFSC
Turma: 1º ano A (E.M)
Professor(a): Nana Castano Rodriguez
Estagiário(a): Paula Rodriguez Rebio
Período de observação total: 13/03 a 28/03

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	13/03	9:30 às 10:10	crônica	Nana
Aula 2	14/03	9:00 às 9:45	crônica	Nana
Aula 3	14/03	10:00 às 10:45	crônica	Nana
Aula 4	15/03	8:50 às 9:30	crônica	Nana
Aula 5	20/03	9:30 às 10:10	crônica	Nana
Aula 6	21/03	9:00 às 9:45	crônica	Nana
Aula 7	21/03	10:00 às 10:45	crônica	Nana
Aula 8	22/03	8:50 às 9:30	crônica	Nana
Aula 9	27/03	9:30 às 10:10	crônica	Nana
Aula 10	28/03	9:00 às 9:45	crônica	Nana

Sylvia S. Damiani
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

Sylvia Teresinha Martins Damian
Vice-Diretora do Colégio de Aplicações
Port. 700/GR/2008

VI – Termo de estágio



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 384343

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional, **Sandra Regina Salvador Ferreira**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Diva Zandomenego**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Paula Rodrigues Leão**, CPF **081.120.599-18**, telefone **4799258072**, e-mail **paula.letrasport@gmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **8174030** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 20 horas (4 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 06/03/2012 a 06/07/2012, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Romeu Augusto De Albuquerque.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 384343

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1º ano-Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 20 de março de 2012.

Irene Terezinha Fuck
Diretora, em exercício,
DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL
Sandra Regina Salvador Ferreira - Diretora do DIP - PREG - UFSC
DIP/PREG/UFSC

Isabel Monguilhott
Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Paula Rodrigues Leão
Paula Rodrigues Leão - Estagiário

Diva Zandomenego
Diva Zandomenego - Coord. Estágios do Curso - UFSC
subcoordenadora do Curso de Graduação
em Letras Portugues
CCE/UFSC
Portaria nº 612/GR/2010

Romeu Augusto De Albuquerque - Supervisor(a) no local de Estágio

Sylvia Teresinha Martins Damiani
Vice-Diretora do Colégio de Aplicação
Port. 700/GR/2008


**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
 Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
 Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
 Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 389079

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional, **Sandra Regina Salvador Ferreira**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Diva Zandomenego**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Xênia Conrat**, CPF **076.256.229-32**, telefone **4832434039**, e-mail **xenilda@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **8174044** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|---|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguillott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 10/03/2012 a 11/07/2012, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Nara Caetano Rodrigues.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|---|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 389079

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1º ano - Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação de consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração d relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 09 de abril de 2012.

Sandra Regina Salvador Ferreira - Diretora(a) do DIP - PREG - UFSC

Isabel De Oliveira E Silva Monguillott - Prof.(a) Orientador(a)

Xênia Conrat - Estagiário

Diva Zandomenego - Coordenadora do Curso de Graduação em Letras Portugues - UFSC
 CCE/UFSC
 Portaria nº 612/GR/2010

Nara Caetano Rodrigues - Supervisor(a) no local de Estágio